



CONJUNTURA
INTERNACIONAL

ARDA S
DA NACIONAL
BUREA
25 JUN 2
PUBLIC OFFI
13/14 BUR
D

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-Reitora: Patrícia Bernardes

Assessor Especial da Reitoria: José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Paulo Roberto de Sousa

Pró-reitores: Extensão - Wanderley Chieppe Felipe; Gestão Financeira - Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; Graduação - Maria Inês Martins; Logística e Infraestrutura - Rômulo Albertini Rigueira; Pesquisa e de Pós-graduação - Sérgio de Moraes Hanriot; Recursos Humanos - Sérgio Silveira Martins; Arcos - Jorge Sundermann; Barreiro - Renato Moreira Hadad; Betim - Eugênio Batista Leite; Contagem - Robson dos Santos Marques; Poços de Caldas - Iran Calixto Abrão; São Gabriel - Miguel Alonso de Gouvêa Valle; Serro e Guanhães - Ronaldo Rajão Santiago



EDITORA PUC MINAS

Diretor: Patrus Ananias de Sousa

Coordenação editorial: Cláudia Teles de Menezes Teixeira

Assistente editorial: Maria Cristina Araújo Rabelo

Revisão: Virgínia Mata Machado

Marina Todde Vilela

Comissão editorial: João Francisco de Abreu (PUC Minas); Maria Zilda Cury (UFMG); Mário Neto (Fapemig); Milton do Nascimento (PUC Minas); Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUC Minas); Regina Helena de Freitas Campos (UFMG)

Conselho editorial: Antônio Cota Marçal (PUC Minas); Benjamin Abdalla (USP); Carlos Reis (Univ. de Coimbra); Dídima Olave Farias (Univ. del Bío-Bío - Chile); Evando Mirra de Paula e Silva (UFMG); Gonçalo Byrne (Lisboa); José Salomão Amorim (UnB); José Viriato Coelho Vargas (UFPR); Kabengele Munanga (USP); Lélia Parreira Duarte (PUC Minas); Leonardo Barci Castriota (UFMG); Maria Lúcia Lepecki (Univ. de Lisboa); Philippe Remy Bernard Devloo (Unicamp); Regina Leite Garcia (UFF); Rita Chaves (USP); Sylvio Bandeira de Mello (UFBA)

EDITORA PUC MINAS: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Rua Dom Lúcio Antunes, 180 • 30535-630 • Coração Eucarístico • Tel: (31) 3319.9904 • Fax: (31) 3319.9907 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil • e-mail: editora@pucminas.br



CONJUNTURA
INTERNACIONAL

ISSN 1809-6182

Conjuntura Internacional

Publicação do Departamento de Relações Internacionais
vinculada ao Curso de Graduação e ao Programa
de Pós-Graduação



PUC Minas

Belo Horizonte

v. 10 n. 3

p. 1 - 115

30 novembro de 2013

Conjuntura Internacional

Conselho Executivo

Prof. Leonardo César Souza Ramos
Profa. Geraldine Marcelle Moreira Braga Rosas
Vinícius Tavares de Oliveira

Conselho Editorial

Monica Salomon (UFSC)
Paulo Esteves (PUC-Rio)
Marta Garcia Moreno (PUC-Rio)
Shiguenoli Myamoto (UNICAMP)
Marco Cepik (UFRGS)
Geraldo Zahran Filho (PUC SP)
Flávio Sombra Saraiva (UnB)
Antônio Carlos Lessa (UnB)
Paulo José dos Reis Pereira (PUC SP)
André Luiz Reis da Silva (UFRGS)
Miriam Saraiva (UERJ)
Alexandre César Cunha Leite (UEPB)
Marcelo Oliveira (UNESP)
Leticia Pinheiro (PUC Rio)
Carlos Arturi (UFRGS)
Clarisa Giacaglia (Universidad Nacional de Rosario – UNR)

Assistentes de Editoração

João Pedro Silveira Martins, PUC Minas

Apoio

Departamento de Relações Internacionais
Chefe do Departamento: Professor Jorge Lasmar

SUMÁRIO

The green BRICS: how to cooperate and leverage renewable energy strategies.....07

Renata Thiébaud

Apresentação do Dossiê.....14

Dossier's Presentation

Professor Rodrigo Corrêa Teixeira

O ponto de partida para um repensar de África nas Relações Internacionais: as origens das contribuições pan-africanistas.....15

Starting point for a re-think Africa in International Relations: origins of pan-African contributions

Marina Scotelaro | Brener Seixas

Estudos Africanos: da perspectiva ocidental à proposta pan-africanista 24

African Studies: from Western perspective to pan-African proposal

Pedro Andrade Matos

A formação dos movimentos nacionalistas e a libertação de Angola40

Shaping nationalism movements and Angola's liberation

José de Jesus Ferreira | Luciana Cristina Campos

O pan-africanismo e o processo de integração na África Austral: uma perspectiva histórica49

Pan-Africanism and Austral Africa's integration process: a historic perspective

Nathaly Xavier Schütz

Resolução de conflitos na África Subsaariana: o papel do power-sharing e da capacidade estatal nos casos de Angola e da República Democrática do Congo59

Resolution of conflicts in sub-Saharan Africa: the role of power-sharing and state capacity in cases of Angola and the Democratic Republic of Congo

Igor Castellano da Silva | Pedro Txai Leal Brancher | Renata Postal | Taís Cristóvão Martins Vieira | Mariana Falcão Chaise

Pan-africanismo e desenvolvimento: um olhar sobre o Sistema Africano de Proteção dos Direitos Humanos75

Pan-Africanism and development: a look over the African System of Human Rights Protection

Angela Pires Tertó

Entre o Pan-Africanismo e o African Renaissance: a busca pelo desenvolvimento em um mundo em transformação87

Between Pan-Africanism and the African Renaissance: the search for development in a world in change

Anselmo Otávio

CRISE E DESENVOLVIMENTO: O Banco Interamericano de Desenvolvimento como um ator intelectual orgânico regional do capital.101

CRISIS AND DEVELOPMENT: Inter-American Development Bank as an intellectual organic regional actor of capital

Pedro Henrique Neves

Chamada de Artigo114



The green BRICS: how to cooperate and leverage renewable energy strategies

Renata Thiébaud¹ • Novembro de 2013

Resumo:

Ainda hoje, não é lugar comum prever o futuro dos BRICS enquanto bem sucedido e um bloco transcontinental. Este artigo busca estudar a cooperação entre os cinco membros dos BRICS no setor energético, analisando as cúpulas bem como as parcerias firmadas no campo da energia sustentável

Palavras-chave: BRICS, Cooperação, Energia Sustentável

Abstract:

Until today, it is not unanimous to predict the BRICS' future as a successful transcontinental bloc. This paper aims at studying the cooperation amongst the 5 BRICS countries on the energy sector, by analyzing the summits as well partnerships signed on the field of sustainable energy.

Key words: BRICS, Cooperation, Sustainable Energy.

The acronym BRIC was first coined in 2001 by the economist Jim O'Neill in the paper entitled "Building Better Global Economic BRICs". The term referred to emerging economies with great importance to the world's trade and economy as a whole. South Africa got included in the group in 2010, becoming a strategic member in the African continent.

With the population of 3 billion people, a combined nominal GDP of US\$14.8 trillion, and an estimated US\$4 trillion in combined foreign reserves, Brazil, Russia, India, China and South Africa geographically represents 4 continents. If institutionalized as a formal international organization, the BRICS would be the first transcontinental bloc in the global relations. Until today, it is not unanimous to predict the BRICS' future as a successful transcontinental bloc. Some scholars are positive and support the idea of threat to western economic supremacy, while others agree that the five countries are losing their momentum.

This paper aims at studying the cooperation amongst the 5 BRICS countries on the energy sector, by analyzing the summits as well partnerships signed on the field of sustainable energy.

Recommendations will enlighten this work in order to present a feasible solution on how the BRICS shall proceed to leverage cooperation on renewable energy.

The 1st BRIC summit took place in Yekaterinburg, Russia in 2009 amid a global financial crisis turmoil. The official high level meeting between the heads of government of four countries, Luis Inacio Lula da Silva, Dmitry Medvedev, Manmohan Singh and Hu Jintao, brought in a broad agenda concerns related to current global issues such as the financial crisis, reform of international financial institutions, 2007-2008 world food price crisis, global development as well as the future cooperation between the BRIC group, among and other topics. The 1st BRIC summit gained the spotlights raising hopes for a doable international power shift. Its importance has also relied on the need to align the members' foreign policy, understandings and goals, as a kickoff to tighten future cooperation. The dialogue resulted on the adoption of a 'Joint Statement of BRIC Leaders on Global Food Security'.

Since the first Joint Statement, attention was given to renewable energy as a feasible way to investing in sustainable development, despite of not being the main priority in the summit. The joint statement concluded that:

We are for strengthening the coordination and the cooperation of states in the energy sphere, including between producers and consumers of energy and transit states, in the efforts to reduce uncertainty and ensure stability and steadiness...(BRICS LEADERS IN..., 2009).

There is a consensus amongst the BRICS countries that clean sources of energy

has, indeed, a much lower environmental impact than conventional energy technologies. The development of renewable energy is not a global trend, but a real and immediate necessity.

Sustainable development through investment in renewable energy is also a synergetic understanding in the international arena. The BRICS have shown extensive support to the United Nation Millennium Development Goals, which together with poverty reduction targets an integration of the principles of sustainable development into domestic policies, laws and development programs.

The 3rd BRICS summit in 2010 paid great attention to environmental issues and sustainability as a whole. The points 13, 18, 19, 20, 21, 22, 23 of the Joint Statement all tackled the issue at some sort. Special considerations on renewable energy highlighted its importance and commitments for further cooperation, as the point 18 states: “We support the development and use of renewable energy resources. We recognize the important role of renewable energy as a means to address climate change. We are convinced of the importance of cooperation and information exchange in the field of development of renewable energy resources.”

Among the BRICS members, synergies and discrepancies in terms of alternative energy developments are clear, which allow the governments to cooperate and exchange know-how on

the spheres of policies, legislations and implementations.

Currently, renewable energy in Brazil is responsible for more than 85% of the energy industry. The know-how and commitments towards a sustainable development has brought the country to a leading position in the international arena.

Brazil is widely recognized as a model for sustainable development since it has the largest and most cost-effective hydroelectric and biofuel industries in the world. The United Nations praises the country for its continuous efforts and currently supports the inauguration the headquarters of the International Renewable Energy Center in the country.

Domestic laws and policies have passed in the Congress mostly as provisional measures in order to give legal foundation to the 2010-2019 PDE Plan for Energy Expansion and the Strategic Energy Plan ¹. The legal framework concerning renewable energy is not presented in a unified document, but their effectiveness and reduced bureaucracy are clear.

Despite of the success of renewable energy, the large dependence on hydropower, the weather dependent fluctuations in power output and the need to improve the legal framework pose as main challenges to leverage the diversification of renewable energy in Brazil.

¹ Provisional measure is a legal act in Brazil through which the President of Brazil can enact laws without approval by the National Congress.

New regulations on solar power and wind power were enacted in 2013 as these fields are not yet developed in the country. The gaps that still exist on the legal documents are slowing been filled out, so it is the government's commitment to sustainable development.

One may conclude that Brazil has effective laws and programs and most importantly, know-how on certain renewable energy technologies such as ethanol and biofuel that can be beneficial to the other BRICS members.

Russia is another strong country in the energy industry, since it has second largest coal reserves as well as one of the largest hydrocarbons reserves in the world. The Russian renewable energy industry is, nonetheless, new and there is an immediate need to improve domestic legislations for solar power, wind power and hydroelectric power.

The solar power industry, for instance, is nearly inexistent and the hydroelectric power, even with great potential, needs further development. Russia's deep dependence on hydrocarbons and nuclear energy has shown an increasing deficiency in the energy sector.

In 2013, the government released the programs "Energy Efficiency and Energy Development in Russia 2013-2020" as well as the draft law Renewable Energy Source Development Measures, which are expected to boost the green energy industry in the country, especially

in the North-West of the country, where large resources able to support green energy projects.

Russia is expected to allocate \$2 billion to renewable energy projects in a short run through power purchase agreements, which are not yet specified nor regulated.

In the highly populated India, as the growth of energy demand still poses a challenge, the implementation of the ethanol-blending program has become one of the governments top priorities. The goal is to double renewable energy capabilities by 2017 for solar, wind power and biomass.

The costs of renewable energy have been pointed out by the government the main barrier for sustainable development, thus the blackout in 2012 brought about the necessity to re-think and implement new strategies for the power sector.

The Indian legal framework has brought several difference sources such as Electricity Act of 2003, India Energy Policy (IEP) 2006, 11th Five Year Plan. In 2013, a new draft on National offshore wind energy policy got released through which new investments on the field shall be done promptly.

The legal frameworks in India and in Russia are still new, so is in South Africa, as will be analyzed later. Both countries have indeed acknowledged the immediate need to implement new laws, policies and investment in the renewable energy field.

Due to the raise of the energy consumption, the development of green energy industry in China recorded the greatest expansion globally. The Renewable Energy Law (2005 and April 2010) and the 12th Five Year-Plan in 2008, have resulted on great achievements: China has become the world solar photovoltaic technology manufacturer besides increasing investments that reach 10 trillion yuan into strategic sectors.

China has become the largest producer of hydropower, the third largest producer of biofuels, and the fifth largest producer of wind energy². Its vast territory poses as great foundation for sustainability. Notwithstanding, according to the World Bank, comprehensive package of policy measures, including fiscal, financial and economic incentives, overly regulation phasing out fossil fuel subsidies and the carbon pricing are some of the fields in considerable need of improvements.

Finally, in South Africa, great attention has been giving in order to enact laws since few alternative energy projects for electricity generation have been deployed. Despite of most of the energy being provided by coal-fired power stations, South Africa has good solar and wind resources, which could contribute for further green energy developments in the country.

In 2008 the Energy Act was enacted, followed by the White Paper on Renewable Energy, Integrated Energy Plan, Integrated Resource Plan 2010-

2030. The purpose of the Act is to ensure that diverse energy resources are available, in sustainable quantities and at an affordable prices; integrated energy planning; increased generation and consumption of renewable energies; appropriate energy infrastructure; and also establishment of institutions responsible for energy research.

Among the BRICS countries, Brazil and China have shown efficient developments on renewable energy despite of acknowledged areas for improvements in different sectors. It is primordial, therefore, to pinpoint how each of them can contribute with the other members.

Brazil has been a strong player in renewables, as the Sanya declaration states:

23. ... China, Russia, India and South Africa appreciate Brazil as the host of the 2012 UN Conference on Sustainable Development and look forward to working with Brazil to reach new political commitment and achieve positive and practical results in areas of economic growth, social development and environmental protection under the framework of sustainable development... (SASHA, 2011).

Brazil's strengths rely on the effectiveness of the ethanol and biofuel industries. The Brazilian ethanol program (or Proalcool) was launched in the 1970s after the oil crisis. Along more than 30 years, Brazil was able to implement successfully regulations for green ethanol (out of the residual cane-waste) as well as developing its own agricultural technology for both ethanol and biodiesel/biofuel, with competitive price.

² Gloria Coleman

According to the government, Brazilian ethanol is currently the world's best and most advanced option for sustainable production of biofuels on a large scale. It is for this reason that, by law, 25% of ethanol shall be blended into the gasoline, while biodiesel shall be added to diesel oil in the proportion of 5%.

The German Federal Ministry of Economic Cooperation and Development has highlighted in their Policy Analysis the advantages Brazil carries concerning renewable energy:

Brazil has built an attractive regulatory and technical environment facilitating target achievement. First, liberalization of the electricity market has allowed new power producers to enter the market [...] Secondly, Brazil has improved and extended its power grid over the last ten years, having established the technical basis for integrating RE electricity into the power system [...] Thirdly, the Brazilian government has focused on providing support to competitive RE technologies only [...] it has helped avoid higher electricity prices often occurring under regimes of fixed tariffs or subsidies. (GERMAN FEDERAL MINISTRY..., 2012, p. 47)

The Brazilian strategy focuses on a basket of effective regulations, liberalization of the electricity market and technological development. This strategy has allowed the prices to be competitive, resulting on an increase of investments as a whole.

Meanwhile in China, incentives and supportive policies have driven the renewable energy industry, which contribute for immense

investment allocations in the field. According to the Forbes magazine, since 2004, China has invested more than \$1 trillion in renewable energy, being the solar and wind technology the industries that have faced major changes and achievements.

The Chinese technology for both solar panels and wind turbines has not only allowed China to become one of the biggest manufactures in the world in both fields, but also one of largest investor abroad.

The Chinese strategies rely on the use of Development Banks loans for solar and wind projects in developing countries. Chinese companies have developed generation capacity from wind and solar energy sources as well as plans to invest in renewable energy projects in South Africa in the next few years. The China-Africa Development Fund may support and fund such projects.

Mutual financial and investment is also a key mechanism for cooperation. The BRICS Multilateral Cooperation and Co-financing Agreement for Sustainable Development resulted from the 5th BRICS Summit in Durban, in 2013, brought two different developments that shall contribute for further investments in the renewable energy.

One is the cooperation among the BRICS member's Development Banks. The Brazilian Development Bank (BNDES), the Bank for Development and Foreign Economic

Affairs (Vnesheconombank), the Export-Import Bank of India, the China Development Bank (CDB) and the Development Bank of Southern Africa (DBSA) seek to finance projects related to sustainability and the low-carbon economy.

Moreover, the Joint Statement stated the founding of a common BRICS Bank that may be established in few years would fund both infrastructure and renewable energy projects. It was discussed a mutual contribution of around \$100 million dollars for the initial capital of the bank as a start up, to be split equally among the members, however, further discussions are needed if the plan is to inaugurate the bank in 2016.

The banking cooperation and the BRICS bank are, indeed, valuable tools for the renewable energy field. The success of this cooperation is still unclear, yet promising.

Mutual cooperation through the exchange of successful policies and regulations, cooperation in green technology and mutual investment are paramount to build a green BRICS.

The necessity to develop the clean energy industry has been acknowledged, however, Russia, India and South have a long path. Brazil, with effective green energy laws and ethanol technology together with China will strong funding allocation and solar and wind technologies can learn from each other's failures and success in order to make the BRICS a future green power.

At last, the BRICS Multilateral Cooperation and Co-financing Agreement for Sustainable Development seeks to establish the basis for coordination and an exchange of information between the development institutions in the five countries, aimed at improving mechanisms for sustainable development and building partnerships in this area.

If all of these instruments are put in practice within the next few years, the BRICS has great potential to become the new green power.

Referências

BEST CURRENT AFFAIRS. March 28, 2013. Available at: <http://bestcurrentaffairs.com/w/2013/03/28/timeline-of-brics/>

BIOFUELS: BRAZILIAN BREW America opens up to Brazilian ethanol. Jan 7th 2012. The Economist Magazine. Available at: <http://www.economist.com/node/21542431>

BNDES Bank. "BNDES and other development banks in the BRICS sign cooperation agreements". March, 2013. Available at: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_en/Institucion-al/Press/Destaques_Primeira_Pagina/20130327_brics.html

BRAZIL EN ROUTE to becoming a global clean powerhouse. The BRICS Post. May 13, 2011 Available at: <http://thebricspost.com/brazil-en-route-to-becoming-a-global-clean-powerhouse/#.UZ-T3qt5gVk>

BRIC LEADERS IN favor of energy dialogue. RiaNovosti. June, 2009. Available at: <http://en.rian.ru/world/20090616/155270280.html>

EISENTRAUT, Anselm; WALDRON, Michael. Brazil's biofuel sector: What future? The Brazilian biofuel sector has a bright future, though there are challenges to overcome.

ESADO DE SÃO Paulo Newspaper. Available at: <http://economia.estadao.com.br/noticias/neg%C3%B3cios,brasil-tem-menos-incentivos-a-energia-renovavel-que-eua-e-china,84491,0.htm>

GERMAN FEDERAL MINISTRY of Economic Cooperation and Development. Legal Frameworks for Renewable Energy. Policy Analysis for 15 Developing and Emerging Countries Available at: <http://www.icafrica.org/fileadmin/documents/Knowledge/>

GIZ/Legal%20Frameworks%20for%20Renewable%20Energy.pdf

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY. Topic: Biofuels. Available at: <http://www.iea.org/topics/biofuels/>

RENEWABLE ENERGY DIVISION, International Energy Agency. Available at: http://www.oecdobserver.org/news/fullstory.php/aid/3748/Brazil_92s_biofuel_sector:_What_future_.html

SA, CHINESE FIRMS invest in green energy. December 2010. Available at: <http://www.southafrica.info/business/investing/mulilo-061210.htm#.Ua9BHGR5gVk#ixzz2VLjS3oU8>

SASHA, Deng. Full text of Sanya Declaration of the BRICS Leaders Meeting. Xinhua Agency. April, 2011. Available at: http://news.xinhuanet.com/english2010/china/2011-04/14/c_13829453.htm

THE BRICS SUMMIT Lacking mortar. Mar 27th 2013. The Economist Magazine. Available at: <http://www.economist.com/blogs/newsbook/2013/03/brics-summit>

UNESCAP. Finding a green engine for economic growth China's renewable energy policies. Available at: http://www.unescap.org/esd/environment/lcgg/documents/roadmap/case_study_fact_sheets/Case%20Studies/CS-China-Renewable-Energy-Policies.pdf

XIN Qiu, HONGLIN Li. "Energy Regulation and Legislation in China." Environmental Law Institute, 2012.

ⁱ Doutoranda em Public Policy pela Universidade Tsinghua, China. Na China desde 2006, trabalhou nas Organizações das Nações Unidas para os Refugiados, prestou serviços para a Unicef e atualmente desenvolve acordos econômicos e diplomáticos entre o Brasil e a China.

Apresentação

África – Dossiê I

Professor Rodrigo Corrêa Teixeira¹ • Novembro de 2013

O boletim eletrônico Conjuntura Internacional do Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas, em parceria com o Grupo de Estudos Africanos, apresenta o primeiro dossiê sobre “África” - Identidades, ideologias e democracia na África.

A proposta é apresentar um panorama da produção recente de especialistas na África, de vários centros de pesquisa brasileiros e estrangeiros, que tratam com as questões identitárias e ideológicas do bloco africano e de seus atores internacionais na contemporaneidade, com especial atenção para a África Austral. A perspectiva engloba tanto as discussões da situação pós-colonial dos Estados africanos quanto os movimentos intelectuais e da sociedade civil, tais como o pan-africanismo, a negritude e o pan-arabismo.

Os dois primeiros artigos do dossiê, *O ponto de partida para um repensar de África nas Relações Internacionais: as origens das contribuições pan-africanistas* (Marina Scotelaro e Brener Seixas) e *Estudos Africanos: da perspectiva ocidental à proposta pan-africanista* (Pedro Andrade Matos) contextualizam por meio de uma história das ideias e das ideologias como se pode compreender as relações internacionais africanas.

Em *A formação dos movimentos nacionalistas e a libertação de Angola* (José de Jesus Ferreira e Luciana Cristina Campos), *O pan-africanismo e o processo de integração na África*

Austral: uma perspectiva histórica (Nathaly Xavier Schütz) e *Resolução de conflitos na África Subsaariana: o papel do power-sharing e da capacidade estatal nos casos de Angola e da República Democrática do Congo* (Igor Castellano Da Silva, Pedro Txai Leal Brancher, Renata Postal, Taís Cristovão Martins Vieira e Mariana Falcão Chaise) são apresentados estudos de caso reveladores da complexidades regionais africanas à luz das abordagens mais contemporâneas das Relações Internacionais.

Em *Pan-africanismo e desenvolvimento: um olhar sobre o Sistema Africano de Proteção dos Direitos Humanos* (Angela Pires Terto) e em *Entre o Pan-Africanismo e o African Renaissance: a busca pelo desenvolvimento em um mundo em transformação* (Anselmo Otávio) análises apuradas de alguns processos recentes e de tendências acerca dos direitos humanos e do desenvolvimento na África são discutidos de forma inovadora.

A perspectiva de uma parte considerável das novas pesquisas sobre as relações internacionais africanas perpassam o estudo a colonialidade. Assim a situação colonial e suas heranças são pensadas através das relações de poder, do conhecimento e da subjetividade produzidas no processo histórico da colonização.

Em oportunidade próxima, por meio de um novo dossiê sobre “África” - A África e as potências médias – abarcaremos tanto a inserção internacional das potências médias africanas, quanto os conflitos e os processos de cooperação envolvendo as potências médias mundiais na África.

Assim, as transformações do capitalismo e as novas emergências derivadas dele, serão objeto do monitoramento e crítica nas páginas de uma nova edição do Conjuntura Internacional, que completou seus dez primeiros anos em 2013.

¹ Professor do Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: rteixeira@pucminas.br



O PONTO DE PARTIDA PARA UM REPENSAR DE ÁFRICA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: AS ORIGENS DAS CONTRIBUIÇÕES PAN-AFRICANISTAS

Marina Castro | Brener Seixas¹ • Novembro de 2013

Resumo:

Propõe-se recuperar as contribuições do panafricanismo que foram marginalizadas nas Relações Internacionais com o intuito de analisar como o conhecimento a partir de vertentes afrocentradas contribui e pode contribuir para a inversão da lógica imperial e colonial no pensamento das Relações Internacionais.

Palavras-chave: Relações Internacionais - Pós-colonialismo - Panafricanismo.

Abstract:

This paper aims to recover the Pan-Africanism contributions, which has been marginalized in the International Relations field, in order to analyze how the Afrocentric knowledge contributes and can still contribute to reverse the colonial and imperial logic in the International Relations thinking.

Key words: International Relations - Post-colonialism - Pan-Africanism.

O desenvolvimento das relações internacionais – notadamente baseado sobre relações desiguais em termos de distribuição de poder entre os atores – manifesta-se para além de suas formas políticas, legitimando-se por meio de concepções e linguagens de pesquisa no campo de estudo das Relações Internacionais. Por tal razão, este trabalho se alia às tentativas de alterar a colonialidade do saber inerente ao próprio campo de estudos, reafirmando a importância na formação do conhecimento de África pela África, ponto por nós enfatizado neste momento. Nosso objetivo é então apontar alguns elementos para a discussão epistemológica do campo das Relações Internacionais a partir de vertentes contra-hegemônicas como o pós-colonialismo e o pan-africanismo. Partimos do entendimento das Relações Internacionais como um campo de estudos que tem suas origens e seu desenvolvimento baseados em características imperialistas, presentes nas relações entre os atores e também na produção do conhecimento (INAYATULLAH, BLANEY, 2004; SAURIN, 2006). Logo, por não se ter superado os momentos de dominação, o referido campo de estudos possui uma natureza “colonial”. Partindo deste pressuposto, propõe-se então uma “descolonização” das Relações Internacionais. Por descolonizar entendemos: uma produção ativa de uma ordem internacional diferente; a emergência de novos imaginários e de novas

alternativas teóricas que por sua vez, tornar-se-ão respostas políticas e metodológicas para o descaso e o silenciamento de outros povos na construção da História. Tal esforço não se justifica somente pelo fato de serem o imperialismo e o colonialismo ofensivos como organização do mundo, mas porque o campo de estudos das Relações Internacionais, sob essas condições, é mistificado e obscurecido afetando as interpretações sobre a constituição da ordem mundial, e seu entendimento (LUCAS, 1973).

Isso se deve ao fato de que há uma ilusão sobre o processo ativo de construção da História: os atores que conseguiram impor sua supremacia, os imperialistas e os colonizadores, fazem-no no nível material de organização social e no nível intelectual, ao retirarem o poder de representação dos povos colonizados e dominados. Para além da condição de autodeterminação, os povos são desapropriados de suas próprias Histórias (SAID, 1990), inserindo-se em um contexto generalizante da História dos “vencedores”, eixo central da História Mundial. A grande ilusão é considerarmos a história da evolução dos Estados-nação como momento fundante e devir histórico das Relações Internacionais. Por isso que

(...) Qualquer tentativa de descolonizar RI deve confrontar as distorções políticas e metodológicas embutidas no mainstream para reconstruir o conhecimento não-eurocêntrico, historicamente adequado sobre a constituição global de todas as regiões do mundo e a constituição global do

internacional por si.” (JONES, 2006, p. 12).¹

Neste sentido, o momento ou o sentido “pós-colonial” – que se refere a essa descolonização apontada – surge como estratégia epistemológica para a ruptura de conhecimentos enviesados e unilaterais (GROSFUGUEL, 2008). Dado o fato de o processo de descolonização ser ligeiramente mais complexo do que a simples desocupação da administração colonial por parte da metrópole, este fenômeno requer um tratamento analítico diferenciado, o qual permita a aparição de outros sujeitos históricos e novas possibilidades. É, antes de tudo, um processo histórico, produto da atividade de forças sociais cujo nó concentra e manifesta a realidade histórica ao mesmo tempo em que faz possível uma análise interna para a qual se identifica o inimigo imediato – não apenas aquele do momento inicial das lutas nacionalistas iniciadas no pós II Grande Guerra. A luta anticolonial é – se pensada de uma forma ampliada, como em GALTUNG (1969) – uma luta contra todas as formas de violência, pontual e estrutural.

O campo das reflexões pós-coloniais se consolidou de fato no final da década 1980, iniciando-se pela teoria literária, alcançando a

história, antropologia, sendo hoje “um dos mais poderosos fatores de transformação teórica e metodológica do campo das humanidades e das ciências sociais.” (RIBEIRO, 2010, p. 114). O denominador comum entre os principais expoentes do pensamento pós-colonial – dentre os quais se incluem grandes referências pan-africanistas, como mostraremos a seguir – é o modo como as diferentes interpretações convergem para uma compreensão do mundo a partir de uma crítica sobre as relações desiguais entre o norte político e o sul políticas, todas assentadas sobre a matriz da relação colonial a partir do ponto de vista do colonizado.

Ainda que as referências iniciais de formação do campo tenham provenham de bases anglo-saxônicas, tem-se um conjunto de intelectuais em situação diaspórica para ocupar espaços em grandes universidades que abriram as portas para os estudos pós-coloniais. São eles representantes importantes do movimento de formação de uma consciência anticolonialista e de uma luta política e militar anticoloniais para a configuração de um discurso crítico enquanto discurso da diferença formulado no seio da relação colonial a partir da perspectiva dos oprimidos, a dizer, a partir das experiências de luta anticolonial em países colonizados na África².

¹ Tradução livre do original “[...] Any attempt to decolonize IR [International Relations] must confront the substantive, methodological and political distortions embedded within the mainstream in order to reconstruct non-Eurocentric, historically adequate knowledge about the global constitution of all regions of the world and the global constitution of the international itself.” (JONES, 2006, p. 12).

² A despeito das diferenças existentes entre os autores, podemos citar alguns intelectuais que compõem esse grupo: Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, Paul Gilroy, Anthony Appiah, Frantz

O DESENVOLVIMENTO PANAFRICANISTA

Nosso foco em autores dessa tendência se justifica pelo fato de que, mais do que qualquer outro povo que sofreu uma desapropriação de sua história, a África foi a região mais sistematicamente excluída da História. A arquitetura da exclusão por meio da ideologia da história do mundo – eurocentricamente violenta – continua a moldar a relação dos povos do continente frente ao restante do Ocidente. A suposta ausência de História e de organizações políticas nos povos africanos viabilizou o projeto imperial sob o prisma da democratização. Como a historiografia imperial tem privilegiado a palavra escrita, e grande parte das análises sobre os diversos sistemas políticos africanos são, por sua vez, baseados em registros derivados da memória social das comunidades (como costumes, rituais, crenças, narrativas orais de toda ordem), a discriminação fundada no princípio renascentista da necessidade de história escrita para existência dos povos ainda influi negativamente sobre a elaboração de conhecimentos “científicos” sobre o continente (AYERS, 2006).

A história dos povos africanos foi erigida a partir de fora; era, em si, uma atividade científica extrovertida. O Afrocentrismo – o movimento rumo ao conhecimento tão buscado

pelos iniciativas oriundas das posturas pan-africanistas – consiste

na construção de uma perspectiva teórica radicada na experiência africana. Ela difere do eurocentrismo, porque propõe o resgate e a reconstrução de um centrismo africano, mas não assume uma postura universalista, ou seja, o afrocentrismo não propõe que seus elementos sejam universais e aplicáveis a outras experiências humanas. A tarefa acadêmica afrocentrada consiste em estudar, articular e afirmar aquilo que diferencia o ponto de vista africano, identificando ao mesmo tempo, os postulados supostamente universais do eurocentrismo. (VIEIRA, 2006 p. 4).

A origem do debate do pan-africanismo ou das vertentes afrocentradas remonta aos finais do século XIX. Edward Said, em *Orientalismo: representações ocidentais do ocidente* (1990), demonstrou de forma definitiva que Ocidente e Oriente são criações abstratas elaboradas pelo próprio Ocidente. Seguindo esse raciocínio, a ideia geográfica Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha de África também é uma criação ocidental, onde na divisão entre Ocidente e Oriente foi deixado um buraco para a África subsaariana, como se ela fosse um subproduto do orientalismo. Essa perspectiva desembocou em associações que caracterizavam a África subsaariana como primitiva e selvagem, o que por sua vez justificou o tráfico de escravos e demais apropriações de África pelo Ocidente (LOPES, 2005). A Teoria Poligenista e o Darwinismo Social foram exemplos desse racismo intelectual que tentava comprovar cientificamente a superi-

Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire e Édouard Glissant.

oridade da raça branca diante da suposta inferioridade do negro.

Como contraponto a esse racismo, o pan-africanismo se consolidou após as independências nacionais ocorridas na década de 1970, para combater as formas de neocolonialismo incidentes no continente africano (NKRUMAH, 1963). Surgido no final do século XIX nos Estados Unidos, e liderado por intelectuais negros, esse movimento objetivava a união da raça negra no plano psicológico, criando uma irmandade simbólica entre os negros de todo o mundo. Foi contra a ordem histórico-racial-social que os integrantes do pan-africanismo insurgiram, propondo a união da raça negra contra o preconceito a que estavam submetidos (SANTOS, 2007).

A necessidade de afirmação do negro e a busca pelo seu reconhecimento como sujeito importante na História após ter sido subjugado e servido de instrumento para a consecução de interesses de outrem, levou os pan-africanistas a iniciarem um intenso processo de reversionismo histórico e mobilização cultural que os direcionassem ao reencontro com suas origens africanas. Inicialmente, os três nomes fundamentais que alavancaram o movimento foi o do trinitário Sylvester Williams, do estadunidense William E. B. Du Bois e do jamaicano Marcus Garvey (DEVÉS-VALDÉS, 2008).

Williams foi o responsável pela organização do primeiro Congresso Pan-africano, reali-

zado na cidade de Londres em 1900, no mesmo período em que acontecia a exposição universal de Paris (SANTOS, 2007). Foi nesta ocasião que o termo pan-africanismo foi destacado pela primeira vez. Note-se que a principal resolução desse congresso foi referente ao confisco de terras na África do Sul pelos ingleses e africânderes, e ao destino da Costa do Ouro (Gana) (TSHIYEMBE, 2002). Ainda em 1900, Williams foi à África do Sul e junto com o ganês F. Z. S. Peregrino fundou um jornal e criou uma sociedade pan-africana que objetivava disseminar conhecimentos que assegurassem aos africanos e seus descendentes mundo afora, direitos civis e políticos por meio da viabilização de uma legislação operante em favor de melhores condições para o negro africano (DEVÉS-VALDÉS, 2008).

Du Bois foi o responsável pela dilatação da noção pan-africanista, sendo considerado o patrono do movimento. Exerceu uma grande influência sobre escritores estadunidenses, e seu livro *Almas Negras* (*The souls of the block folk*) de 1903, tornou-se uma espécie de bíblia para os intelectuais do movimento, que também foi chamado de Renascimento Negro (DOMINGUES, 2005).

Marcus Garvey, por sua vez, fundou a Universal Negro Improvement Association, com o objetivo de unir todos os negros em um só povo (DEVÉS-VALDÉS, 2008). Também conhecido como messiânico, foi o responsável por opor ao racismo branco um verdadeiro rac-

ismo negro inaugurando a sua própria igreja, a African Orthodox Church, onde os anjos eram negros e Satanás era branco (SANTOS, 2007). Em oposição à Casa Branca, centro do poder estadunidense, Garvey propôs a criação de uma Casa Negra a ser presidida por um negro, além de defender o projeto do regresso dos negros à África. O ideário de Marcus Garvey, por sua vez,

[...] haveria de conduzir, pela ideia de completa igualdade entre negros e brancos, a emancipação total dos povos africanos do jugo colonial. E apesar do seu malogro, teve Garvey, o grande mérito de obrigar os negros a tomarem consciência da própria origem, criando neles, pela primeira vez, um sentimento de solidariedade. (DECRAENE, 1962, pp. 19-20 apud SANTOS, 2007, p. 39).

Vários outros Congressos Pan-Africanistas aconteceram após aquele de 1900. Destacam-se o Congresso de Paris em 1919 e o Congresso de Nova York em 1927, no qual Marcus Garvey criou uma companhia Marítima - Black Star Line - que mobilizou mais de três milhões de afro-americanos (TSHIYEMBE, 2002). Naquela ocasião, Du Bois e Garvey explicitaram suas divergências quanto ao que acreditavam ser o pan-africanismo. No Congresso de Manchester, em 1945, foi aprovado um manifesto que dizia “Resolvemos ser livres... Povos colonizados e subjugados do mundo, univos.” (TSHIYEMBE, 2002). A partir dos congressos seguintes ao ocorrido em Manchester, pode ser observado a consolidação da consciência africana sobre balcanização da África, resultado

da Conferência de Berlim (1884-1885), e a partir daí o movimento pan-africanista iniciou a formulação de uma estratégia de recomposição geopolítica do continente que resultaria na criação da Organização da União Africana em 1963, atualmente substituída pela União Africana.

No contexto de um revisionismo histórico que objetiva inverter a lógica do imperialismo europeu, Cheik Anta Diop (1923 – 1983) foi um dos principais intelectuais para a condução desse processo. Ao comprovar que o primeiro habitante europeu foi negro, e que raça não existe (DIOP, 1991), ele lança as bases intelectuais que refutam argumentos europeizados que justificam a atuação imprudente dos colonizadores da África. Ademais, o trabalho de Diop foi fundamental para se pensar e evidenciar as potencialidades que a África tem, e como utilizá-las em favor do próprio continente.

Firmado na premissa de que o passado africano fora contado por não africanos, o intelectual senegalês enfatiza a necessidade de trazer esse passado à vida através de análises sócio-históricas que abordam um período de dois mil anos, outrora ignorado por aqueles que se apropriaram da tarefa de disseminação de uma narrativa falsa sobre a África. Nesse processo de reafirmação da legitimidade africana em narrar sua própria história, Diop enfatiza a possibilidade de se ter uma língua africana oficial para uso em escala continental, e demonstra a possi-

bilidade da consolidação de uma unidade política africana por meio do federalismo bicameral. Seus argumentos culminaram na criação dos “14 pontos para a união africana” (DIOP, 1987) que reafirma os ideais pan-africanistas sob a forma de um planejamento político que viabiliza na prática as pretensões de unificação africana.

Os esforços de criação de uma identidade pan-africanista empreendido pelos mencionados patriarcas do movimento tiveram influência marcante nos trabalhos de Diop. As demonstrações do intelectual senegalês sobre como o continente africano é autossuficiente para assumir o seu espaço no cenário internacional, contribuíram para inverter a narrativa dependentista e subserviente que foi construída e sustentada por teóricos e intelectuais europeus ao longo do período colonial, pois reviu e refundamentou histórica e cientificamente as origens africanas. Esse revisionismo realocou a África, a partir do Antigo Egito, na posição de berço científico da intelectualidade europeia, que segundo Diop, teve o seu pensamento legitimado a partir de bases africanas.

POTENCIAL INTERPRETATIVO PAN-AFRICANISTA

Tentamos com esta breve exposição elencar alguns elementos que contribuem para um movimento de reinterpretação dos sujeitos e de seu papel na história e na produção de conhecimento nas Relações Internacionais. A

principal contribuição deste debate para tal campo é apontar um novo caminho para construção do saber, não centralizado na forma hegemônica do positivismo eurocêntrico. Consideramos que a abordagem pós-colonial deve ser um dos principais elementos para evidenciar o pensamento afrocentrado nos debates das Relações Internacionais, pois permitiu identificar e reposicionar o colonial na narrativa dominante, abrindo espaço para a reafirmação e reapropriação do verdadeiro lugar da África nas Relações Internacionais. Ressalta-se que este movimento ainda deve ser considerado incipiente, dado a dimensão da mudança sistêmica necessária para que a perspectiva pan-africanista esteja presente nos grandes debates.

Nesse sentido, a linguagem pan-africanista, por ser um instrumento de poder para inversão do paradigma eurocêntrico, deve se tornar uma prática na produção de saber e se refletir materialmente na estrutura desigual de poder do globo, haja visto a persistência das formas neocoloniais no continente africano ainda no século XXI. Portanto, a descolonização das Relações Internacionais deve ser um processo contínuo, para que a resposta pan-africanista prevaleça diante do descaso e das insistentes tentativas de silenciar os marginalizados pela referida arquitetura da exclusão.

Devemos entender as contribuições pan-africanistas nas Relações Internacionais tanto para a incorporação de novos elementos para

uma renovação social do campo quanto como um novo método de compreensão das sociedades não hegemônicas, que devem, de igual maneira, fazer parte ativa na construção da História.

Referências

AYERS, Alison J. Beyond the Imperial Narrative: African Political Historiography Revisited. In: JONES, Branwen Gruffydd (org.). *Decolonizing international relations*. USA: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2006.

BORJA, Janira Trípodí. Premissas para o estudo da cultura nas Relações Internacionais. IV ENECULT. Facom-UFBA. 2010.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. O pensamento africano sul-saariano: conexões e paralelos com o pensamento latino-americano e o asiático (um esquema). Rio de Janeiro: CLACSO, 2008.

DIOP, Cheikh Anta. *Black Africa: the economic and cultural basis for a federal state*. Chicago: Lawrence Hill Books, 1987.

DIOP, Cheikh Anta. *Civilization or barbarism: an authentic anthropology*. Trad. Yaa-Lengi Meema Ngemi. Chicago: Lawrence Hill Books, 1991.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. In: *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

GROSFUGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 115-147.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOUNTONDI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008: 149-160.

INAYATULLAH, Naeem; BLANEY, David L. *International Relations and the Problem of Difference*. NewYork/London, Routledge, 2004.

JONES, Branwen Gruffydd (org.). *Decolonizing international relations*. USA: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2006.

LOPES, Carlos. *África e os desafios da cidadania e inclusão: o legado de Mário de Andrade*. Assembleia Geral do Codessria, Maputo, 2005.

LUCAS, Philippe. *Sociología de la descolonización.. Nueva Visión*. Buenos Aires, 1973.

MARCON, Frank. *Estudos pós-coloniais em reflexão. Afro-Leituras. Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas*. UFSC - Laboratório de Antropologia Social. s/d

NKRUMAH, Kwame. *L'Afrique doit s'unir (Etudes et documents)*. Paris: Payot, 1963.

RIBEIRO, Cláudio Oliveira. União Africana: possibilidades e desafios. In: Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – II CNPEPI, 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2008.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Pan-africanismo e movimentos culturais negros. In: *ANALECTA*, nº1, pp. 67-77, 2007.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAURIN, Julian. *International Relations as the Imperial Illusion; or, the Need do Decolonize IR*. In: JONES, Branwen Gruffydd (org.). *Decolonizing international relations*. USA: Rowman & Littlefield Publishers, Inc. 2006.

TSHIYEMBE, Mwayila. A difícil gestação da nova União. In: *Le Monde Diplomatique*, n. 30, 2002. Disponível em: <http://diplo.dreamhosters.com/2002-07,a354.html> Acesso em: 28/03/2013.

VIEIRA, Francisco Sandro Silveira. Do eurocentrismo ao afropessimismo: Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil. *Em Debate*. n. 03. Depto. de Serviço Social; PUC-Rio. 2006.

GALTUNG, Johan. *Violence, Peace, and Peace Research*. *Journal of Peace Research*, v. 6, n. 3. 1969, p. 167-191.

ⁱ Marina possui Graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica; Mestrado em Política Social em andamento pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Brener cursa Relações Internacionais na PUC Minas, e Ciências do Estado na UFMG. Bolsista de pesquisa da Fundação Dom Cabral e membro do GEA - Grupo de Estudos Africanos.



ESTUDOS AFRICANOS: DA PERSPECTIVA OCIDENTAL À PROPOSTA PAN-AFRICANISTA¹

Pedro Andrade Matos¹ • Novembro de 2013

Resumo:

Como proposta pan-africanista, meados do século XX. O Pan-africanismo iniciou uma nova interpretação sobre a história africana, porém desafios surgiram, e atualmente há uma necessidade de retomar a proposta pan-africanista no que se refere aos estudos africanos.

Palavras-Chave: *África, Ocidental e Pan-africanismo.*

Abstract:

The article analyzed Africa as an object of study, the Western view of the nineteenth century, to the pan-Africanist proposal in the middle twentieth century. The Pan-Africanism began a new interpretation of African history, but challenges have emerged, and currently there is a need to review the Pan Africanist proposal concerning African studies.

Keywords: *Africa - Pan-Africanism - Western.*

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Estudantes- Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, da CAPES/CNPq – Brasil.

O século XIX presenciou progressos em vários campos de conhecimento, nomeadamente, física, sociologia, psicologia, entre outros. Conhecimentos estes, na sua maioria produzidos e disseminados a partir da Europa (euro-centrismo), que automaticamente se assumiu como o parâmetro.

A partir dali, o conhecimento válido era aquele produzido no Ocidente. Qualquer outro que fugisse ao “parâmetro” não teria o mesmo valor, aliás, nem valor teria, já que era produzido nas sociedades não ocidentais, situadas na escuridão da ciência, onde habitavam os bárbaros. Cabia, então, ao Ocidente a missão de libertar as suas almas do pecado e da sede de conhecimento, criando-se dois mecanismos para tal função: a civilização ambivalente à barbárie e a ciência válida, feita por fontes escritas, contrapondo-se ao conhecimento precário, não científico, originário de fontes orais das sociedades bárbaras.

Como sociedade não ocidental, a África cabia perfeitamente na última modalidade da ciência e, tida como uma sociedade bárbara, constituía, na percepção ocidental, um “lugar sem história e sem progresso demonstrável”. Mas, o referido enquadramento foi válido? Assim sendo, foi embasado em quê? De todo modo, a ciência à perspectiva ocidental foi usada para justificar a mais horrenda forma de domínio e massacre no território africano, com consequências sociais e políticas até hoje.

O enquadramento ocidental possibilitou, por outro lado, a reação dos africanos e dos seus descendentes que se encontravam na diáspora: uma geração de políticos e intelectuais que defendiam a África e a promoção do negro, conhecida como pan-africanista. Neste ponto, surge a proposta do artigo que é analisar a África como objeto de estudo, na visão Ocidental, ao final do século XIX, e, que reação isso provocou nas sociedades não ocidentais, com maior enfoque no movimento pan-africanista. Entendendo que a visão ocidental, ao se impor sobre o conhecimento existente, foi implacável, destruiu um arquétipo, criando uma dependência difícil de ser superada.

Neste artigo, será apresentada a África (como objeto de estudo) na visão ocidental. Em seguida, a resposta pan-africanista às leituras ocidentais sobre o continente, desaguando na criação de estudos africanos. Também discutirá o estado das ciências sociais no continente. E, por fim as considerações finais sobre o assunto.

Perspectiva Ocidental

A ciência de modo geral foi marcada pelos eventos do século XIX: a história se separa da literatura, aproximando-se das correntes filosóficas do momento, como o nacionalismo e o liberalismo. Origina-se o etnocentrismo, o racismo, as tendências historiográficas, nomeadamente o positivismo e o materialismo histórico, que eram embasados na dialética hegeliana. Nesta perspectiva, a visão eurocêntrica se auto-definiu

como o único parâmetro, enquanto o resto do mundo, ou seja, as sociedades não ocidentais, foram consideradas como a parte escura da história e, como tal, não se constituíam, por excelência, um objeto da ciência. Talvez, o único papel delegado a elas fosse o de servir para replicação do “modelo ocidental” de conhecimento, tido como o universal.

Mesmo, o marxismo, a ideologia inspiradora de vários movimentos progressistas e de esquerdas, de acordo com o Carlos Moore (2010) não deu um tratamento adequado à questão racial. Embora, fosse clara a sua proposta explicativa, fincada sobre a luta de classes, tendo a classe como principal contradição na história das sociedades e sendo a questão racial uma simples distração.

Num texto escrito em 1972 e somente publicado no Brasil em 2010, Moore discute precisamente, o marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão. Segundo o autor, o não tratamento da questão racial “reside na impossibilidade estrutural, fundamentada na orientação cultural eurocêntrica do marxismo como ideologia, e na negação ontológica que os próprios fundadores dessa corrente fizeram dos povos de raça negra como tais”. (MOORE, 2010, p. 30). Só lembrar que o intento aqui não é criticar o marxismo, pelo contrário. Visa somente, mapear o debate teórico-científico a partir século XIX em relação às sociedades não ocidentais, principalmente para África.

Para o Moore, Marx e Engels comungavam com seus contemporâneos a ideologia da supremacia branca e essa filosofia não ostenta uma base teórica para lidar com a questão racial, pois era evidente a preferência marxista pela superioridade germânica. Ao comparar a classe trabalhadora francesa, considerou-a inferior em relação a sua congênere alemã. De acordo com o autor em nenhum momento Marx e Engels refutaram duas premissas predominantes de sua época: “a inferioridade do negro e a superioridade do branco; e os direitos históricos que teriam os brancos de rebaixar os negros às mais abjetas condições de submissão”. (MOORE, 2010, p. 90).

Porém, Marx esclarece esse ponto, no seu livro *O Capital* (Livro 1) referindo à: *A Assim Chamada Acumulação Primitiva*. O autor explica como se processaria a acumulação primitiva do capital, ou a acumulação originária, a partir de dois pressupostos: primeiro a concentração de grande massa de recursos nas mãos de um reduzido número de proprietários e o segundo, a formação de um grande contingente despossuídos de bens, obrigados a vender sua força de trabalho aos proprietários de terra. Esse processo se deu, por meio das riquezas acumuladas pelos negociantes da Europa com o tráfico de escravos africanos, apropriação privadas das terras, entre outras formas. Na visão de Marx o sistema escravocrata constituía a mais brutal violência. Sendo a “violência a parteira de toda velha sociedade que está prenhe de uma nova”.

(MARX, 1996, p. 370). Na verdade, “o poder de um senhor feudal, não se traduzia no montante de sua renda, mas no número de seus súditos”. (MARX, 1996, p. 343). O comércio de escravos constituía o método de acumulação primitiva explorado, por exemplo, pelo Liverpool. Contudo, “na gênese da acumulação primitiva não está a transformação direta de escravos em trabalhadores assalariados, significa apenas a expropriação dos produtores diretos, ou seja, a dissolução da propriedade privada com base no próprio trabalho”. (MARX, 1996, p. 379).

Entretanto, Moore (2010) chama atenção ao ambiente onde cresceram os fundadores do marxismo e tantos outros teóricos europeus desse período. Nasceram e cresceram na Europa do século XIX, período em que a África conheceu a sua mais horrenda história (tópico discutido mais à frente, na “partilha” da África). “O capitalismo ocidental estava em plena expansão: a Europa bebia o sangue do homem negro e cuspiu dinheiro em seguida”. (MOORE, 2010, p. 62). Como herdeiros do iluminismo e aluno de Hegel (Engels), cujo mestre fora enfático no seu livro *Filosofia da História* (1999), ao afirmar que “a África não é parte da história do mundo: não possui movimento ou desenvolvimento para exhibir... O que nós propriamente entendemos por África é o não histórico”. (HEGEL, apud MOORE, 2010, p.36). Porém, vale a pena enquadrar a afirmação de Hegel no seu esquema filosófico. A seu ver, pertenciam à his-

tória universal aquelas sociedades que garantiam a presença de liberdade e de pensamento, critérios ausentes nas sociedades não ocidentais. Mas ficou assim quando da invasão dos países europeus a essas sociedades, destruindo tudo. Para Dieng (2006), Hegel fora simplesmente um antiescravista, assim como poderia ser todo burguês liberal avançado.

De qualquer modo, o fato inegável era de que cada vez mais as sociedades “negras” eram relegadas à escuridão da história; este racismo científico só aumentava. Em 1963, numa entrevista à BBC, o professor e pesquisador Trevor-Roper afirmou: “Perhaps in the future, there will be some African history to teach. But, at present there is none: there is only the history of the Europeans in Africa. The rest is darkness...” . (TREVOR-ROPER, apud APIAH, 1998, p.1). Embora nessa afirmação ele estivesse questionado a história africana como disciplina, alegando que a disciplina da história tinha uma proposta, e num mundo inteiramente dominado por técnicas europeias e exemplos europeus, essa proposta seria melhor alcançada estudando-se o passado europeu, “a história é dos vencedores e nós (europeus) fomos vencedores”. (TREVOR-ROPER, apud APIAH, 1998, p.1).

Retomando o século XIX, é justamente neste período que se conhece também a “demonização” científica em relação à raça negra, ancorada na hipótese evolucionista de Charles Darwin, ao aguçar a proximidade entre os macacos e

negros, tanto pela cor quanto pelo fenótipo. Mas não havia uma base para tal enquadramento.

De fato, o conhecimento ocidental sobre sociedades não ocidentais era proveniente de poucos dados de escritores da antiguidade e até da bíblia, esta última interpretada a sua maneira. Como, por exemplo, numa determinada ocasião, ao se transpor da bíblia a história de Caim e Abel, os negros foram classificados como filhos de Caim. “Ao fazerem isso, dotaram-nos de certa racionalidade, admitiram que possuísem alma e capacidades racionais”. (COSTA e LACERDA, 2007, p. 46), atributos opostos àquela noção sobre sociedades negras, inventada pelos europeus através de informações distorcidas dos aventureiros e missionários que iam à África para convencer as populações autóctones do projeto civilizatório e das vantagens advindas dele. A justificativa do Estado em gastar tanto em missões religiosas “só encaixaria numa lógica civilizatória, um papel proeminente na civilização dos povos, de estado de ignorância e atraso mental e espiritual”. (BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS, 1946, p. 136).

O projeto civilizatório era obviamente fundamentado nos moldes europeus (franceses e ingleses), já que foi ali que inicialmente utilizou-se o conceito de civilização, a partir do século XVI (ELIAS, 1994). De acordo com este autor, o processo civilizador enseja um caminho nem linear e nem evolutivo, mas de modo contínuo, com impulsos e contra impulsos alternados. O processo civilizacional europeu na África não

seguira esta ordem, chegou de forma brusca. Na Argélia, observou Ferhat Abbas (1930), “a colonização se apresentou como uma verdadeira revolução, espremendo um antigo mundo de crenças e ideias, e um modo secular de existência”. (ABBAS, Apud BOAHEN, 2010, p.3). Esse modelo foi observado em todas as regiões africanas ocupadas pelos europeus, “a atividade do branco, a religião nova, outros costumes, outra língua desfiguravam o filho da África e o branco encontrara de novo, na sua alma, com a África milenária donde viera talvez”. (CASIMIRO, 1936, p. 10).

Na visão das potências europeias da época:

Civilização é a substituição duma raça inferior, ou em evidente paragem sob o ponto de vista de evolução por outra que se encontra numa fase mais adiantada e, portanto, dispondo de um arsenal de conhecimentos e possibilidades muito maior. A civilização é a morte dos outros. O selvagem é quem a recebe, o civilizado é quem a dá. (AZEVEDO, 1939, p. 17).

O projeto civilizatório na África, continha nuances do darwinismo social: pela "seleção natural" o forte domina o fraco na luta pela existência. Desse modo, a "força prima sobre o direito". A partir dali se constrói um complexo de inferioridade, tendo duas causas: “econômica e interiorização ou epidermização da inferioridade”. (FANON, 1983, p. 12). Portanto para o Ocidente, as sociedades africanas não eram capazes de se autogovernarem. Essa ideia foi tomada como válida no meio acadêmico, que estudava a África sob o prisma metodológico europeu,

enfocando principal e exclusivamente as obras e os feitos dos europeus. Semelhante metodologia já havia sido implementada antes, no início do século XV, por meio dos programas de missões.

O discurso científico foi também a base para justificar as atrocidades que aconteciam no continente e neste período nada foi tão emblemático quanto a “partilha” da África. Eu não comungo com o termo, adotado pela literatura pertinente sem nenhum polimento crítico. Fiel aos acontecimentos históricos é no mínimo razoável substituí-lo pelo esquiteamento, roubo, assalto e, como disse Boahen (2010) “assalto à sua soberania, independência e seus valores culturais”. (BOAHEN, 2010, p.3). A conferência de Berlim (1884-1885) que cuidou da “partilha” tinha um propósito claro: “era agora ocupar-se em profundidade, colonizar a África, e sorver do seu solo e subsolo todas as fontes de energia suficientes e necessárias para a máquina da Europa”. (BOLETIM GERAL DAS COLÔNIAS, 1946, p. 159).

A conferência regeu-se sobre o tripé dos “Cês”: Comércio, Cristianismo [Não acidental, na abertura da conferência se invoca ao “Deus Todo Poderoso”] e Civilização. A África seria um campo de teste e “laboratório” para o tripé. Em termos de comércio, era o continente com maior potencialidade para as necessidades do mercado europeu da época: matérias primas e mão de obra escrava. Era também o lugar, antes da chegada da primeira expansão europeia no século

XV, onde se praticava a religião tradicional, adoravam-se ídolos talhados em madeira, cultuavam-se os mortos, embalsamando-os antes de serem enterrados (PERSON, 2010), e a principal divindade era chamada de Kru. Manifestações estas vistas posteriormente pelos europeus como diabólicas, ligadas à bruxaria, ideias ambivalentes ao cristianismo praticado na Europa. A religião era a constituidora da civilização, o cristianismo se assumiria como o povo de Deus, sendo que o gentio e ateu estaria ligado à negritude da Guiné. Portanto, a África era o melhor ambiente para testar os parâmetros da civilização numa concepção principalmente religiosa e científica. Ora, por que então escolheram o termo “partilha” para assessorar um projeto que, como se sabe, mergulhou a África numa condição com efeitos perversos até hoje?

A maioria dos trabalhos² se apossou do termo sem nenhum questionamento. Aliás, ter-

² Dentre as bibliografias, podemos citar: BRUNSCHWIG, Henri. *Le partage de l'Afrique noire* (1971), WESSELING, Henri. *Le partage de l'Afrique - 1880-1914* (1996), DEVILLE, Victor. *Partage de l'Afrique; exploration, colonisation, état politique* (1998) BAZAA, Biblio. *Le Partage Politique de L'Afrique* (2008). Em português, as principais obras são as traduzidas, BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África Negra* (1971) MACKENZIE, John M. *A partilha da África, 1880-1900 e O imperialismo europeu no século XIX* (1994). WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África, 1880-1914* (1998). E, em inglês: COLLINS, Robert O. (ed.) *The Partition of Africa: Illusion or Necessity* (1969), KELTIE, J. S. Sir. *The partition of Africa*, (1895), WESSELING, Henri. *Divide and Rule The Partition of Africa, 1880-1914* (1991). Contudo, tiveram obras que em vez de partilha preferiram outros termos: MIDDLETON, Lamar. *The Rape of Africa* (1936),

mo que na maioria das vezes vai em desencontro ao conteúdo das próprias obras. Segundo o dicionário Novo Aurélio Século XXI (revisado por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira), a palavra “partilha” significa: “S.f. Repartição dos bens duma herança; divisão de lucros”. Significados similares, em inglês (Partition, Share) e em francês (partage). Sabe-se também que “partilha” enseja um sentimento de solidariedade, “compartilhar com os outros”.

Ao destrinchar a definição, provavelmente, se deparará com arestas não polidas na conferência de Berlim. Pois, herança é consagrada por um testamento onde se encontra delineada a parte de cada um dos beneficiários. Na conferência de Berlim, ninguém se pautou por um testamento, porque não tinha e nem seria possível. E, acima de tudo, a “África” não escreveu nenhum testamento. E, caso isso fosse possível, os beneficiários seriam os filhos legítimos do continente. Da mesma forma, lucros suscitam retornos positivos de um investimento feito por um indivíduo, ou por um grupo. Em se tratando do tema, o que estava em jogo não era nenhum investimento feito pelas potências da época na África, pois nem havia investimento. Pretendia-se, obviamente, explorar recursos e transformá-los em capitais passíveis de investimentos nas suas nações.

No decorrer da conferência houve desentendimentos e ideias divergentes, o que desmascara o perfil de “partilha”. O episódio mais famoso foi a proposta de Portugal de ligar Angola a Moçambique, apresentando assim seu mapa cor de rosa, projeto que enfureceu a Inglaterra, que revidou, através do ultimato britânico (1890). Durante as vinte e sete sessões da conferência, seis foram de caráter confidencial, com um número seletivo de participantes, costurando tratados bilaterais e outros em sigilo. Uma vez no continente africano, a “partilha” não se propagou de forma pacífica, nem entre as potências e nem entre si em relação aos povos africanos. Observaram-se conflitos na África Ocidental entre franceses e ingleses e na África Oriental entre alemães e ingleses, contudo, não resultando em choques militares. Dava-se preferência aos “acordos de cavalheiros”, o que refletia um esforço dos colonizadores para não dar a impressão aos africanos de que entre si havia desavenças e que funcionavam como uma “grande unidade”. É nesse comportamento paradoxal que merece compreender a “partilha”. A civilização do século XIX orquestrou um ideário da paz que durara cem anos, de 1815 a 1914, alimentado pelo intercâmbio comercial, refletindo na postura interimperial na África até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Karl Polanyi, no seu brilhante livro, *A Grande Transformação: as origens da nossa época* (2000) aponta o quarteto institucional do século XIX: primeiro, o sistema de equilíbrio de poder, não

WALTER, Rodney *How Europe Underdeveloped Africa* (1973), GAVIN, R. J, & BETLEY, J. A. *The Scramble for Africa* (1973).

permitindo a ocorrência de qualquer guerra prolongada e devastadora entre as Grandes Potências. Segundo, o padrão internacional do ouro, simbolizando uma organização única na economia mundial; e o material para cunhar esta moeda já acionava diretamente o papel das colônias. Terceiro, o mercado autorregulável, e o quarto, o Estado liberal.

A adoção da “partilha” surge como uma apropriação que refletia o cultivo ao ideário da paz entre as grandes nações e o equilíbrio do poder entre si. A adoção da partilha em detrimento de qualquer outro antônimo seria um chamado da congregação a partilhar algo (África) e uma tentativa de uma união ludibriante. “Os conflitos que surgiam eram circunscritos e resolvidos pela ação conjunta, ou amortecidos num compromisso tácito entre as grandes potências”. (POLANYI, 2000, p. 20). Já que um membro alienado por qualquer país africano desestabilizaria o sistema de equilíbrio do poder e colocaria em risco a paz. Isso foi suportado até que a acirrada competição negligenciou os parâmetros cordiais entre as potências, o que desembocou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), uma guerra interimperialista, com recrutamento e participação de soldados africanos, funcionando como “bucha de canhão”, sem nenhuma compensação. Estes soldados voltam ao continente após conhecerem os conflitos e os limites dos países europeus. Retornam com fardas de intelectualidade, passando a ser protagonistas dos mo-

vimentos africanos para a independência e para o desenvolvimento de ideias próprias, este último iniciado na diáspora: pan-africanismo.

Proposta Pan-Africanista

Entre os séculos XVII e XVIII, vários alunos africanos nas universidades europeias (França, Alemanha) argumentavam que não havia justificativa e nem razão jurídica ou religiosa para a escravatura dos negros e a libertação dos gentios. Até mesmo algumas escolas europeias (Salamanca e Coimbra) da época discordavam da forma como estava sendo feita a dominação europeia no além-mar, salientando que, por mais que o estranho fosse chocante, precisaria ser respeitado. Embora, isso não impediu que eventos horrendos subsequentes marcassem a África.

O colonialismo do século XIX foi diferente daquele do século XV. No século XV a presença europeia circunscrevia somente à costa africana, com exploração do capitalismo mercantil na região, e expansão da fé cristã. O neocolonialismo (Sec. XIX) é caracterizado pela expansão ao interior do continente e ocupação do território, explorando dele as matérias primas (carvão, petróleo, ferro, etc.) demandadas pelo capitalismo industrial. Marca também, o período a missão “civilizadora” da Europa em espalhar o progresso técnico científico. O neocolonialismo estremeceu e derrubou as estruturas sociais e políticas ali construídas.

Como consequência, na área acadêmica, desenvolvem-se livros e artes (pinturas) em que

negros apareciam como objetos, ou "sujeitos" dominados, e oprimidos pelo processo de escravização; começou também a estruturação de políticas de Estado baseadas nos parâmetros de estratificação social, a visão ocidental se impunha sobre a local.

Todavia, a volta de alguns soldados africanos, tendo antes criado um canal de diálogo com os irmãos na diáspora (Caribe e Estados Unidos) assinalava uma tomada de consciência em relação às atrocidades que ocorriam na África e à própria história africana, questionando o padrão ocidental vigente, que afirmava:

Não esperemos que o primeiro negro com quem nos cruzasse na rua nos dê um quadro sistemático do seu sistema ontológico...temos de auxiliar o primitivo a procurar, classificar e sistematizar os elementos do seu sistema ontológico. (TEMPELS, apud HOUNTONDI, 2008, p. 151).

De certa forma, obras de antropólogos alemães, como do Leo Frobenius, auxiliaram em muito, Aimé Césaire e Léopold Sedar Senghor, a conhecerem melhor os princípios e valores da sua própria cultura. Mas, era necessário contrapor essas obras, confeccionadas à luz do Ocidente, fazendo uma nova leitura da história africana.

A mudança de postura segundo Ki-Zerbo, era reescrever a história do continente, "a história da África como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência e por isso, ela deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada e mutilada". (KI-ZERBO, 1982, p. 21).

O primeiro passo seria a liberdade dos países, pois "as colônias são como os frutos, logo que amadurecem se desprendem da árvore que os sustentam". (TURGOT, apud AZEVEDO, 1939, p. 39). Por meio de lutas intensas, tal liberdade foi conquistada. A partir dali, a luta continuava no campo das ideias. O movimento pan-africanista emerge em meados do século XX como um sentimento de solidariedade e consciência de uma origem partilhada entre os negros do Caribe e dos Estados Unidos, envolvidos numa luta contra a segregação racial. Havia uma concordância de todos os intelectuais africanos num ponto: devia-se encontrar uma solução africana para os problemas do continente e isso só será feito por uma África unida (NKRU-MAH, 1961).

A proposta dos pan-africanistas como intelectuais era reescrever a história da África, obviamente, partindo da dimensão africana. O trabalho desenvolvido não era para combater as teorias racistas com teorias antirracistas, mas fincado nas técnicas metodológicas e nas ciências sociais; uma boa parte desses intelectuais já tinha formação nessas áreas. Assim, surge uma nova maneira de estudar e apresentar a África ao mundo, centrada no aspecto metodológico e teórico.

Anthony Appiah, no seu livro *The Hidden History* (1998), evidencia o fato de que, mesmo Heródoto, o pai da disciplina (História) de Trevor-Roper, desafiou tais certezas fáceis sobre a presunção científica ocidental. Há com

certeza uma vasta quantidade de registros egípcios, a maioria deles mais antiga do que os próprios textos europeus, com referências em hebreu, no livro dos Reis e nas inúmeras fontes em latim e grego. Segundo o autor, já havia na região do Sul da África e do Saara a produção das primeiras histórias escritas, em idiomas árabes, Hausa, Swahili, e eventualmente em outras línguas locais. Porém não em idiomas compreendidos pelos europeus, de modo que a afirmação de Trevor-Roper era de que, em comparação com os materiais disponíveis para o seu trabalho: Reforma da História Inglesa, as fontes disponíveis eram fracas (APIAH, 1998). Fontes essas que Ki-Zerbo (1982) elenca: orais, arqueológicas, escritas; e M'Bokolo (2009) complementa: discursos, narrativas, religiosas, poesia, individual, listas, comentários, didáticas. Uma gama de fontes diversa e complexa, a partir da qual a ciência desenhada no Ocidente encontraria dificuldades em produzir um conhecimento razoável.

Essa geração de africanos, tomando como desafio a resposta de Trevor-Roper, desenvolveu uma miríade de novas técnicas. E para isso teriam que se desvencilhar da convencional historiografia europeia e americana que tecia severas críticas às tradições orais como fontes não confiáveis. O que sustentou a proposta dos historiadores africanos foi precisamente o livro *Oral Tradition: A Study in Historical Methodology* (1972), de Jan Vansina, antropólogo e historia-

dor belga, especialista em África. A publicação original do livro foi em 1965 e em 1985, ele escreve *Oral Tradition as History*.

No capítulo dez do livro, publicado em 1972, ele se propôs a examinar o uso das tradições orais entre o período de 1500 a 1700. Para explorar as mudanças de atitudes dos registros para o conteúdo e fontes de referidas tradições, ele tenta oferecer uma interpretação do seu status declinante como fonte histórica no século XVII. Considera que o referido declínio deva ser atribuído ao desenvolvimento contemporâneo, que inclui mudança de atitude para evidência histórica. Segundo ele, na Europa era preferível "hard" evidence (documentos, cartas, manuscritos, pinturas, mapas) a "soft" evidence (contos populares, não escritos, não datados). Pois, "o antigo somente é verificável e tangível por meio de referências a outras fontes". (VANSINA, 1972, p. 353). Desse modo, a historiografia africana começou a desenvolver técnicas, aproximando àquilo que Vansina chamou de "testemunha transmitida oralmente de uma geração a outra". (VANSINA, apud APIAH, 1998, p. 2). Além dessa fonte, começou a construção do conhecimento por meio da técnica de arqueologia, antropologia, botânica, ecologia, sociologia, entre outras. Mas, havia a necessidade de contextualizar as referidas fontes, lembra Ki-Zerbo "o texto oral retirado de seu contexto é como peixe fora da água: morre e se decompõe". (KI-ZERBO, 1982).

Todavia, observa Hountondji (2008) os acadêmicos africanos que se dedicavam à filosofia, concentrando mais na descrição ou reconstituição dos seus passados, não estariam fazendo filosofia, mas sim etnofilosofia. Prossegue o autor, "a filosofia africana não devia ser concebida como uma mundivisão implícita partilhada inconscientemente por todos os africanos". (HOUNTONDJI, 2008, p. 153). Na verdade, o espectro unitário que emanou a luta política dos pan-africanistas, no campo da história e das ideias, essa união teria outra conotação. A unanimidade se assume como uma virtude, e o desacordo como algo mau e perigoso, contudo no campo do conhecimento (filosofia) isso não contribuiria para o seu desenvolvimento. Houtondji (2008) concebe o duplo pressuposto dessa união de "ilusão unânime", e chama atenção para a virtude do pluralismo.

Destarte, a África, como objeto de estudo, começa a emergir não como um simples homogeneizado e sim como uma história multidisciplinar, entrelaçando várias áreas para produzir um entendimento razoável sobre um assunto. Com isso, por exemplo: estudar a história da África implicaria uma análise sociológica, assim como para se estudar sociologia africana teria que se compreender a história. Nestes termos, era preciso problematizar a história. A problematização se resumia à quebra da dicotomia eurocêntrica: civilização-barbárie; reino-império-colônia (M'BOKOLO, 2009). Desse diálogo interdisciplinar, surgem estudos africanos. Os

estudos africanos se constituem de diversas disciplinas em que o objeto de estudo é África (HOUNTONDJI, 2008). De acordo com o autor, estudos africanos podem abarcar disciplinas como: "história africana", "antropologia e sociologia africanas", "política africana", "filosofia africana", "linguística africana", entre outras.

A postura dos pan-africanistas engendrou uma nova forma de pensar os estudos africanos. África passa a reivindicar o seu lugar de sujeito na história. Mas, a configuração política pós década de 1960 freou o desenvolvimento desta alternativa. Nas lutas de libertação nacionais vários pan-africanistas foram assassinados. E, com o fim dessas lutas, as elites africanas que ascendem ao poder mantiveram uma clara ligação a ex-metrópole em quase todos os domínios. Elas fomentaram certo tipo de violência em relação às potencialidades daquela epistemologia alternativa, reposicionando o continente no trilho ocidental. Entretanto, vale aqui citar um dos mais importantes projetos neste período (1965-69): o intelectual senegalês Amadou Mattar M'Bow assume o cargo de diretor-geral da UNESCO, apresentando um ambicioso projeto, que visava organizar a mais extensa historiografia sobre a África. O resultado foi uma coleção constituída por oito volumes com mais de 800 páginas cada, sobre a História Geral da África³.

³ A coleção pode ser baixada pelo link: UNESCO [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese-1/]. Acesso em: 30 Set. 2013.

Após a independência, começam a pulverizar pelo continente inúmeras universidades e centros de pesquisa que, no entanto, mantinham ligações próximas com as universidades da Europa e dos Estados Unidos, o que lhes impossibilitou a criação de uma autonomia na formação do conhecimento africano. Continuavam a estudar a história da Europa e a África só era lembrada quando se referia à história europeia no continente. Esse período foi também marcado pela fuga de cérebros, o que desencorajou o debate anterior existente nos grupos de estudos e seminários.

Cardoso (2011), num artigo sobre as ciências sociais na África, elaborou a tese de que tais ciências estariam longe de atingir um estágio de produção de um pensamento próprio que vá de encontro à necessidade tanto intelectual quanto material das sociedades africanas. Na mesma linha, afirma o autor, “não se trata de inventar outra ciência para a África, mas de instituir outra prática científica”. (CARDOSO, 2011, p. 128). Tal ruptura epistemológica não significaria também a “autarcia estéril do pensamento, mas reivindicação de outro ponto de partida e por outro sujeito que assume uma alternativa”. (CARDOSO, 2011, p. 128), dado que aquele parâmetro de ciência introduzido nas sociedades não ocidentais negligenciou a capacidade destas sociedades em gerarem conhecimento autônomo.

A ciência nas sociedades não ocidentais, no período pós-colonial, ocupava-se de uma nova

função, abandonou a missão de civilizar do século XIX e passou para a missão de desenvolvimento. Assim, as teorias de modernização preconizavam o desenvolvimento vindo do Ocidente como o "modelo" ou o que faltava aos países subdesenvolvidos. Acima de tudo, “esse desenvolvimento era um processo histórico linear”. (CARDOSO, 2011, p. 129), em que sociedades pré-históricas avançariam em direção a sociedades capitalistas modernas. Isso confundiu a lógica do progresso social, pois o desenvolvimento tinha que seguir a trajetória-mestra da Europa, e não o aumento sistemático da capacidade do homem de dominar e controlar o seu meio ambiente, e assim realizar suas necessidades. Caberia às ciências sociais modernas (positivismo, behaviorismo, universalismo) inventadas no Ocidente legitimar esse discurso.

Enquanto isso germinava no Sul uma tentativa teórica de pensar o Terceiro Mundo: na América Latina surge a teoria da dependência, enquanto na África elaborava-se a teoria da dimensão africana, além da indeginização e autenticidade, emergidas também na Ásia. Mas será que esse quadro teórico e alternativas metodológicas do Sul dão conta de explicar as dinâmicas do processo que vivem essas sociedades? Em parte sim, e no caso da África há que se retomar o debate pan-africanista e do papel do Estado na promoção do conhecimento.

Como se sabe, em termos de educação, o continente africano possui um dos piores índices

do mundo, com menos de 10% da população no ensino, segundo as normas da UNESCO. O orçamento das universidades é medíocre, o que as impossibilita de recrutar professores com titulação maior e criar excelentes centros de pesquisa e espaço para publicação das obras e debates. A disseminação de universidades privadas sem um rigor adequado vem agravando cada vez mais o cenário. Além do mais, “universidades privadas [na África] cuidam mais da transmissão de conhecimento do que sua produção, por meio de projetos de investigação”. (CARDOSO, 2011, p. 135). E, o mais importante, a pouca produção científica africana é destinada ao Ocidente [maioria dos estudos africanos são publicados nas revistas científicas fora da África], destinada obviamente para leitores não africanos. Hountondji (2008) mais uma vez chama a atenção a esse tipo de veiculação científica que só vai ao encontro das necessidades teóricas do Ocidente, respondendo às perguntas por ele (Ocidente) colocado. E, o uso de línguas europeias só coroa essa alienação. As obras não são traduzidas para o idioma local africano, deixando fora desse diálogo o próprio africano que não entende as línguas ocidentais.

Entretanto, é de reconhecer, a criação nos últimos anos diversos centros de investigação, comunidades científicas, e formação de excelentes profissionais na África. Mesmo assim, a ligação com o Norte (Ocidente) não foi frouxada. Os principais centros de conhecimento científico no continente mantêm ligações próximas ou são

controladas pelo Norte, cito: a Iniciativa Think Thank, financiada pelas fundações americanas William e Flora Hewlett e Bill e Melinda Gattes; Iniciativa África/EUA, cujo objetivo é o desenvolvimento do Ensino Superior no Continente, financiada pelo Departamento de Estado Norte-americano.

Não critico essa ligação, pelo contrário, é importante a cooperação entre os países em todas as áreas. Somente saliento a verticalização desse conhecimento, entre Africanos-Ocidentais. O ideal também seria de forma horizontal, entre os acadêmicos africanos. Essa verticalização mina o âmago do pan-africanismo, que é resolver os problemas da África com soluções africanas, através de uma produção autoconfiante. Além disso, atualmente, o problema da fuga de cérebros é pior, em relação ao início da década de 1970. Segundo os dados da Comissão Econômica para a África e da Organização Internacional das Migrações, “23 mil universitários e 50 mil quadros superiores e intermediários deixam anualmente o continente, enquanto 40 mil africanos com títulos de doutores vivem fora do continente” (CARDOSO, 2011).

Porém, a ligação África-Ocidente, não constitui a única opção de cooperação no campo de conhecimento. Ao ser considerado como a última fronteira do capitalismo, uma geração de jovens vem reposicionando a África em um novo eixo, o Sul. Com isso, importantes projetos de cooperação na área de educação vêm sendo realizados com a China, Brasil, Índia, entre out-

ros. Entretanto, o resultado dessa cooperação dependerá mais uma vez da postura dos africanos diante dessa nova investida, e de novos termos de cooperação que possam priorizar infalivelmente o desenvolvimento do continente. E, a geração africana atual deve-se reviver o pan-africanismo, dando prosseguimento à construção de um conhecimento autoconfiante.

Considerações Finais

O entendimento sobre as sociedades não ocidentais foi sempre deturpado pelo Ocidente, tanto pela falta de informações como também por simples escolha em negligenciar tais sociedades. Claramente, isso não contribuiu para a evolução e amadurecimento da ciência, que veio somente com a reação do Sul, por meio de teorias e conhecimento que pudessem explicar e entender o papel e a importância de tais nações no mundo. Nações essas que provêm as matérias-primas para o avanço da tecnologia e da ciência. A África desde sempre proveu essas matérias-primas, sobre o injuriado sistema escravocrata e de dominação, foram sorvidos do seu solo importantes recursos para o avanço da tecnologia e da ciência no Norte, sem nenhuma compensação. Internamente, é o continente marcado por governos corruptos na maioria dos países, os quais tornaram o conhecimento acessível somente àqueles que possuem condições.

Após a independência, a elite africana continuou a estudar nas ex-metrópoles, e internamente poucos esforços foram feitos para di-

namizar a educação. Aliás, após esse período, nomeadamente nos finais da década de 1980, instala-se na África um novo “modelo” de relação com o Norte, perpetuado nos pacotes neoliberais, regida sobre os preceitos democráticos ocidentais (que mais uma vez mostrou-se incapaz de resolver os problemas africanos). E, acima de tudo reduzia a ação do Estado africano. O desenho desse Estado, marcado por instituições extrativas, fazia com que recursos estratégicos circulassem entre essa elite local e os principais países do Norte.

Portanto, pensar o papel do Estado na promoção do conhecimento é repensar o seu próprio conceito na África: de que Estado está-se falar? Quem Ele representa? Numa região de configurações sociais diferentes daquelas do Ocidente. Mas, tentando indicar o seu papel, repasso as receitas já conhecidas: inverter a pirâmide orçamentaria, em que uma boa parcela do orçamento seja direcionada à educação, assim como a proveniente da extração dos recursos; incentivar a produção científica e educacional em línguas locais, também; criar ambientes e instituições de pesquisas e desenvolvimento; e controlar a qualidade do ensino tanto nas instituições públicas como nas privadas.

Rememorar o pan-africanismo é construir uma nova atitude face às questões contemporâneas na África: lutas para a democracia e justiça social, nova corrida das potências mundiais no continente. Como sugerido pelo

Mkandwire (2003) deve-se, sempre submeter o pan-africanismo a reavaliação e remodelações, ele deve dialogar com as questões contemporâneas. E nesse contexto, é importante o papel dos novos intelectuais africanos, que segundo autor vai além de um simples partilha ideológica, mas a um permanente projeto crítico. O que falta na África é um “intelectual orgânico”. Na ideia do Gramsci isso inclui profissionais e técnicos. Assim como os “eurocratas” foram importantes para a construção da união europeia, o que falta na África são “afrocratas”, imbuídos de espíritos pan-africanistas (Mkandwire, 2003) que defendem o povo africano não só do imperialismo, mas também de seus próprios predadores. E, continuar a escrever a história de um povo que já foi tido como um “povo sem história”.

Referências

APPIAH, Kwame Anthony. Africa: The Hidden History. The New York Review of Books, 1998. Disponível em: [<http://www.nybooks.com/articles/archives/1998/dec/17/africa-the-hidde?pagination=false>]. Acesso em 27 Set. 2013.

AZEVEDO, F. Alves de. Mística Imperial. In: Cadernos Coloniais, nº 17, 1939. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/DesktopModules/MABDImg/ShowImage.aspx?q=%2fCadernosColoniais%2fCadernosColoniais-N17&p=17>. Acesso em: 27 Set. 2013.

BOAHEN, Albert Adu. A África diante do desafio colonial. In: Boahen Albert Adu (Ed.). História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935, 2. ed. rev. Brasília : UNESCO, 2010.

BOLETIM GERAL DAS COLÓNIAS. XXV - 286. As missões religiosas e o seu papel nas colónias Portuguesas. In: PORTUGAL. Agência Geral das Colónias, Vol. XXV - 286, 1949. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BGC/BGC-N286&p=139>>. 27 Set. 2013.

CARDOSO, Carlos. Da possibilidade das ciências sociais em África, in Silva et al. Como Fazer Ciências Sociais e

Humanas em África Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África. DAKAR, (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança), 2011.

CASIMIRO, Augusto. Cadernos Coloniais. 03 [Ilhas Crioulas], nº 03, 1935. Disponível em: <http://memoria-africa.ua.pt/DesktopModules/MABDImg/ShowImage.aspx?q=/CadernosColoniais/CadernosColoniais-N03&p=12> Acesso em: 27 Set. 2013.

DIENG, Amady Aly. Hegel et l 'Afrique noire: Hegel était-il raciste? Disponibilidade: CODESRIA [http://www.codesria.org/IMG/pdf/Amady_dieng.pdf].

Acesso em: 27 Set. 2013.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador, v 1, e 2 RJ Jorge Zahar Ed., 1994.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80. 2008. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/699>>. Acesso em 20 Nov. 2013.

KI-ZERBO, J (org.). História geral da África. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982 (volume 1 – Metodologia e pré-história da África).

MACKENZIE, John M. A partilha da África, 1880-1900 e O imperialismo europeu no século XIX. São Paulo: Ática, 1994.

MARX, Karl. O capital crítica da economia política, livro primeiro o processo de produção do capital tomo 2 (capítulos xiii a xxv). Editora nova cultural Ltda. São Paulo, 1996.

M'BOKOLO. África negra: história e civilizações. Tradução. Salvador; São Paulo: EDUFBA; Casa das Áfricas, 2009.

MKANDAWIRE, T. & C.C.SOLUD, orgs. African voices on Structural Adjustment. Trenton, NJ, Africa World, 2003.

MOORE, Carlos. O marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão. Belo Horizonte. Nandyala; Cenafro, 2010. 136p.

NKRUMAH, Kwame. I Speak of Freedom: A Statement of African Ideology (London: William Heinemann Ltd., 1961.

POLANYI, Karl. A grande transformação: a origem da nossa época. 2. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000, 337p.

PORTUGAL. Agência Geral das Colónias, Boletim Geral das Colónias, 251 Vol. XXII - 251, 1946, 215 págs.

PERSON, Yves. Os povos da costa – primeiros contatos com os portugueses – de Casamance às lagunas da costa do

Marfim, Cap. 12. In: Historia Geral da África Vol. IV. UNESCO. 2010.

VANSINA, Jan. Oral tradition, a study in historical Methodology. Chicago, 1972.

ⁱ Aluno do Programa de Doutorado em Relações Internacionais da PUC Minas.



A FORMAÇÃO DOS MOVIMENTOS NACIONALISTAS E A LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

José de Jesus Ferreira | Luciana Cristina Campos¹ • Novembro de 2013

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise histórica dos movimentos nacionalistas em Angola e o modo pelo qual influenciaram no processo de libertação do país. A multiplicidade de grupos políticos mostra uma complexa rede de alinhamentos políticos que ultrapassam as fronteiras territoriais e ganham abrigo em países vizinhos.

Palavras-chave: Angola - Movimentos nacionalistas - Processo de independência.

Abstract:

This article aims to make a historical analysis of the nationalist movements in Angola and the way that influenced the process of liberation of the country. The multiplicity of political groups shows a complex network of political alignments beyond territorial boundaries and gain shelter in neighboring countries.

Keywords: Angola - Nationalist movements - Independence.

As fronteiras desenhadas durante o processo de colonização dos países africanos estão intrinsecamente vinculadas a um rearranjo dos diversos grupos étnicos que habitam o continente. A divisão dos países tendo como base os limites definidos pelo colonizador europeu¹ criou a configuração do que se conhece hoje como os países africanos. E mesmo com o encerramento dos processos de independência no final da década de 1970, não houve mudanças significativas nas fronteiras; houve, sim, manutenção das estruturas sociais e políticas. No contexto da Guerra Fria, essa configuração geográfica (mas não somente ela) tem implicações significativas nos processos de independência e, posteriormente, nos processos de integração. A descolonização, ao gerar a luta pela independência, faz emergir rivalidades no seio da sociedade africana, vistas, sobretudo, pelos movimentos independentistas e, em alguns casos, em uma minoria que tinha por objetivo a perpetuação das estruturas sociais do período colonial. A forma como a sociedade se organizou para reivindicar direitos é uma das forças presentes nesse momento histórico da África. Analisa-se aqui o caso angolano, a partir de uma visão de dentro, isto é,

¹ Como contraponto a essa argumentação, faz-se alusão ao argumento do historiador Wolfgang Döpcke. No texto, "A vida longa das linhas retas: cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra" o autor contesta o argumento que credits às fronteiras "artificiais" impostas pelos europeus durante o processo de colonização o fator preponderante para a eclosão dos conflitos no continente africano.

como os movimentos nacionalistas surgem e afetam o processo de independência e da construção da democracia bem como os desdobramentos para a sua inserção internacional. Outras variáveis, com pesos diferenciados, também influenciam no processo: a crescente militarização dos países; o papel das elites locais; a diversidade étnica e a formação das lideranças políticas; a ingerência dos países vizinhos, sobretudo a ofensiva da África do Sul; as relações com os países colonizadores e o legado das estruturas coloniais.

A origem e formação dos movimentos nacionalistas em Angola são parte de um processo mais amplo, tendo como influência as transformações pelas quais o continente passou, sobretudo a partir da década de 1950. Entretanto, a variável interveniente² do processo de independência de Angola, isto é, o elemento sistêmico que interfere em todo o processo político no referido país é a Guerra Fria³. A conjuntura do país foi fortemente afetada pela ingerência das duas superpotências, EUA e URSS. É nesse con-

² A variável interveniente ou interventora (Bowditch & Buono, 1992) é aquela que se encontra entre a independente e a dependente (Richardson et. al., 1985) tendo como função não apenas ampliar, diminuir ou anular a influência da variável independente sobre a dependente (Lakatos & Marconi, 1983; 1985) como também ajudar a esclarecer a relação entre as variáveis independentes e dependentes (Bowditch & Buono, 1992).

³ Para uma apreciação detalhada do assunto, conferir: SHUBIN, Vladimir. *The hot cold war: the URSS in Southern Africa*. London: Pluto Press, 2008

texto que se analisará o papel desempenhado pelos diversos grupos políticos ao longo da década de 1950 em Angola. O trabalho aqui apresentado buscará agregar os fatores acima em uma perspectiva que privilegie a disputa inerente aos grupos políticos em Angola.

A África no contexto internacional a partir de 1940

O fim da Segunda Guerra Mundial engendrou maior complexidade nas relações interestatais. O estreitamento das relações econômicas, comerciais e financeiras esteve fortemente condicionado pela dinâmica internacional da bipolaridade. No âmbito africano, em 1945, se dá o V Congresso Pan-Africanismo. Este, que foi conhecido por muitos como um dos principais já realizados encontros com uma vertente na luta pela liberdade africana. Pela primeira vez reivindicaram para uma independência imediata, completa e absoluta dos povos de territórios dependentes. Esta reivindicação direta e clara deu um novo impulso ao Pan-Africanismo, deixando a moderação o idealismo para entrarem realmente em ação; o caminho mais direto era através de métodos de resistência pacífica. Nesse congresso na Inglaterra foi discutida pelos congressistas a independência da Argélia, Tunísia e Marrocos (NKRUMA, 1963 apud, RIBEIRO, 2007).

Com o princípio da autodeterminação dos povos, explicitado no nº 2 do art.º 1 e no art. nº 55 da carta das Nações Unidas, as nações euro-

peias viam-se cada vez forçadas a concederem a liberdade plena das suas concessões e possessões na Ásia e África, afinal, as suas ideologias pregadas na carta dirigida às nações mundiais não era uma realidade enquanto prática diária como: terror, racismo, impunidade, violência dos direitos humanos, trabalho forçado etc. A pressão exercida pelo os EUA e URSS, fez com que os países europeus começassem aceitar a possibilidade de dar a independência das terras ultramar. Sobre essa pressão, Portugal viu-se obrigado a alterar sua imagem perante o mundo, mas de modo algum se cogitava a possibilidade da autodeterminação dos territórios do ultramar. Portugal sempre foi um país pobre em recursos naturais e humanos, e via nas colônias o instrumento pelo qual obteria suas riquezas, tendo, por muito tempo, explorado as terras além mar. Portugal passa a denominar suas possessões de “Províncias Ultramarinas”. O império português é eliminado, substituído por ultramar Português. Tal foi a tese que Portugal apresentou à comunidade internacional como argumento para repudiar todas as denúncias e pressões internacionais em relação ao colonialismo na África. Essas denúncias vinham principalmente da ONU que apelava ao país que reconhecesse o direito autodeterminação dos seus territórios.

Na década de 1950, liderado pelo líder do Pan-Africanismo e defensor dos povos oprimidos, Kwame Nkrumah, Gana torna-se independente em 1957, tornando assim o primeiro país da África Negra, a alcançar a inde-

pendência. Kwame Nkrumah motivou sobremaneira a todos os povos de África a lutarem cada vez mais pela sua independência. Como ressaltou o líder ganense em 1963:

Ai, na verdade, estão as engrenagens reais do neocolonialismo. Aí, na verdade, estão as ramificações econômicas dos monopólios e grupos de empresas. Seus impérios financeiros e econômicos são pan-africanismo e só podem ser enfrentadas em base de pan-africana. Só uma África unida, através de um Governo de uma união africana poderá derrotá-los (NKRUMA, 1963, apud RIBEIRO, 2007).

Nkrumah mostrou-se cada vez mais esperançoso em dar prosseguimento no seu sonho, que era formar um estado unido da África. Em 25 de julho de 1958, realizou-se o congresso de Cotonou “Benin”, que reuniu com a intenção de constituir o partido do reagrupamento Africano. O slogan era: “Buscai primeiro a independência e o resto vos virá por acréscimo”. Nesse congresso, o conceito de Pan-Africanismo não se expressou justaposto ao de “Negritude”, o que estava em causa era a busca de estratégias para enfraquecer cada vez mais a política e a cultura ocidental dentro da África.

Ainda que o discurso político-ideológico de Nkrumah tenha se legitimado como ideia-força capaz de incentivar os demais países a buscarem a autonomia política, o fator geral de coesão era a liberdade, tal como aponta Penna Filho:

O desejo de independência tomou conta de praticamente todo o continente africa-

no, envolvendo os seus povos num sentimento de liberdade que a cada momento crescia mais. A cada episódio de expressão internacional, de vitória contra o sistema colonial, a esperança renascia; além de que a experiência estava mostrando às potências colonialistas que a guerra contra a descolonização era inviável. Sem embargo, a independência significava muito para os africanos colonizados. Para eles, as discussões mais profundas sobre a natureza da descolonização e o futuro dos novos países eram secundárias. Deixou-se de lado momentaneamente questões problemáticas como a da viabilidade econômica dos pequenos Estados e mesmo com relação a transformações mais efetivas em suas sociedades. (PENNA FILHO, 2009)

O nascimento dos movimentos nacionalistas em Angola e as influências regionais

Ali Mazrui, em *Africa's International Relations: the diplomacy of dependency and change* (1977), afirma que “uma dialética básica para entender na África é que enquanto os maiores amigos do nacionalismo africano é consciência de raça, o maior inimigo da nacionalidade africana é a consciência étnica”⁴ (MAZRUI, 1977, p.23-24). Reside aí grande parte do argumento para se entender a dinâmica africana e, em especial, a angolana. A consciência étnica a que o historiador se refere é parte da explicação da formação dos movimentos nacionalistas em Angola. Nesse país, as primeiras organizações de

⁴ Tradução livre do original “*a basic dialectic to understand in Africa is that while the greatest friend of African nationalism is race-consciousness, the greatest enemy of African nationhood is ethnic-consciousness*” (MAZRUI, 1977, p.23-24)

caráter político, começaram a ser constituídas na primeira metade do século XX. Embrionariamente, essas organizações adotavam estratégias para driblar o monitoramento do governo português, já que este não admitia organizações de cunho político, tendo como objetivo claro controlar as instituições. Foi então que em 1923 um grupo de angolanos letrados criou em Luanda (capital de Angola), a “Liga africana”, associação exclusivamente de negros e, na mesma época, paralelamente a Liga africana, funda-se a “Anangola” (associação dos Naturais de Angola), composto por brancos e mestiços nascidos em Angola. Essas duas organizações podem ser consideradas como sendo as bases de todos os movimentos nacionalistas que posteriormente surgem em todo país. Quanto à Liga africana e Anangola, apesar do seu caráter cultural, começaram organizar manifestações de cunho político, racial e antigovernamental; posteriormente, foram surgindo vários movimentos nacionalistas clandestinos que faziam oposições diretas ao sistema colonial. Movimentos estes que passaremos a descrevê-los para uma melhor compreensão da multiplicidade e emergência de atores dispostos a influenciar o processo decisório angolano:

ABAKO: Aliança dos Bakongos – criada em 1953, que tinha como sede a cidade de Leopoldville; este movimento tinha como pretensões a unidade do povo Bakongo e a restauração do antigo reino do Congo e a inspiração de formar a província do Baixo Congo.

AFA: Association des Femmes d’Angola, com sede em Leopoldville, tinha como presidente uma mulher, esposa do vice-presidente da U.P.A. A líder apelava para a formação de uma frente comum de libertação nacional, na qual outras associações (em especial trabalhadoras) se unissem em uma única frente.

ALIAZO: Aliança dos Naturais do Zombo, criada em 1960, tendo Leopoldville sua sede administrativa. Essa aliança era um subgrupo da UPA. Um dos seus objetivos gerais era a luta pela independência dos distritos do Zaire e do Uíge, que se chamava província do Congo.

AREC: Association des ressortissants de l’Enclave de Cabinda, posteriormente MLEC – Movimento pela Libertação do Enclave de Cabinda que se completava com a FLEC Front de Libération de l’ Enclave de Cabinda, que também era conhecida como AOEC – Association des Originaires de l’Enclave de Cabinda, fundada em 1953, tendo como sede em Pointe Noire.

FRAIN: Frente Revolucionária Africana para independência das Colônias Portuguesas foi criada em 1959 com sede em Conacri (Guiné) e possuía várias agências avançadas como na Alemanha Oriental, Londres, Accra, Leopoldville, Tunes, Praga, Varsóvia e Casablanca. Tinha como objetivo principal a união de todos os movimentos anticoloniais que lutavam para a libertação das coloniais ultramares europeia na África. Era conhecida por seu estilo pacifista, e os

líderes da Frente acreditavam que a melhor luta era feita sem confrontação armada.

FUA: Frente de Unidade Angolana. Formada por alguns europeus das cidades de Benguela e Lobito entre os anos de 1959 e 1961, esse movimento era clandestino e tinha como objetivo desenvolver a autodeterminação nos nativos de Angola.

FULA: Frente Unida Para a Libertação de Angola, criada provavelmente em 1960, com sede em Luanda. Esse movimento era explicitamente adversário do governo português, apresentava-se sem receio e pleiteava à conquista de condições políticas em Angola.

LGTA: Liga Geral dos Trabalhadores Angolanos, fundada em 13 de junho de 1961 e com sede em Leopoldville. Um dos vários objetivos era a se solidarizar com os angolanos refugiados no Congo e com essa prática formar uma frente comum com o sindicato dos trabalhadores do Congo belga.

MDIA: Movimento para a Defesa dos Interesses de Angola. Criada em março de 1961, com sede em Leopoldville, esse movimento nasceu de um grupo dissidente da UPA. Como objetivo principal almejava construir o país do Congo português, com a ajuda de Portugal e fazer regressar todos os congolezes que estavam exilados por motivos políticos.

MLNA: Movimento Nacional de Libertação de Angola. Criado em 1959, com sede em Luanda. Esse movimento era de uma linha mais

radical, porém, era um dos poucos que atendia aos ideais de democracia racial, pretendendo a união do povo angolano.

MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola, formado na sua última fase em 1960, é fruto de alianças partidárias. Sua história não era diferente a outros movimentos que nasceram nas décadas de 1940 a 1960. Na época, outros dois movimentos nacionalistas foram formados: a PLUA (Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola) e o MLA “Movimento de Libertação de Angola” depois de alguns anos, o “Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola” uniu-se com o “Movimento de Independência Nacional de Angola” e fundaram o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), cuja sede era em Conakry e mais tarde transferida para cidade de Leopoldville.

UPA: União das Populações de Angola, criada em Dezembro de 1958, em Accra (Gana) e posteriormente em 1960 passou a sua sede para Leopoldville. Iniciou suas ações nas regiões do Baixo Congo, São Salvador e Nóqui. Um dos seus objetivos era lutar pela independência de Angola e erguer uma unidade africana, porém era conhecida também pelas suas ações duras, violentas e armadas que os levou à formação do lendário “Exército de Libertação Nacional de Angola”. A UPA contava com um centro de treinamento no Congo e eram apoiados pelos argelinos nessa empreitada. Assim como MPLA, a UPA foi um dos expoentes na luta pela liber-

tação de Angola, razão pelo qual deter-nos-emos em uma breve explicação sobre este movimento. Valahu (1968) sustenta que a UPA (União dos Povos de Angola) obteve esse nome em 1954 quando Holden Roberto⁵ absorveu a “União dos Povos do Norte de Angola”, grupo que tinha sido fundado pelos os Bakongos⁶. Com o apoio obtido pelos angolanos residentes nos dois Congos, Holden Roberto, alia-se com o ganês⁷ Kwame Nkrumah⁸ e muda-se para Gana, onde participou de uma Conferência Africana em 1958 que devia eleger Lumumba⁹ como chefe

⁵ Holden Roberto iniciou a sua atividade política em 1954 com a fundação da União dos Povos do Norte de Angola (UPNA), mais tarde designada UPA e posteriormente FNLA (Frente Nacional para Libertação de Angola).

⁶ Os Bakongos ocupam o Noroeste do País, entre o mar e o rio Kuango, nomeadamente as Províncias de Cabinda, Zaire e Uige. Porém, convém realçar que a área Bakongo se estende para além das fronteiras geográficas administrativas do País. Foi no território Bakongo que, no Século XV, os Portugueses encontraram o reino do Kongo, com a capital em “S. Salvador” (Mbanza Kongo). Fonte: Portal ritosdeangola. 2010.

⁷ Ganês é o nome popular que se dá àquele que nasce na República de Gana.

⁸ Kwame Nkrumah foi o principal líder pan-africanista dos anos 1960. Sua práxis, voltada para a unidade continental africana, buscava adicionar a temática do desenvolvimentismo aos dois temas clássicos do pan-africanismo: liberdade e integração. Foi também o primeiro Presidente da República de Gana.

⁹ Líder anti-colonial e o primeiro-ministro eleito em junho de 1960 na actual República Democrática do Congo depois de ter participado da conquista da independência do Congo Belga em relação à Bélgica. No mesmo ano de sua morte, o governo da União Soviética nomeou a importante Universidade Russa

dos congolezes. A amizade de Lumumba e Holden Roberto permitiu que a UPA ganhasse outros aliados de Kasavubu¹⁰ e da ABAKA. Já em Leopoldville, Roberto teve que fazer duas frentes de batalha: contra o MPLA e outra contra NGI-ZAKO (movimento sindical que lutava para a independência de Cabinda), conseguindo, assim, o tão almejado apoio dos países africanos (VALAHU, 1968).

UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola. A história desse movimento se confunde com a UPA e a GRAE (Governo de resistência de Angola no Exílio), visto que Jonas Savimbi era membro e ministro das relações exteriores desse movimento. A UNITA foi fundada em 1966, suas particularidades eram também à libertação de Angola e, diferente a UPA – que se apoiava nas tribos de norte – a UNITA apoiou-se nos povos Sul, Leste e planalto central. Foi um partido contudente na luta pela a libertação, tornando-se um dos principais movimentos de libertação de Angola. Mais uma vez podemos observar como a África Austral estava solidária à luta pela independência de Angola, principalmente o Congo Belga, país

da Amizade dos Povos com o nome de Lumumba. Passadas apenas dez semanas da sua eleição, foi deposto juntamente com o seu governo num golpe de estado, aprisionado e assassinado em janeiro de 1961, em circunstâncias que indicaram provável cumplicidade e apoio dos governos da Bélgica, do Reino Unido e dos Estados Unidos

¹⁰ Joseph Kasavubu foi o primeiro presidente da República Democrática do Congo.

onde 85% dos movimentos de libertação de Angola tiveram suas bases. Como afirma RIBEIRO, (2007)

É claro que a sociedade civil angolana tem uma história antiga e uma recente. Uma história antiga, porque a independência não é o grau zero da política em Angola, nem mesmo o nacionalismo moderno dos anos 50/60 que conduziu a luta armada de libertação nacional. A história antiga tem a ver com a história do movimento associativo angolano, cujas origens se podem situar em meados do século do século XIX com as associações culturais e os movimentos cooperativos e mutualista angolanos que davam corpo afirmação do direito da cidadania dos africanos nos anos 30 que prolongou até ao século XX, mesmo após a declaração de Londres (1960) que indicava a passagem da ação direta, ou seja, a luta armada de libertação nacional. A história mais recente de vê-la com “renascer” do movimento associativo, com afirmação sua autonomia e da sua legitimidade de intervenção no espaço público, depois dos movimentos de libertação terem sonogado o espaço público criado no contexto do Estado colonial, ao assumirem-se como partidos e nação (BÊNOIT, apud, PESTANA, 2003, p. 3).

O grande número de grupos políticos que reivindicam a libertação é o elemento que singulariza a situação nesse país. Diferentemente dos demais países do continente, em Angola tal multiplicidade é atestada pelos diversos grupos cuja etnia é o elemento em torno do qual gravitam os principais problemas.

A independência de Angola e o Governo do MPLA

Após a independência de Angola, em 1975, o governo do MPLA oficializa a adoção do

modo de produção socialista. Entre os elementos que compõem tal diretriz, os órgãos do Estado estariam sob tutela do partido que passaria, a partir daquele momento, a chamar-se MPLA-PT (Movimento Popular de Libertação de Angola-Partido dos Trabalhadores). No entanto, todas as decisões fundamentais ao funcionamento do estado e a sua funcionalidade estrutural, política econômica seriam discutidas e sancionadas no congresso do MPLA:

O estabelecimento de um sistema econômico socialista, baseado no planejamento central, nacionalização de grande parte das empresas produtivas e no rigoroso controle estatal das atividades econômicas, foi determinado não só pela ideologia oficial, como também, em grande parte, pela independência, objetivo principal do partido consistiu em revitalizar a produção, em vez de estabelecer uma economia inteiramente socialista (ANGOLA, 1988).

A administração do aparelho burocrático tinha por base o modelo socialista e foi prontamente abraçado pela liderança do MPLA. Este colocava o partido no centro das decisões do Estado, não havendo, portanto, oposições partidárias no governo. O presidente do partido também exercia a função de presidente da república: era no comitê central e no bureau político que saíam as deliberações.

O poder judiciário do Estado assinalado na constituição em 1975 seria independente, mas na prática, quem desempenhava essa função era o Tribunal Revolucionário. Como forma de centralizar e controlar as ações de caráter político

e social, com intuito de fortalecer no povo angolano um espírito patriótico e socialista filiados ao ideal do MPLA, começou a se criar dentro do partido várias células de cunho político atrelado ao governo, que acoplava vários níveis da sociedade civil, como por exemplo: a OMA (Organização das Mulheres Angolanas), a JMPLA (Juventude do Movimento de Libertação de Angola) a OPA (Organização do Pioneiro Angolano) a UNTA (União Nacional dos Trabalhadores Angolanos), e entre elas haviam várias organizações que filiadas ao MPLA, davam apoio e suporte, quer em escalas local, provincial e nacional.

Considerações Finais

Colônia de Portugal, Angola enfrentou um longo caminho rumo à independência. A participação da sociedade civil, organizada em movimentos políticos trazia a herança étnica como elemento agregador para uma práxis que estivesse em consonância com os desígnios de cada grupo. A multiplicidade de atores políticos evidencia a complexidade do cenário político angolano e se apresenta como um elemento essencial para se entender a formação das elites locais e as implicações que terá no âmbito das relações internacionais. Decorre daí outros fatores importantes para o nosso campo de estudos: a estabilidade política como chave para a inserção internacional de Angola; a emergência de uma concepção própria do Estado-nação; os mecanismos para a inserção internacional pautada, sobretudo na economia (recursos minerais – petróleo e dia-

manentes); a opinião pública como vetor para se entender as mudanças políticas em Angola e a retomada da democracia como fator para a justiça social e para o desenvolvimento desse país.

Referências

- ARAUJO A. C. Aspectos de desenvolvimento econômico e social de Angola. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964.
- MACIEL, Artur. Angola Heroica: 120 dias com os nossos soldados. 2. Edição Amadora. Portugal, 1963.
- MAZRUI, Ali A. Africa's International Relations: the diplomacy of dependency and change. London: Heinemann, 1977.
- PENNA FILHO, Pio. A África contemporânea: do colonialismo aos dias atuais. Brasília: Hinterland Editorial, 2009.
- SILVA, Márcia Maro da. A independência de Angola. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

ⁱ Mestrandos em História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.



O Pan-africanismo e o Processo de Integração na África Austral: uma perspectiva histórica

Nathaly Xavier Schütz¹ • Novembro de 2013

Resumo:

A integração na África Austral, identificada pela Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), tem raízes no próprio processo de descolonização dos Estados da região. O objetivo deste trabalho é analisar a origem da integração na região, tendo como fio condutor a descolonização e os conflitos por ela originados, a formação do regime do apartheid e a influência ideológica do pan-africanismo.

Palavras-chave: África Austral – integração - SADC.

Abstract:

Integration in Southern Africa, identified by Southern African Development Community (SADC), has roots in the process of decolonization of the States in the region. The objective of this work is to analyze the origin of integration in the region, based on the decolonization and the conflicts originated by it, the formation of the apartheid regime and the ideological influence of Pan-Africanism.

Key words: Southern Africa - integration - SADC.

O desenvolvimento de processos integracionistas na África confunde-se com a própria construção do Estado moderno na região. Entre o final da década de 50 e o início da década de 60, grande parte dos países africanos conquistou sua independência, ou, pelo menos, iniciou a luta para tal. Nesse momento, a ideologia do Pan-Africanismo, apesar de não ter sido concebida na África, ganha uma nova dimensão e passa a defender o anti-imperialismo e o anticolonialismo. Isso ocorre porque, em meados da década de 40, alguns importantes líderes africanos, como Nkrumah, de Gana, passam a integrar o movimento, de modo que o Pan-Africanismo passa a ser uma ideologia africana de fato, orientada para a libertação do Continente Africano.

A integração na África Austral tem uma origem histórica muito significativa e está ancorada em problemas políticos e de segurança comuns entre os países fundadores da Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC). O regime do apartheid condicionou, como será visto ao longo do trabalho, a criação das estruturas de integração na África Austral, tanto do ponto de vista econômico, quanto político-securitário.

A construção do processo de integração da África Austral está inserida na própria construção dos Estados da região, passando pelo processo de descolonização e os problemas securitários trazidos por ele. Ao longo do trabalho, desta

forma, esperamos manter uma continuidade histórica, evidenciando os aspectos que nortearam a construção do espaço da África Austral.

A retomada do Pan-Africanismo

O Pan-Africanismo tem origem fora da África, na passagem do século XIX para o século XX, entre os descendentes de escravos na América. Tal movimento é marcado por uma grande heterogeneidade, apesar da defesa comum da essência dos valores africanos. No âmbito do pan-africanismo, foram realizados cinco Congressos¹, mas apenas o último contou com uma presença expressiva de líderes africanos, já na década de 40. É nesse Quinto Congresso Pan-Africano que o movimento passa a defender com maior ênfase o anti-imperialismo e o anticolonialismo. Entre as principais resoluções adotadas no Congresso está a emancipação e total independência dos países africanos; a revogação de leis raciais e/ou discriminatórias; e a criação de uma união econômica na África Ocidental.

A partir desse Quinto Congresso, pode-se considerar que o pan-africanismo passa a ser uma ideologia africana de fato, orientada para a libertação do Continente Africano. Em 1958, temos a Primeira Conferência dos Estados Africanos Independentes, em Gana, na qual são lançadas as bases da Organização da Unidade Africana, que viria a se concretizar em 1963, na Conferência de Addis Abeba.

¹ 1919,1921,1923,1927 e 1945

A influência do Pan-Africanismo na integração africana, contudo, não se restringe a criação da OUA. Como destaca Asante (2010), o pan-africanismo tem três fases distintas de influência na África: a fase colonial, de 1935 a 1957; a fase da independência, como ideologia dos movimentos de libertação; e uma fase de retomada do pan-africanismo como uma força de apoio aos movimentos integracionistas, no início da década de 70.

Essa retomada do pan-africanismo, e do ímpeto pela integração, segundo Adedeji (2010), está relacionada ao baixo desempenho econômico dos países africanos nos anos subsequentes ao processo de independência. Agreguem-se a isso, os dois choques do petróleo na década de 70, que tiveram um efeito duplo na África: ao mesmo tempo em que agravaram ainda mais a situação econômica dos países africanos, muito vulneráveis às crises externas, também despertaram esses países para a possibilidade de, atuando conjuntamente, obter maiores resultados e uma maior inserção no cenário internacional.

É nesse contexto que, mais tarde, é lançado o Plano de Ação de Lagos, em 1980, uma das primeiras iniciativas de promoção do desenvolvimento econômico conjunto do Continente Africano após a conquista a independência dos países. A implementação dos objetivos do Plano, de intensificação da cooperação e integração regionais, torna-se mais factível em 1991, com a assinatura do Tratado de Abuja, o qual criou a

Comunidade Econômica Africana (CEA), que reúne as Comunidades Econômicas Regionais reconhecidas pela, agora, União Africana, com o intuito de promover a coordenação e harmonização de suas políticas.

Consoante Asante (2010:893), “O tipo de regionalismo que surgiu a partir de meados dos anos 1970 está profundamente ligado a mais ampla questão relativa à autonomia coletiva e a integração histórica da África ao sistema internacional.” A ideia, portanto, de muitos dos processos de integração surgidos no início da década de 80, envolve a retomada dos princípios do pan-africanismo, percebendo, assim, a integração como um mecanismo de superação da dependência externa e de inserção no sistema internacional.

A Descolonização e o Regime do apartheid

O processo de descolonização da África inicia-se no final da Segunda Guerra Mundial, constituindo o que ficou conhecido como a terceira fase da descolonização. A primeira começa na Ásia Oriental, ainda na década de 40. A segunda parte do processo de descolonização ocorre no Oriente Médio, nos anos 50. Por fim, temos a descolonização africana que, embora tenha raízes na década de 40, concretiza-se nos anos 60 e 70.

O novo cenário pós Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria impacta direta-

mente sobre as estruturas coloniais mantidas pelos países europeus que, nesse novo contexto, já não eram mais as grandes potências mundiais. Como destacam Visentini, Ribeiro e Pereira (2007), vários fatores influenciaram diretamente no processo de descolonização, entre eles: a nova configuração de poder, com a ascensão de Estados Unidos e União Soviética, ambos anticolonialistas; a expansão das multinacionais norte-americanas, cujos interesses eram prejudicados pelas políticas coloniais; e as próprias reivindicações das colônias, que se acentuam com a Conferência de Bandung² e a influência das, já mencionadas, descolonizações nas outras regiões.

A construção do Estado Sul-Africano, em específico, está marcada pela questão da segregação racial. Quando é criada a União da África do Sul, em 1910, o controle da minoria branca sobre a maioria negra já estava instituído e o que se seguiu foi uma série de leis que tornavam legais e aumentavam a segregação racial no país.

O período entre 1910 e 1948, de acordo com Bauer e Taylor (2005), é caracterizado por uma alternância no poder de partidos que representavam a mistura das influências dos afrikaaners e dos ingleses. A colaboração de Smuts, líder do Partido Unido, com os britânicos durante a

Primeira Guerra Mundial, todavia, desagradou uma grande parcela dos seus apoiadores, que foram reunidos no Partido Nacional, reestruturado em 1934 sob a liderança de D. F. Malan (FARLEY, 2008). Em 1948, o Partido Nacional, controlado pelos afrikaaners e sem influência britânica, ganha as eleições. O resultado da vitória é a implementação do regime de segregação racial conhecido como apartheid e a sucessão de leis que legitimavam essa opressão.

Entre as diversas leis implantadas com o intuito de regulamentar a segregação racial, é imperioso falar do Native Lands Act de 1913, que limitou o acesso da terra aos negros. Como ressalta Pereira (2007), os negros, que representavam 75% da população, ficavam restritos a apenas 7% do território sul-africano, nos futuros bantustões³; enquanto os brancos, que eram somente 10% da população, controlavam 93% das terras do país.

A resistência ao regime de segregação racial implantado pelo governo sul-africano não tardou a se organizar. Entre as diversas organizações que surgiram, destaca-se o Congresso Nacional Africano (CNA), fundado em 1912, com o intuito de, através das formas legais, defender a participação e os direitos dos negros no país. A repressão dos movimentos negros pelas lideranças sul-africanas intensificou-se assim que

² A Conferência de Bandung, ocorrida em 1955, reuniu países africanos e asiáticos, em defesa do não-alinhamento e do princípio da auto-determinação dos povos. Foi, assim, um marco nos processos de descolonização e na própria constituição do Movimento dos Países Não-alinhados.

³ Os bantustões foram estabelecidos em 1959, pela Lei de Promoção do Autogoverno Banto, que transformava as antigas reservas negras em Autoridades Territoriais. (PEREIRA, 2007)

o CNA iniciou as ações de luta armada. Já em 1964, líderes do CNA foram presos, entre eles Nelson Mandela e Walter Sisulu e o CNA passa a agir na ilegalidade. A luta das organizações contra o apartheid, contudo, continuou existindo, nada obstante a expressividade reduzida.

Ao final da década de 70, assim, apesar da existência de muitos conflitos na região da África Austral, já podemos vislumbrar a configuração geopolítica que se estabelecerá nos próximos anos, com os países africanos independentes. A compreensão dessa fase final de construção dos Estados independentes é de grande valia para entendermos as forças históricas que atuaram no processo de integração regional da África Austral.

A conjuntura que se apresentava era de conclusão do processo de descolonização das áreas antes controladas por Portugal, Grã-Bretanha e França, mas com a manutenção de conflito em muitos países recém-independentes, além da política de segregação racial na África do Sul. Temos, assim, um grupo de países que tiveram uma independência menos conflituosa e encontram-se mais estáveis politicamente, no qual se insere Zâmbia, Tanzânia e Malawi; o Zimbábue, que ainda passava por um período de independência conflituoso; um outro conjunto de países que tinham tido uma independência conflituosa e que permaneciam em guerra civil, representados por Angola, Moçambique e o Zaire (atual República Democrática do Congo); e, por fim, a África do Sul, sob o regime do

apartheid, juntamente com Namíbia, que ainda lutava pela sua independência, e Lesoto, Suazilândia e Botsuana, independentes, mas fortemente ligadas a Pretória.

O regime do apartheid na África do Sul foi fortemente afetado pela independência das colônias portuguesas e pela própria Revolução dos Cravos em Portugal. A África do Sul, assim como outros países, como China, Cuba, URSS e EUA, estava fortemente envolvida nas lutas pela independência em Angola e Moçambique, em grande medida, devido a sua necessidade de controlar a Namíbia (FARLEY, 2008). Com a independência das duas colônias, a África do Sul se vê compelida a envolver-se no conflito instaurado, especialmente no caso de Angola. Além disso, como destaca Pereira (2007), as fronteiras da África do Sul e da Namíbia passaram a ficar expostas a regimes contrários ao regime do apartheid.

A situação na África do Sul fica mais tensa com o levante de Soweto, em 1976, fortemente reprimido pelas forças do governo, e o aumento das ações militares e da mobilização do CNA. Pretória se via, assim, enfrentando uma dupla crise: externa e interna. A nova situação leva a África do Sul a adotar uma nova estratégia de política de defesa, baseada, consoante Pereira (2007), na coerção econômica e militar dos vizinhos, com o intuito de impor a hegemonia sul-africana.

No final da década de 70, a África do Sul decide adotar uma nova estratégia diplomática, visando se contrapor aos Estados da Linha de Frente. Com os últimos acontecimentos na Rodésia do Sul e a independência das colônias portuguesas de Angola e Moçambique, consoante Pereira (2007), o governo sul-africano lança uma nova iniciativa político-diplomática conhecida como *détente*. Para isso, Pretória almeja criar um sistema de constelação na África Austral, que deveria assegurar seus interesses políticos, militares e econômicos na região. Em 1979, assim, a África do Sul convoca para a formação de uma Constelação de Estados da África Austral de cunho antimarxista (CONSAS). (EVANS, 1984)

Como será visto em seguida, nesse mesmo período, os Estados da Linha de Frente iniciam as primeiras tratativas para a criação da SADCC. É a criação da SADCC, juntamente com a independência do Zimbábue, que determina o fracasso do projeto sul-africano de criação da CONSAS. Com a independência do Zimbábue, em 1980, e o seu ingresso nos Estados da Linha de Frente e, posteriormente, na SADCC, há um fortalecimento do grupo liderado por Zâmbia e Tanzânia e um maior isolamento diplomático da África do Sul. Como ressalta Evans (1984), a CONSAS torna-se apenas um projeto, já que a África do Sul não consegue a adesão dos Estados que esperava.

Após esse curto período de tentativa fracassada de implantação da CONSAS, a África do

Sul muda a sua estratégia para os países vizinhos mais uma vez. Consoante Swart e Plessis (2004), o período entre a metade do ano de 1980 até o final de 1981 é marcado por uma nova fase de política de desestabilização. Pretória aumenta as ações militares contra seus vizinhos, especialmente Angola e Moçambique, visando atingir as bases de apoio do Congresso Nacional Africano.

Swart e Plessis (2004) elencam quatro efeitos dessa política de desestabilização sul-africana na região da África Austral. O primeiro resultado foi um fortalecimento da hegemonia regional da África do Sul e da sua habilidade de controlar o ambiente regional. Em segundo, está a redução dos membros de movimentos de libertação em alguns países vizinhos, especialmente Lesoto e Suazilândia. Outro efeito foi a sensação de instabilidade que se tornou a maior fonte de insegurança da região. Por fim, a política de desestabilização criou um ímpeto para a criação de uma contra-estratégia através da formação de uma aliança que está na origem da arquitetura de segurança da África Austral. Os dois últimos efeitos estão diretamente relacionados à perspectiva adotada neste trabalho de que o regime do apartheid e as políticas tomadas pela África do Sul estão nas raízes dos processos de integração da África Austral.

Às vésperas da criação da SADCC, a situação na África Austral era de grande tensão. O Zimbábue, após anos de luta, tinha tido sua independência formalmente reconhecida em

1980 e ingressa nos Estados da Linha de Frente. As ex-colônias portuguesas de Angola e Moçambique ainda enfrentam conflitos internos, apesar de já terem se tornado independentes, inclusive com a interferência da África do Sul. A Namíbia ainda não havia conquistado sua independência e sofria com o conflito com a África do Sul e as sucessivas tentativas de Pretória de estabelecer um governo na região.

É esse contexto de instabilidade e insegurança que caracteriza a África Austral durante a década de 70 e início da década de 80. Fica bastante claro, assim, que reside no regime do apartheid e nas políticas adotadas por Pretória o impulso para a aproximação entre os países da região. Os problemas de segurança enfrentados pelos países durante a fase de descolonização, as agressões da África do Sul e a necessidade de apoiar os movimentos de libertação nacional estão nas raízes das primeiras mobilizações desses países em torno de organizações, como será visto agora.

A Criação da SADC

A SADCC que, alguns anos mais tarde, viria a se tornar a SADC, tem uma origem histórica bastante significativa e foi antecedida por uma série de organizações que culminaram com a criação dos Estados da Linha de Frente. É esse grupo de países que, em última instância, idealiza a criação da SADCC. Compreender a

formação dessas organizações, assim, é de grande importância para a presente análise.

O contexto do apartheid na África do Sul, como foi visto anteriormente, determinou, em grande medida, a atuação externa dos outros países da região e motivou a união desses países em torno de organizações que visassem a coordenação de políticas contra o regime de segregação racial e de apoio aos movimentos de libertação nacional. De acordo com Omari e Macaringue (2007), três grupos regionais antecederam a criação dos Estados da Linha de Frente: o Movimento de Liberdade Pan-Africano para a África do Leste, Central e Austral (PAFMECSA), a Conferência de Países Africanos do Leste e do Centro (CECAC) e o Mulungushi Club.

O Mulungushi Club é a organização que antecede, imediatamente, os Estados da Linha de Frente. Fundado em 1970 por Tanzânia, Zaire, Uganda e Zâmbia, o Mulungushi Club, como seus antecessores, era focado nos movimentos de libertação especificamente da África Austral, não direcionando esforços a ações nesse sentido em outras regiões do Continente. Segundo Omari e Macaringue (2007), um dos principais objetivos da organização era avançar em resoluções práticas dos problemas da região, e não apenas dar apoio retórico. Por ter um número reduzido de países membros, o Mulungushi Club, consoante Cilliers (1999), tinha encontros bastante frequentes, e, muitas vezes, os líderes dos movimentos de libertação nacional na região eram convidados a

participar. Esses encontros teriam consolidado as relações para a criação dos Estados da Linha de Frente.

Em 1975, os Chefes de Estado de Botsuana, Tanzânia, Zâmbia e Moçambique criam os Estados da Linha de Frente (FLS). Os FLS nascem como um fórum de cooperação entre os Estados, sem ser uma instituição formal, com o objetivo de coordenar políticas em apoio aos movimentos de libertação nacional e reduzir a dependência dos países da região em relação à África do Sul. Como ressalta Cilliers (1999), o FLS não se resumia a um clube de governos nacionais, já que incluía representantes de vários movimentos nacionais de libertação.

Em 1976, a Organização da Unidade Africana (OUA) reconhece, formalmente, os FLS. Através de uma resolução, a organização ainda afirma que um ataque da África do Sul a um membro dos FLS seria considerado um ataque a toda a África independente e que todos os Estados da OUA tinham obrigação moral de fornecer auxílio militar aos movimentos de libertação nacional, desde que os FLS concordassem. (SWART E PLESSIS, 2004)

Com a independência de Moçambique, Angola e Zimbábue, os Estados da Linha de Frente perceberam a necessidade de tratar, também, das questões econômicas na região. No início do ano de 1979, um encontro dos Ministros de Relações Exteriores dos FLS em Garbone, Botsuana, discute o conceito de desenvol-

vimento regional e cooperação econômica (SWART e PLESSIS, 2004). É nesse contexto, segundo Murapa (2002), que o Presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, convoca uma reunião consultiva na cidade de Arusha, Tanzânia, em 1979. Na ocasião, os membros dos FLS reuniram-se para debater a possibilidade de uma aliança econômica entre eles.

Nessa linha, em abril de 1980, a SADCC é formalmente criada, através do Protocolo de Lusaka. Para Evans (1984), a criação da SADCC foi uma vitória estratégica dos FLS, ao mesmo tempo em que determinou o fracasso da Constelação de Estados da África Austral (CONSAS), criada pela África do Sul. Enquanto os Estados da Linha de Frente coordenavam esforços para apoiar os movimentos de libertação nacional e resistir às agressões da África do Sul, a SADCC tentava reduzir a dependência econômica desses países em relação à Pretória (MURAPA, 2002).

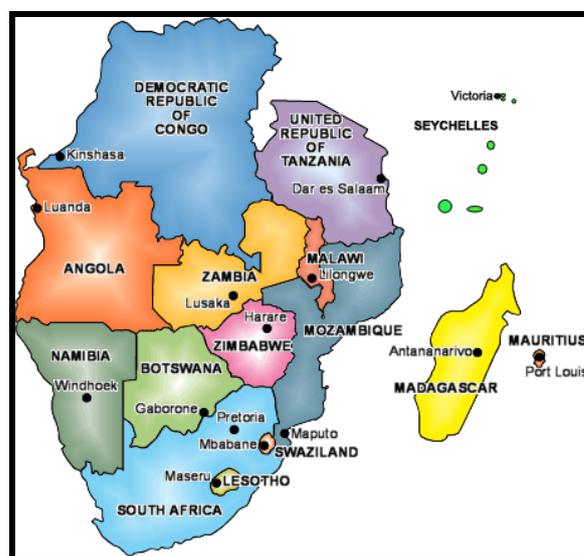
O momento histórico no qual a SADCC é criada, bem como o histórico de organizações que a antecede, torna bastante clara a existência de uma trajetória de cooperação política-securitária que antecede a cooperação econômica. Nas palavras de Murapa (2002:158): “a SADCC nasceu das experiências positivas de íntima cooperação entre governos e povos da África Austral em sua luta contra a resistência colonial e as políticas do apartheid na região.”

A SADCC é criada com nove Estados membros: Angola, Botsuana, Lesoto, Malawi,

Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue. Em agosto de 1994, a África do Sul, após o fim do regime do apartheid e a vitória eleitoral do Congresso Nacional Africano, ingressa, na então, Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)⁴. Quatro anos mais tarde, durante o encontro de Blantyre, são admitidos a República Democrática do Congo e Seychelles. Em 1995, havia ingressado Ilhas Maurício. O último membro a ingressar na SADC foi Madagascar, na Cúpula do Jubileu de Prata da SADC, em 2005.

Atualmente, a SADC é composta por quinze países membros: Angola, Botsuana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurício, Moçambique, Namíbia, Seicheles, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue. No mapa 1 é possível ver o território compreendido pela SADC e as respectivas capitais dos países mem-

bros.



Mapa 1: A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral

Considerações Finais

A construção do processo de integração na África Austral, como se demonstrou ao longo do trabalho, é fortemente marcada por fatores histórico-políticos, em especial a descolonização dos países da região e o regime de segregação racial implantado na África do Sul. Os aspectos político-securitários, assim, foram determinantes para uma aproximação inicial entre os países que, mais tarde, também englobou questões econômicas.

A necessidade de enfrentar a África do Sul sob o regime do apartheid, bem como de apoiar os movimentos de libertação dos territórios que ainda não tinham conquistado a independência, foram os estopins da mobilização dos países em torno de alguma espécie de organização que lidasse com os problemas da região. A SADC,

⁴ Southern Africa Development Community.

assim, nasce durante a própria constituição dos Estados da África Austral, tornando-se uma organização de integração regional com características específicas e de relevância inegável para a estruturação das relações estatais na região.

Referências

ADEDEJI, Adebayo. Estratégias Comparadas de Descolonização Econômica. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, C. (Eds.). História Geral da África VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010

ASANTE, S.K.B. O Pan-Africanismo e a Integração Regional. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, C. (Eds.). História Geral da África VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010

BAUER, Gretchen; TAYLOR, Scott D. Politics in Southern Africa: State & Society in Transition. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2005.

CILLIERS, Jakkie. Building Security in Southern Africa: An Update on the Evolving Architecture. ISS Monograph Series, N°43, November 1999.

EVANS, M. The Front-Line States, South Africa and Southern African Security: Military Prospects and perspectives. Zambezia, v. XII, 1984/5.

FARLEY, Jonathan. Southern Africa. New York: Routledge, 2008.

MURAPA, Rukudzo. A Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC): rumo à integração política e econômica. Impulso, n°31, Setembro, 2002.

NGUBANE, Senzo. Sources of Southern Africa Insecurity. In: SOLOMON, Hussein (Ed.). Towards a Common Defence and Security Policy in the Southern African Development Community. Pretoria: AISA, 2004.

OMARI, Abillah H; MACARINGUE, Paulino. Southern African Security in Historical Perspective. In: CAWTHRA, Gavin; PISANI, Andre du; OMARI, Abillah (Eds.). Security and Democracy in Southern Africa. Johannesburg: Wits University Press, 2007.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. África do Sul e Brasil: dois caminhos para a transição ao pós-Guerra Fria (1984-1994). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Tese de Doutorado, 2007.

SOLOMON, Hussein. From Marginalized to Dominant Discourse: Reflections on the Evolution of New Security Thinking. In: SOLOMON, Hussein; AARDT, Max van. (Eds.) 'Caring' Security in Africa. ISS Monograph Series N°20, February 1998

SWART, Gerrie; PLESSIS, Anton du. From Apartheid to Destabilisation to a Southern African Security Community. In: SOLOMON, Hussein (Ed.). Towards a Common Defence and Security Policy in the Southern African Development Community. Pretoria: AISA, 2004.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. Breve História da África. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

¹ Professora Assistente de Relações Internacionais na Universidade Federal do Pampa - Campus Santana do Livramento. Possui Graduação em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). É Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, cursa Doutorado em Ciência Política na mesma instituição.



Resolução de Conflitos na África Subsaariana: O Papel do *Power-Sharing* e da Capacidade Es- tatal nos casos de Angola e da República Demo- crática do Congo

Igor Castellano da Silva | Pedro Txai Leal Brancher | Renata Postal | Taís Cristóvão Martins Vieira |
Mariana Falcão Chaise¹ • Novembro de 2013

Resumo:

Este trabalho busca compreender o papel de acordos de paz de power-sharing (distribuição de poder) e da Capacidade Estatal para a resolução de conflitos armados na África Subsaariana, ao analisar os casos de Angola (1994 e 2002) e da República Democrática do Congo (2002). Argumenta-se que a Capacidade Estatal parece ser condição necessária na estabilização de conflitos e, eventualmente, para a efetividade de acordos power-sharing.

Palavras-chave: *África, power-sharing, Capacidade Estatal.*

Abstract:

The present work proposes to understand role of power-sharing peace agreements and of the State Capacity in the resolution of conflicts in Sub-Saharan Africa, analyzing the cases of Angola (1994 and 2002) and Democratic Republic of Congo (2002). One suggests that the State Capacity seems to be a necessary condition for the stabilization of armed conflicts and, eventually, for the effectiveness of the power-sharing agreements.

Keywords: *Africa, power-sharing, State Capacity*

O debate, geralmente normativo, sobre a crescente abertura política de países africanos e a adoção gradual de regras político-eleitorais democráticas encontra-se muitas vezes descolado de realidades mais profundas e complexas, próprias do continente. A democracia é a institucionalização do conflito político, cuja face violenta pode vir a adquirir a forma da guerra. Assim, qualquer debate sobre democracia em um continente que vive uma diversidade de conflitos armados, envolve o problema da resolução destes conflitos e a sustentabilidade da opção das partes pela moderação.

Diversos fatores podem influenciar na escolha dos atores pela opção violenta ou moderada de interação política. O bom senso parece indicar que, em geral, a combinação entre oportunidades e constrangimentos definiria a escolha. Se a violência armada parece resultar da percepção de vantagens e poucos constrangimentos para tal ação, a escolha pela paz e pela democracia necessitaria de recompensas pela opção moderada, mas também de constrangimentos que fizessem com que essas recompensas fossem consideradas vantajosas frente a possibilidades de maiores perdas. É em direção a essa lógica dual, que parece compor as estruturas da democracia, que este texto argumenta. Sustenta que a solução exclusivamente negociada de conflitos armados no continente africano, por meio do mecanismo de *power-sharing* (oferecimento de oportunidades para a moderação por meio da distribuição

de poder) é insuficiente se levada à cabo sem o estabelecimento de constrangimentos materiais para grupos armados (Capacidade Estatal que garanta dissuasão da opção violenta).

Como problema central desta pesquisa, importa reproduzir a pergunta introduzida por Bekoe (2008), “o prospecto de *power sharing* é suficiente para assegurar um período de implementação de sucesso?”¹ (BEKOE, 2008, p.5) Mais especificamente, haveria outras condições necessárias para que a paz fosse assegurada? Este estudo argumenta que a Capacidade Estatal parece ser condição necessária no processo de resolução de conflitos armados para que a paz seja garantida. Desse modo, o artigo busca avaliar, à luz dos casos de acordos de paz em Angola (1994 e 2002) e República Democrática do Congo (RDC) (2002), o papel da Capacidade Estatal como elemento crucial no processo de resolução de conflitos armados frente à insuficiência de arranjos de *power-sharing*.

Este estudo divide-se em três seções. A primeira busca relacionar a democracia com o processo de resolução de conflitos armados, ao sustentar que a moderação em ambos os casos é alcançada por meio da combinação entre benefícios/opportunidades aos atores pela opção pactuada (tais como os arranjos de *power-sharing*) e constrangimentos/dissuasão contra estratégias

¹ Tradução livre do original “is the prospect of power sharing sufficient to ensure a successful implementation period?” (BEKOE, 2008, p. 5)

defectivas (entre eles, a Capacidade Estatal). As seções seguintes buscam avaliar de forma preliminar essa hipótese. A segunda seção compara os processos de resolução de conflitos armados em Angola 1994, RDC 2002 e Angola 2002. Argumenta-se que os dois primeiros acordos, a despeito de envolverem mecanismos de *power-sharing*, foram incapazes de garantir a paz, enquanto que o terceiro, não obstante os limites dos arranjos de distribuição de poder, conseguiu garantir a pacificação do país. A terceira seção procura prospectar o motivo dessa diferença sugerindo que a variável Capacidade Estatal foi um dos fatores diferenciadores do terceiro caso (Angola 2002).

Democracia e Resolução de Conflitos: o papel do *power-sharing* e da Capacidade na lógica dual de benefícios e constrangimentos

A democracia e os conflitos armados estão ligados por um eixo comum. Pode-se dizer que ambos situam-se em um continuum de interação política que varia em maior ou menor grau de violência e moderação. Nesse caso a interação moderada entre atores políticos, própria da democracia política (poliarquia), estaria em campo oposto à interação política violenta, própria da guerra (em seu conceito clausewitziano²).

² É sabido que, para o general prussiano Carl von Clausewitz, clássico teórico da guerra, esta "não é um mero ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas por outros meios" (CLAUSEWITZ, 1984, p.87)

Desse modo, a relação entre democracia e conflitos armados pode variar de formas diversas e complexas. É possível afirmar que a consolidação da democracia é improvável sem a pacificação de conflitos armados intraestatais (NHEMA, 2008). Por outro lado, no longo prazo a democracia pode vir a ser instrumento necessário na legitimação da interação entre Estado e sociedade (TILLY, 1996 e 2007).

O conceito de Capacidade Estatal se refere à capacidade do Estado de interferir e alocar recursos na sociedade³. Percebe-se uma clara relação desse elemento com um dos itens fundamentais para a poliarquia de Dahl, que sustenta a necessidade de instituições para a consolidação desse regime político⁴. Trata-se da preocupação de que a democracia ofereça incentivos para a moderação (ganhos para diferentes atores),

³ Capacidade Estatal refere-se à capacidade efetiva do Estado de penetrar na sociedade e alterar a distribuição de recursos, atividades e conexões interpessoais (TILLY, 2007, p.16). Ou seja, importa a força relativa do Estado ante a sociedade e quão sustentável é a interação dessas duas esferas, tendo em vista o processo de construção dos Estados (TILLY, 1996). Em casos de conflitos armados, Capacidade Estatal está relacionada ao que Castellano da Silva (2012) chamou de definição militar do conflito. Esta não se refere exclusivamente à vitória militar de uma das partes, mas também a casos em que a "capacidade militar de uma das partes é suficiente para fazer com que a outra parte desista das confrontações" (2012, p.26), estabelecendo uma dissuasão crível, baseada no monopólio do uso legítimo da força física na imposição da ordem estatal (WEBER, 1999, p.525).

⁴ O oitavo ponto da poliarquia de Dahl pressupõe "instituições para **fazer** com que as políticas governamentais dependam de eleições e de outras manifestações de preferência" (DAHL, 1997, p.27. Grifo nosso).

mas também tenha condições, a partir das capacidades do Estado, de apresentar constrangimentos para estratégias extremas por parte de grupos políticos, dentre elas, a luta armada.

O debate sobre a resolução de conflitos na África está diretamente relacionado a essa discussão. Um dos exemplos mais significativos é a utilização do conceito de power-sharing (próprio da Teoria Democrática) para o debate sobre métodos adequados à resolução de conflitos. O conceito alinha-se aos preceitos da Teoria Consociativa da democracia, que sugere que arranjos de power-sharing – característicos de democracias consensuais – geram maior estabilidade democrática, principalmente em sociedades divididas (étnica, linguística, religiosa ou ideologicamente) (LIJPHART, 1969 e 2008)⁵. A vantagem dos acordos power-sharing residiria na inclusão de grupos com interesses divergentes no processo decisório do Estado e do governo (instituições políticas, burocracia, unidades territoriais e/ou forças armadas) e, conseqüentemente, na redução das possibilidades de alterações bruscas e desestabilizadoras do sistema (WILLIAMS, 2011, p.168-183; BEKOE, 2008, p.4).

Em suma, a utilização de arranjos de power-sharing como pilar para a resolução de conflitos tem como base a oferta de oportunidades/ganhos

⁵ Há, como pano de fundo deste argumento, a lógica do institucionalismo da escolha racional de George Tsebelis (2002, p.21), que sustenta que quanto maior for a inclusão de atores relevantes (com poderes reais de veto) no sistema (*veto players*), maior será a sua estabilidade.

políticos⁶ aos diversos grupos beligerantes como incentivo à opção pela moderação (HODDIE e HARTZELL, 2003; WILLIAMS, 2011, p.172). Há, atualmente, um quase consenso no debate acadêmico e na comunidade internacional sobre a importância de incentivos que recompensem a opção pela paz.

Todavia, estudos recentes vêm contribuindo para romper os pressupostos que baseiam tal consenso, ao verificar empiricamente algumas conseqüências nocivas de acordos de power-sharing. Na África, esforços ocidentais para construir acordos de paz de power-sharing podem encorajar outros líderes rebeldes à insurgência em busca de inclusão em acordos semelhantes (TULL e MEHLER, 2005, p.393). Além disso, arranjos de power-sharing podem gerar incentivos para a luta armada de grupos e atores já inseridos no sistema visando novas reivindicações⁷, e contribuir para a cristalização de diferenças étni-

⁶ É o caso, por exemplo, dos conflitos entre os grupos Enyelle e Munzaya, de fins de 2009 e do início de 2010, que apelavam para as armas para adquirir direitos à agricultura e à pesca.

⁷ Esses são os casos de grupos estrangeiros não inseridos, como as FDLR e a ADF; e do grupo nacional CNDP. Este surgiu em 2006, liderado por um General já inserido no novo arranjo do exército congolês como parte do grupo RCD, Laurent Nkunda. Nkunda reivindicava a supressão completa do grupo estrangeiro FDLR e era apoiado e incentivado por Ruanda. Atualmente, o surgimento do M23 é a maior comprovação desta tese, reproduzindo a lógica vista no caso do CNDP.

cas não primordiais⁸ (HOROWITZ, 1993; SNYDER, 2000).

Em geral, autores que defendem a importância de acordos de power-sharing explicam as falhas desses acordos no estabelecimento da paz como parte de deficiências na implementação de processos específicos (implementação imperfeita) (LEMARCHAND, 2006; JARSTAD, 2006) ou as atribuem à falta de maiores incentivos aos grupos acordantes (power-sharing insuficiente) (BEKOE, 2008, p.6).

Embora essas afirmações tenham de ser avaliadas empiricamente, é forçoso argumentar que qualquer comprometimento voluntário será necessariamente insuficiente, sem que haja custos visíveis e significativos na opção pela estratégia de rompimento dos acordos. Embora seja fortemente aceita a ideia de que a democracia necessita de instituições fortes e Capacidades Estatais que constringam comportamentos não moderados, há pouca discussão sobre a importância desses constringimentos para o sucesso de acordos de paz. A necessidade é bem resumida por Paul Williams:

Without effective guarantees (probably requiring some type of coercive instruments) and incentives, paper agreements were unlikely to change the zero-sum attitudes towards political power held by many African elites. Power-sharing agreements were thus likely to fail in situ-

ations where some actors felt they retained the possibility of achieving total power, or at least of significantly altering the existing military balance of power. (WILLIAMS 2011, p.173)

Dessa maneira, este trabalho argumenta que a inefetividade de arranjos de power-sharing não ocorre tanto pela insuficiência de benefícios para o seu cumprimento, mas sobretudo pelos reduzidos custos envolvidos na sua defecção. Busca sugerir que as capacidades do Estado (mormente a aplicação do monopólio do poder coercitivo), sobretudo para países periféricos, constituem parte desse elemento que institui constringimentos necessários para a sustentabilidade da paz – ao dissuadir a retomada da luta armada por parte de ex-grupos beligerantes ou de novos grupos.

Assim, como forma introdutória e parcial à discussão sobre resolução de conflitos, este trabalho sugere a importância da Capacidade Estatal como elemento necessário para a sustentabilidade de acordos de paz. Demonstra que conflitos resolvidos por acordos de power-sharing limitados e amplos, ocorridos em momentos em que a Capacidade Estatal era reduzida, não evitaram a eclosão de novos conflitos armados (Angola 1994 e RDC 2002). Já acordos de paz (inclusive com arranjos de power-sharing limitados) garantidos por níveis maiores de Capacidade Estatal obtiveram sucesso no objetivo prioritário de estabelecer a paz (Angola 2002).

⁸ Trata-se do caso das milícias xenófobas Mai Mai, que se dizem autênticos congolese e se tornam cada vez mais politicamente diferenciados de outros grupos étnicos – o que não ocorria anteriormente.

***Power-Sharing* nos Conflitos Armados de Angola e RDC: análise das (in)aplicações**

Esta seção apresenta um breve estudo sobre a resolução de conflitos em Angola 1994, RDC 2002 e Angola 2002, buscando avaliar o papel de arranjos de power-sharing na consolidação da paz.

No caso de Angola 1994, o Protocolo de Lusaka (1994) estabeleceu os termos da paz entre os dois grupos beligerantes remanescentes da guerra civil: o partido governante MPLA e o grupo rebelde UNITA (liderado por Jonas Savimbi). A defecção por parte da UNITA no cumprimento do Acordo de Bicese, em 1991⁹, levou a novas tentativas mediadas pela ONU para o estabelecimento de um acordo de paz efetivo. Com o Protocolo de Lusaka, a comunidade internacional assumiu maior participação no processo (STEDMAN, 2002) e arranjos de power-sharing centraram a estrutura do acordo. A UNITA desarmaria seus combatentes, que em seguida seriam anexados ao exército nacional e se comprometeria em devolver suas áreas de admi-

nistração ao governo central¹⁰. O MPLA ofereceria cargos no governo e no exército nacional, com o objetivo de criar um Governo de Unidade e Conciliação Nacional, além de conceder a posição de vice-presidente para Savimbi.

Apesar dos arranjos de power sharing, a guerra civil foi restaurada 4 anos depois. Jarstad (2006) argumenta que o acordo, implementado com falhas, gerava benefícios insuficientes para facções da UNITA leais a Savimbi, que detinham o controle de territórios ricos em diamantes. Nessa perspectiva, as oportunidades vislumbradas com o power-sharing eram menores do que os lucros com a continuidade da guerra. Entretanto, seria possível afirmar que faltou ao acordo garantir maiores incentivos aos grupos armados? Onde estaria o papel dos constrangimentos à sua defecção? O caso de Angola 1994 é emblemático por gerar justamente tais questionamentos. Com o seu estudo duas hipóteses surgem acerca da falha dos acordos de power-sharing. A primeira é que eles seriam falhos quando mal implementados ou adotados com amplitude limitada. A segunda é que eles seriam insuficientes se acordados sem níveis mínimos de Capacidade Estatal. Os estudos de caso a seguir (RDC 2002 e Angola 2002) avaliam, respectivamente, estas proposições.

Em RDC 2002, o caso dos acordos de paz que deram fim formal à Segunda Guerra do

⁹ Nos Acordos de Bicese (1991), para a UNITA, caberia o desarmamento de seu exército e a devolução das áreas que administrava ao governo central, já o MPLA deveria conceder a legalidade à UNITA (até então era apenas uma força militar), permitindo a sua participação no processo eleitoral subsequente, e mostrar esforços na formação de um exército nacional integrado (BEKOE, 2008). As eleições ocorreram em 1992, mas o seu resultado não foi reconhecido pela UNITA, fato que trouxe o retorno do conflito ao país apenas 18 meses após a assinatura do acordo.

¹⁰ “UNITA stated that it controlled 128 districts out of the existing 163 districts in Angola” (HODGES, 2001, p. 61).

Congo (IIGC) é relevante. O conflito armado, iniciado em 1998, levou à divisão do território da RDC entre agressores (Ruanda, Uganda, Burundi e grupos insurgentes congolezes e estrangeiros) e defensores (RDC, Angola, Zimbábue, Namíbia e milícias congolezas e estrangeiras). Com a insuficiência do Acordo de Lusaka (1999), uma nova fase de negociações, que passou a ser mediada pela África do Sul e contou com o perfil moderado do novo líder congolês Joseph Kabila, possibilitou a assinatura de diversos acordos entre países e grupos insurgentes. O Acordo Todo-Inclusivo de Paz de Pretória (17 de dezembro de 2002) instituiu amplos mecanismos de power-sharing entre as forças de Joseph Kabila e os principais grupos rebeldes nacionais (MLC, RCD-Goma, RCD-N, RCD-K/ML e Mai Mai). Foi implementado o power-sharing amplo no sistema político¹¹ e o military power-sharing¹².

¹¹ Foi adotada a fórmula de um presidente e quatro vice-presidentes representantes dos grupos opositores (1+4), e um Parlamento bicameral composto por cinco grupos principais e três entidades menores que participaram dos diálogos de paz e assinaram o acordo de paz final (KABEMBA, 2005).

¹¹ Às forças armadas agregaram-se os cinco grupos insurgentes principais da guerra. Tratava-se de desmobilizar 200.000 homens, integrando 40.000 tropas às forças armadas. Nesse processo, as tropas do governo e dos antigos grupos rebeldes continuaram controlando o território sob sua ocupação, mas agora com o envolvimento de outras facções e gradualmente se integrando às estruturas estatais (JANE'S, 2009b).

¹² Às forças armadas agregaram-se os cinco grupos insurgentes principais da guerra. Tratava-se de desmobilizar 200.000 homens, integrando 40.000 tropas às forças armadas. Nesse processo, as tropas do governo e dos antigos grupos rebeldes continuaram contro-

No caso da RDC, mesmo a implantação abrangente dos acordos de power-sharing não levou à paz. Na prática, pode-se afirmar que os arranjos de power-sharing (i) redundaram em incentivos para o surgimento de novos grupos armados que reivindicavam inclusão e ganhos políticos, (ii) estimularam a luta armada de grupos e atores não inseridos e dos já inseridos no sistema visando novas reivindicações; e (iii) contribuíram para a cristalização de diferenças étnicas não primordiais.

A conclusão parcial desse caso, juntamente com o de Angola 1994 é que arranjos de power-sharing parecem falhar em dois sentidos amplos. Em primeiro lugar, por incentivar a luta armada dos não incluídos¹³. Em segundo lugar, falham por ignorar que os interesses e ambições de lideranças beligerantes nem sempre se acomodam com o power-sharing, necessitando de constrangimentos significativos para dissuadir a retomada da opção violenta. Isto é o que parece sugerir o caso de Angola 2002.

Em Angola 2002, após o reinício da guerra em 1998, a UNITA foi derrotada em termos convencionais em 2000. Todavia, a adoção de táticas de guerrilha pelo grupo insurgente

lando o território sob sua ocupação, mas agora com o envolvimento de outras facções e gradualmente se integrando às estruturas estatais (JANE'S, 2009b).

¹³ Isso se deve à lógica dual de que, no caso de conflitos armados complexos, torna-se quase impossível a inclusão de todos os beligerantes (forças pequenas e grupos estrangeiros) e de que grupos políticos moderados (não armados) são em grande medida excluídos de tais arranjos.

trouxe um impasse ao conflito. Este só foi rompido em fevereiro de 2002, com a morte de Jonas Savimbi em combate e a definição militar do conflito a favor das FAA (Forças Armadas Angolanas). Um acordo de paz foi estabelecido em Luena (4 de abril de 2002), na forma de memorando de entendimento, no qual as partes concordaram em um cessar-fogo com um power sharing aquém do idealizado em Lusaka. Tratava-se de garantias mais brandas (soft guarantees) do que aquelas cedidas em Angola 1994 e RDC 2002 e também envolviam a cessão de recursos para a UNITA na forma de concessões de diamantes, que garantiriam que o grupo "would have the financial means to complete its transformation and compete electorally as a political party" (BROWN e ZAHAR, 2008, p.80). De forma complementar, o governo criou uma agência de segurança para estabelecer o controle central e o monitoramento sobre reservas de diamantes (IISS, 2004, p.221). A estabilidade foi atingida após o sucesso do processo de desmobilização da UNITA, sugerindo que, mesmo com a adoção de arranjos de power-sharing muito restritos, o estabelecimento de constrangimentos à atuação do grupo armado (definição militar do conflito) foi fator relevante para o sucesso dos acordos de paz.

A Capacidade Estatal como Condição Necessária: análise dos casos de Angola e RDC

Esta seção busca complementar a seção anterior (i) ao procurar mensurar a Capacidade Estatal de Angola e RDC nos processos de resolução dos conflitos armados¹⁴ e (ii) ao sugerir que a diferença fundamental do caso de Angola 2002 foi a existência de níveis consideráveis de Capacidade Estatal, os quais, acredita-se, contribuíram para dissuadir a retomada da insurgência por parte da UNITA.

No caso angolano, os indicadores demonstram um aumento considerável na Capacidade Estatal do país a partir dos anos 2000. De acordo com o FMI, tanto o PIB total quanto o PIB per capita de Angola em 1994 atingiram quatro bilhões e 345 dólares respectivamente, os menores índices registrados desde 1980 (ver figura 1). Por outro lado, em 2002 o PIB total já se encontrava na faixa dos onze bilhões de dólares, enquanto o PIB per capita havia aumentado para 767 dólares (IMF, 2013)¹⁵. Graças a essa recuperação econômica, o Estado angolano pôde

¹⁴ A mensuração da Capacidade Estatal aqui proposta adota alguns indicadores vinculados a capacidades materiais amplamente adotados pela teoria realista de Relações Internacionais (WALTZ, 1979; MEARS-HEIMER, 2002). Dentre eles pode-se citar aquelas vinculadas ao poder potencial (PIB, PIB per capita e gastos militares) e ao poder concreto (tamanho do exército e estado das forças).

¹⁵ Vale ressaltar, contudo, que o crescimento econômico de Angola na última década está centralmente relacionado com o aumento dos preços do petróleo e na ampliação da exploração do produto, não significando, portanto, que necessariamente houve alguma distribuição da renda nacional.

reestruturar suas forças armadas nacionais (ver figura 2¹⁶).

Ademais, a UNITA perdia seu apoio internacional e se encontrava em processo de desestruturação. No ano 2000, as FAA haviam vencido a UNITA em combate convencional e em fevereiro de 2002 foi morto Jonas Savimbi. Já em maio do mesmo ano, cerca de 40.000 soldados da UNITA, aproximadamente 80% da força rebelde havia sido desarmada (IISS, 2002). Desse modo, a capacidade do Estado angolano cresceu não apenas em termos absolutos, como também em relação às forças oposicionistas.

A situação existente na RDC era (e permanece sendo) oposta. A percepção do Congo como um Estado Falido na literatura é recorrente, independentemente de quais são os indicadores utilizados na operacionalização do conceito (FFP, 2012). Esse fato decorre diretamente das sequelas deixadas pelo enfraquecimento das forças armadas nacionais, empreendido por Mobutu desde 1975, e pelas sucessivas crises econômicas e políticas agravadas desde a década de 1980, que redundaram nas duas guerras do Congo. Como se observou no caso da IIGC, as Forças Armadas Congolesas não eram efetivas tanto na realização da coerção externa quanto interna, dependendo

¹⁶ Ao se observar a figura 2, nota-se que os gastos militares de Angola em relação ao PIB não tiveram um aumento considerável da década de 90 para os anos 2000. Ainda assim, os gastos absolutos aumentaram drasticamente, o que demonstra a substancial recuperação da economia angolana na última década.

de auxílio externo e sofrendo com a falta de capacidades, treinamento e deficiências na cadeia Comando e Controle (C2) (JACKSON, 1998).

Enquanto o PIB angolano teve uma tendência crescente a partir dos anos 2000, no Congo, tanto o PIB total quanto o PIB per capita estavam em declínio desde 1990 (ver figura 1). Nesse contexto, ficam evidentes as diferentes condições que os dois países tinham para investir em capacidades militares e institucionais. Os gastos militares do Congo se mantiveram os mais baixos entre os países da região (ver figura 3), o que impossibilitou um aumento da Capacidade Estatal em relação aos grupos insurgentes internos que eram financiados por países vizinhos¹⁷.

Outro dado é o aumento considerável no número total de soldados nas forças armadas de Angola e do Congo (ver figura 4). Enquanto que no caso angolano esse aumento foi acompanhado de treinamento e modernização dos equipamentos¹⁸, no caso congolês, devido à fragilidade econômica, esses elementos não estiveram

¹⁷ Os dados para 2001 e 2002 para o Congo não estavam disponíveis na base de dados do Banco Mundial. Para dados estimados foi observada a tendência de crescimento e feita uma média simples entre os anos de 2000 e de 2001. O mesmo foi feito com o dado para 1998 do Zimbábue.

¹⁸ Os elevados gastos militares e a experiência adquirida pelos anos de conflito permitiram a Angola desenvolver uma das forças mais poderosas do continente. A modernização das forças ocorreu com a ajuda e o treinamento por parte de outros países, como Portugal, Rússia, além de empresas privadas sul-africanas e norte-americanas (JANE'S, 2009a).

presentes. O incremento nas tropas demonstra o processo descontrolado em que ocorreu a incorporação dos grupos rebeldes ao exército nacional¹⁹.

Como os indicadores sugerem, o Estado do Congo tinha capacidades muito reduzidas no momento da assinatura dos acordos de paz. Consequentemente, as garantias trazidas por um acordo de power-sharing não foram acompanhadas de constrangimentos significativos aos grupos integrados, nem dissuasão aos demais grupos, pacíficos ou beligerantes.

Por outro lado o governo de Angola atingiu uma situação na qual não havia mais equilíbrio de poder com seu principal antagonista. De tal modo que, em concomitância com o aumento das Capacidades Estatais, o power-sharing pode ser bem sucedido, pois os constrangimentos impostos à UNITA tornavam a aceitação do acordo de paz a única alternativa possível. A tabela 1 sintetiza este estudo, demonstrando que quando a variável Capacidade Estatal esteve presente, o encerramento dos conflitos armados foi garantido.

¹⁹ O processo de integração no Congo foi feito de maneira descontrolada, sem um programa efetivo de treinamento e *brassage*. Na *mixage* ex-rebeldes são colocados com outras tropas, mas suas unidades não são dissolvidas, apenas justapostas. Na *brassage* eles são individualmente misturados e redistribuídos geograficamente.

Considerações Finais

Este trabalho procurou demonstrar a relevância da lógica dual de benefícios e constrangimentos, própria da democracia, para o caso da resolução de conflitos africanos. Sugeriu que benefícios representados por acordos de paz de power-sharing (distribuição de poder entre as partes beligerantes) são insuficientes para a garantia da paz.

Acordos de power-sharing sofrem do mal crônico de não conseguirem incluir todas as partes interessadas na participação política (beligerantes ou não) e por oferecer benefícios aos grupos beligerantes que nem sempre são compatíveis com as ambições de suas lideranças. Uma lógica subjacente é que faltam aos acordos de power-sharing constrangimentos mínimos que desincentivem a defecção por parte dos grupos beligerantes. Estes constrangimentos seriam garantidos de forma natural pela Capacidade Estatal, que pode contribuir para a definição militar do conflito²⁰.

Dessa forma, este estudo sugeriu que arranjos de power-sharing como forma de resolução de conflitos africanos (primeiro passo para o caminho da democracia) são insuficientes na obtenção da paz. Avaliou-se preliminarmente a hipótese de que a Capacidade Estatal, como

²⁰ Esta última não se refere necessariamente à vitória militar, mas sim, como visto no caso de Angola 2002, a uma disparidade de capacidades entre as partes beligerantes que garanta dissuasão crível e as bases para a estruturação presente e futura do Estado nacional (forças armadas e burocracia nacional).

elemento de dissuasão da luta armada e de cons-trangimento à defecção, é condição necessária para a estabilização de conflitos armados na África. Em termos práticos, verificou-se neste estudo que a Capacidade Estatal (dissuasão representada por forças armadas efetivas), mesmo combinada com arranjos power-sharing limitados, coincidi-ram com resolução estável do conflito, o que tende a indicar que ela seja elemento necessário para a resolução sustentável de conflitos arma-dos.

Referências

- BEKOE, Dorina A. *Implementing Peace Agreements: Lessons from Mozambique, Angola, and Liberia*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- BROWN, Stephen; ZAHAR, Marie-Joëlle. *Committing to Peace: Soft Guarantees and Alternative Approaches to Power Sharing in Angola and Mozambique*. *Journal of Peacebuilding & Development*, v.4, n.2, p. 75-88, 2008.
- CALL, C.; WYETH, V. (Eds.). *Building States to Build Peace*. Boulder: Lynne Rienner, 2008.
- CASTELLANO DA SILVA, Igor. *Congo, a Guerra Mundial Africana: conflitos armados, construção do estado e alternativas para a paz*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *On War*. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- COW. *National Material Capabilities (v4.0). Correlates of War*. [http://www.correlatesofwar.org/COW2%20Data/Capabilities/NMC_v4_0.csv] Disponibilidade: 07/09/2013, 2008.
- DAHL, R. (1997). *Poliarquia*. São Paulo. Edusp.
- FFP. *The Failed States Index 2012*. Washington: The Fund for Peace, 2012.
- HODDIE, Matthew; HARTZELL Caroline. *Civil War Settlements and the Implementation of Military Power-Sharing Arrangements*. *Journal of Peace Research*, v. 40, n. 303, 2003.
- HODGES, Tony. *Angola From Afro-Stalinism to Petro-Diamond Capitalism*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- HOROWITZ, Donald L. *Democracy in Divided Societies*. *Journal of Democracy*, n. 4, p. 18-38, 1993.
- IISS. *The Military Balance 2001-2002*. International Institute for Strategic Studies. London: Routledge, 2002.
- IISS. *The Military Balance 2003-2004*. International Institute for Strategic Studies. London: Routledge, 2004.
- IMF. *The World Economic Outlook (WEO)*. International Monetary Fund. Database. [http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2010/01/weodat a/index.aspx] Disponibilidade: 07/09/2013, 2013.
- JACKSON, Robert H.. *Surrogate Sovereignty? Great Power Responsibility and "Failed States"*. The University of British Columbia, Institute of International Relations Working Paper, n. 25, November, 1998.
- JANE'S. *JANE'S Country Profile: Angola*. Acervo do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT), 2009a.
- JANE'S. *JANE'S World Armies: Democratic Republic of Congo*. Acervo do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT), 2009b.
- JARSTAD, Anna (2006). *The logic of power sharing after civil war*. Department of Peace and Conflict Research, Uppsala University. Paper prepared for the workshop on Power-sharing and Democratic Governance in Divided Society, Center for the Study of Civil War, PRIO, Oslo, Norway, 21-22, 2006.
- KABEMBA, Claude. *Strengthening parliamentary democracy in SADC countries*. DRC Country Report. The South African Institute of International Affairs (SAIIA), 2005.
- LEMARCHAND, Rene. *Consociationalism and power sharing in Africa: Rwanda, Burundi, and the Democratic Republic of the Congo*. *African Affairs*, v.106, n. 422, p. 1-20, 2006.
- LIJPHART, Arend. *Consociational democracy*. *World Politics*, 21: 207-25, 1969.
- LIJPHART, Arend. *Modelos de democracia. Desempenho e padrões de governo em 36 países*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MEARSHEIMER, John J.. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: WW Norton, 2002.
- NHEMA, Alfred. *Introducion: The Resolution of African Conflicts*. In: NHEMA, Alfred; ZELEZA, Paul Tiyambe. *The Resolution of African Conflicts: The management of conflict resolution & post-conflict reconstruction*. Muckleneuk: Unisa Press, 2008.
- SIPRI. *Military Expenditure Database*. SIPRI. [http://www.sipri.org/databases/milex] Acesso em 07 de setembro de 2013.
- SNYDER, Jack. *From Voting to Violence: Democratization and Nationalist Conflict*. New York: W.W. Norton, 2000.

STEDMAN, Stephen Joh; ROTCHILD, Donald; and COUSENS, Elizabeth. (2002). *Ending Civil Wars: The Implementation of Peace Agreements*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2002.

TILLY, Charles. *Coerção, Capital e Estados Europeus*. São Paulo: Edusp, 1996.

TILLY, Charles. *Democracy*. New York: Cambridge University Press, 2007.

TULL, Denis; MEHLER, Andreas. The hidden costs of power-sharing: reproducing insurgent violence in Africa. *African Affairs*, v. 104, n. 416, p. 375–98, 2005.

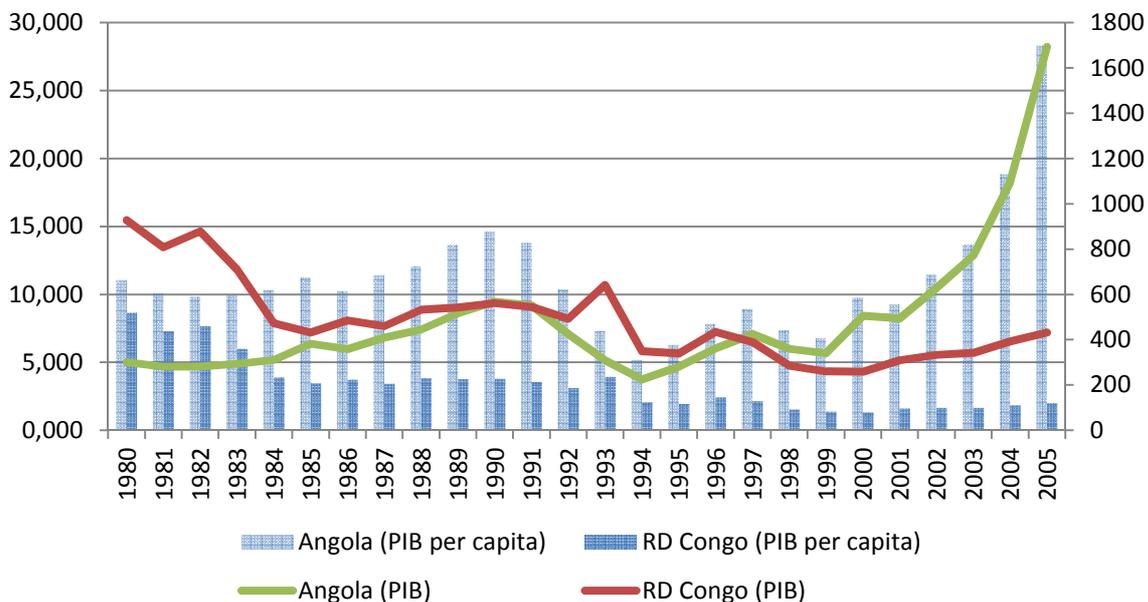
VISENTINI, Paulo F. *A África na Política Internacional: O sistema interafricano e sua inserção mundial*. Curitiba: Juruá, 2011.

WALTZ, Kenneth. *Theory of International Politics*. Reading, Mass.: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.

WB. World Databank. World Bank. [<http://databank.worldbank.org/ddp/home.do>] Acesso em 07 de setembro de 2013.

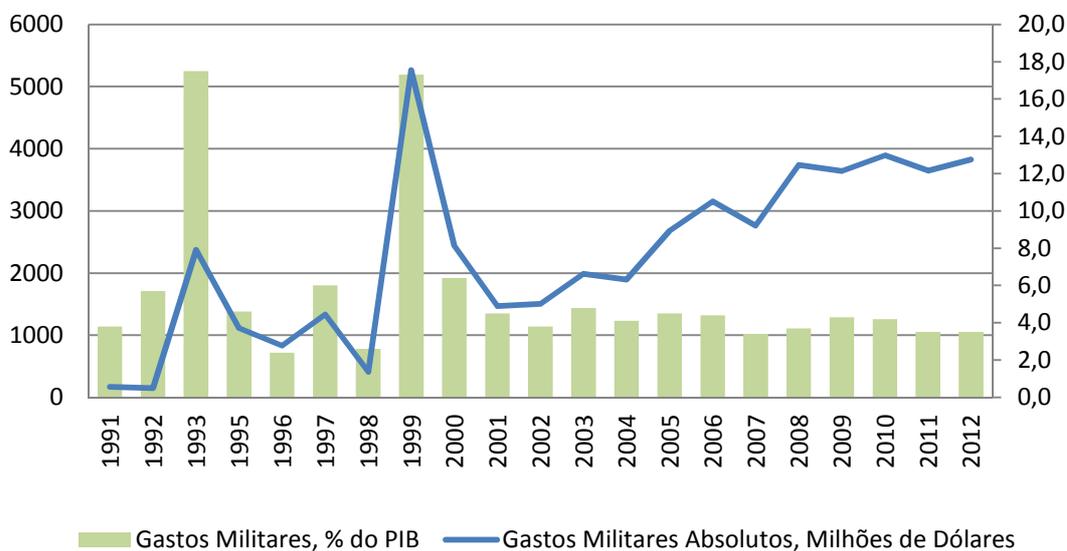
WILLIAMS, Paul D.. *War and Conflict in Africa*. Cambridge: Polity Press, 2011.

Figura 1 - Angola e RDC: PIB e PIB per capita, 1980-2005 (bilhões de US\$ correntes)



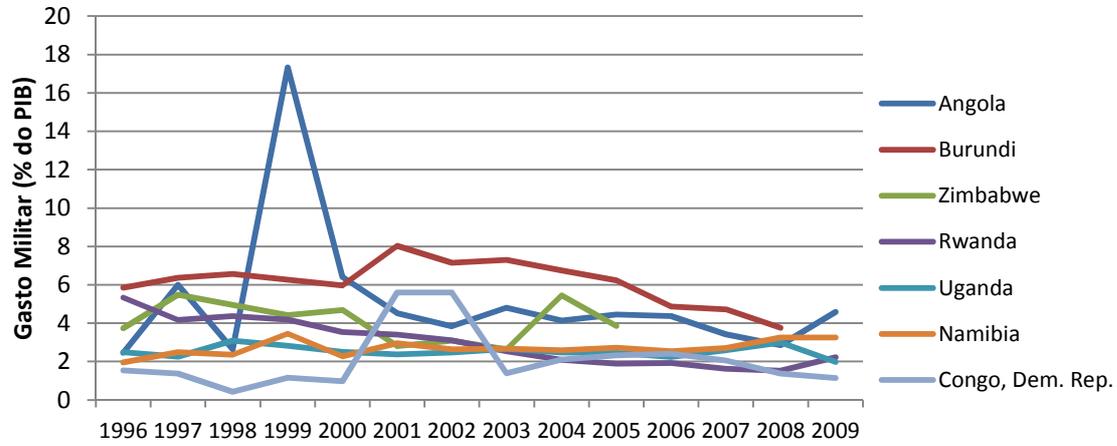
Fonte: IMF, 2013.

Figura 2: Angola, Gastos Militares Absolutos e em Relação ao PIB



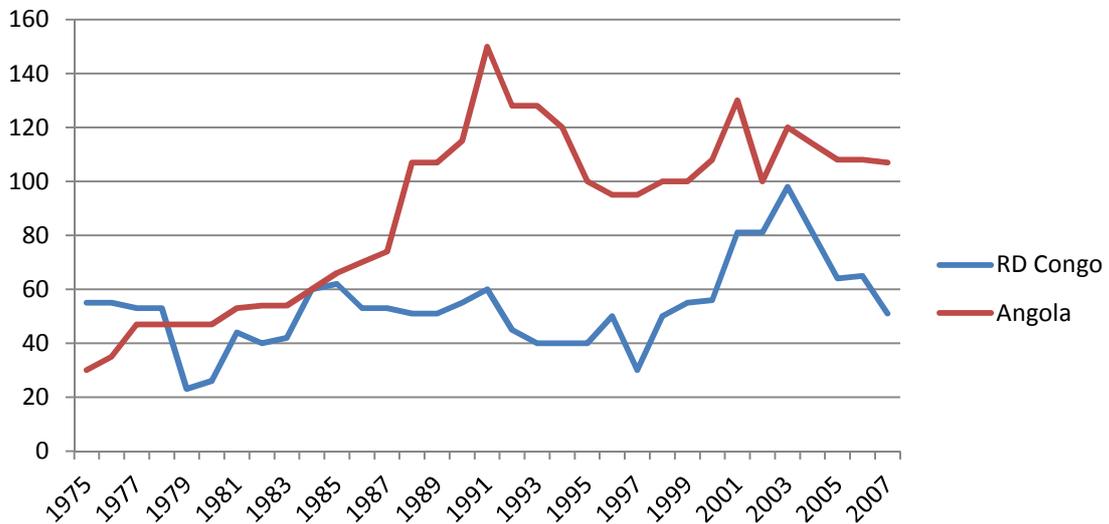
Fonte: SIPRI, 2013.

Figura 3 - Gasto Militar dos Principais Beligerantes das Guerras do Congo, 1996-2009



Fonte: WB, 2013

Figura 4 - Contingente militar (milhares)



Fonte: COW 2011

Tabela 1 – Quadro Resumo: Relação entre *power-sharing* e Capacidade Estatal em Angola e Congo

	Angola 1994	Congo 2002	Angola 2002
<i>Características do power-sharing</i>	Parcialmente imple- mentado	Completamente implemen- tado	Limitado
<i>Capacidade Estatal</i>	Baixa	Baixa	Alta
<i>Situação posterior</i>	Conflito	Conflito	Sem conflito

ⁱ Igor Castellano da Silva

Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE-EI/NERINT/CEBRAFRICA/CEGOV - UFRGS). Mestre em Ciência Política, pela mesma instituição. Pesquisador Associado do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE).

Pedro Txai Leal Brancher

Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador colaborador do Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV).

Renata Postal

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Taís Cristovão Martins Vieira

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Mariana Falcão Chaise

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Pan-africanismo e Desenvolvimento: um olhar sobre o sistema africano de proteção dos direitos humanos

Ângela Pires Tertoⁱ • Novembro de 2013

***Resumo:** O artigo examina o sistema africano de proteção dos direitos humanos no contexto dos mecanismos de integração regional, particularmente no âmbito da União Africana. A partir do conceito de pan-africanismo, explora o exercício dos valores africanos e do direito ao desenvolvimento nestes mecanismos.*

***Palavras-chave:** pan-africanismo, direitos humanos, desenvolvimento, integração regional.*

***Abstract:** The article examines the African System of Human Rights Protection in the context of regional integration mechanisms, in particular the African Union. Drawing from the concept of pan-africanism, it explores the application of African values and the right to development in such mechanisms.*

***Key-words:** pan-africanism, human rights, development, regional integration.*

Introdução

Sob o ponto de vista do papel que os Estados deveriam desempenhar no processo de desenvolvimento, tem-se debatido se as melhorias devem focar-se no crescimento econômico ou atender o bem-estar individual e coletivo. Sob essa perspectiva, recentemente vem sendo defendido que os Estados devem considerar os direitos humanos como parte integrante do processo de desenvolvimento (BRADLOW, 2005, P. 5) e, portanto, adotar uma abordagem holística das necessidades da população, particularmente das comunidades tradicionais que se encontram em situação de vulnerabilidade.

A esse respeito, diga-se que em 1986 a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento (UN, 1986). Contudo, deve ser destacado que não tem sido uma tarefa fácil assegurar o cumprimento dos objetivos da Declaração e de outras obrigações internacionais relacionadas à promoção do desenvolvimento por parte dos Estados.

A realidade africana, nesse sentido, requer especial atenção. No contexto global, observa-se a marginalização da África e a insuficiência dos processos de promoção do seu desenvolvimento (REPUBLIQUE FRANÇAISE, 2002, P.4). Dessa forma, a luta pelo bem estar do povo africano e pela promoção do desenvolvimento

tem sido marca importante do contexto pós-colonial do continente africano. Ela é refletida nos diversos instrumentos normativos elaborados pelos estados africanos bem como na prática de suas instituições, como poderá ser observado adiante.

Para enfrentar as desigualdades sociais e econômicas aprofundadas pelo processo colonizadorⁱⁱ, uma das reações dos diversos países que compõem o continente africano foi a criação de mecanismos regionais. Dentre estes, destaquem-se a criação, da União Africana (criada em 1963 como Organização da Unidade Africana), da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS, sigla em inglês), da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC, sigla em inglês), dentre outros mecanismos de integração regional. Os países africanos também compõem mecanismos multilaterais como a Organização das Nações Unidas (ONU), tendo ratificado vários de seus instrumentos de proteção dos direitos humanos.

A criação dos referidos mecanismos de integração regional reflete a necessidade de afirmar a identidade africana em contraposição à imposição da perspectiva estrangeira, principalmente a europeia, oriunda dos países colonizadores. Dessa forma, a África busca assumir o controle do seu próprio destino, após o longo consumo de ideais importadas (BRODIN, 2004, P.364).

Opoku Agyeman (2002) é um dos autores que defendem a conformação de um mecanismo de integração regional com base na tradição e valores africanos em detrimento da convergência comercial ou aduaneira. Contrapondo às teorias funcionalistas e à experiência da União Européia, Agyeman apresenta o pan-africanismo federalista como o veículo apropriado de desenvolvimento do continente. Para ele, a tarefa na África seria:

(...) deslocar a visão da importância da integração - não em termos da mais ou menos eficiente utilização de recursos ela possa trazer, mas na base do estímulo que ela pode dar no crescimento econômico, na forma do que um grande Mercado pode impulsionar o desenvolvimento de indústrias manufatureiras - implica uma necessária mudança do funcionalismo para o federalismo (AGYEMAN, 2002, p.11)ⁱⁱⁱ.

A identificação de valores comuns não é tarefa fácil, uma vez que há uma enorme diversidade entre os mais de cinquenta países que compõem o continente, seja ela diversidade de média de idade da população, religião, tradições coloniais ou nível de desenvolvimento. Entretanto, é importante ressaltar o conceito do “ubuntu” preconizado pela sabedoria africana. “Ubuntu” seria a noção de ser de um ser humano a partir da humanidade dos outros, no sentido de que “eu sou, porque nós somos, nós somos porque eu sou” (Umuntu ngumuntu ngabantu, sabedoria africana, autoria desconhecida). As sociedades africanas devem ser vistas, portanto, como um coletivo (COBBAH, 1987, P. 319-320).

Mas se por um lado Agyeman (2002, P.15-18) defende a unidade africana, ele critica iniciativas de integração regional de cunho neocolonialista ou para facilitar a administração colonial, como a ECOWAS e a SADC.

No âmbito dos mecanismos regionais africanos foram criadas várias instituições, acompanhadas de normativas que orientam suas ações bem como as dos estados-membros e parceiros. Destaque-se a criação do sistema de proteção dos direitos humanos, que procurou imprimir em seus instrumentos normativos as singularidades do pensamento e contexto africano (WA MATUA, 1995; VILJOEN, 2007). No âmbito da União Africana, a Comissão e a Corte Africana de Direitos Humanos e dos Povos integram o sistema (MURRAY, 2000).

Nesse sentido, o presente trabalho examina o sistema africano de proteção dos direitos humanos, especialmente os instrumentos e instituições constituídos no âmbito da União Africana, com vista a identificar singularidades da perspectiva africana. Particularmente, será dada ênfase à promoção do desenvolvimento.

O trabalho divide-se em três partes. Na primeira, ele apresenta os marcos normativos constitutivos da União Africana. Em seguida, ele focaliza a abordagem quanto ao direito ao desenvolvimento no âmbito do sistema de proteção dos direitos humanos conferido pela União Afri-

cana. Finalmente, ele apresenta a atuação da Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos quanto ao reconhecimento de violações ao direito ao desenvolvimento em países africanos, a partir de dois casos emblemáticos: SERAC v. Nigéria (CADHP, 2001) e Endorois v. Quênia (CADHP, 2009).

A União Africana

A criação da União Africana coincide com a luta do continente contra o sistema colonial e, para isso, busca afirmar a perspectiva africana quanto aos seus objetivos e aspirações. Nesse sentido, a Carta da Organização da Unidade Africana (1963) expressa claramente o ideal pan-africanista em seu preâmbulo^{iv}. Ela busca superar as diferenças étnicas e nacionais para afirmar um ideal comum na promoção do progresso e bem-estar a partir de suas instituições.

Da mesma forma, o preâmbulo do Ato Constitutivo da União Africana (2000) expressa o seguinte:

(...) inspirados pelos nobres ideais que guiaram os Pais Fundadores da nossa Organização continental e gerações de Pan-Africanistas na sua determinação de promover a unidade, a solidariedade e a coesão, assim como promover a cooperação entre os povos e entre os Estados da África; (...) evocando as heroicas lutas levadas a cabo pelos nossos povos e os nossos países para a independência política, dignidade humana e emancipação econômica; (...) guiados pela nossa visão comum de uma África unida e forte, e pela necessidade de construir uma parceria entre os governos e todos os segmentos da sociedade civil, em

particular as mulheres, os jovens e o sector privado, a fim de consolidar a solidariedade e coesão entre os nossos povos;

Nota-se portanto que ambos instrumentos constitutivos exaltam os valores africanos da coletividade, solidariedade e unidade. Tais conceitos irão repercutir mais tarde na adoção de outros instrumentos, em diversas áreas, em especial na área da promoção do desenvolvimento e dos direitos humanos.

Em 2001, a União Africana criou a Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD), com o objetivo de fazer face aos desafios da economia mundial a partir da participação ativa dos estados africanos. A iniciativa é inovadora no sentido de afastar-se da abordagem tradicional baseada na ajuda exterior e tem na África o centro de suas estratégias, “os dirigentes e povos africanos (...) os principais atores de sua história” (RÉPUBLIQUE FRANÇAISE, 2002, P.5)^v.

No que diz respeito aos direitos humanos, observa-se que a criação de instrumentos no âmbito internacional tem derivado de proposições ocidentais. Josiah Cobbah aponta, por exemplo, o senso de obrigações da comunidade, que vão além da caridade, que diferiria radicalmente da visão individualista ocidental (COBBAH, 1987, P.311).

A Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos (CADHP), adotada em 1986 pela União Africana, doravante denominada Carta Africana, considera o contexto cultural na

qual está inserida, tendo o indivíduo como parte de um coletivo, de uma família estendida, de uma comunidade mais ampla. Os indivíduos também tem deveres, conforme os artigos 27 e 29, e os estados são responsáveis por criar uma framework para a realização desses direitos e deveres. Nesse sentido, Cobbah ressalta o papel da família estendida na garantia de direitos pois o direito de um é o dever do outro e onde o respeito, a responsabilidade, a contenção e a reciprocidade são princípios-chave (1987, P. 321).

A carta africana destaca-se pela sua abordagem holística, considerando da mesma forma os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, sem uma ênfase maior a um ou outro direito. Nota-se, portanto que:

As ideias internacionalmente aceites das várias obrigações engendradas pelos Direitos Humanos indicam que todos os direitos – tanto direitos civis como políticos e sociais e econômicos – geram pelo menos quatro níveis de deveres para um Estado que adira a regime de direitos, nomeadamente o dever de respeitar, proteger, promover e cumprir estes direitos. Estas obrigações aplicam-se universalmente a todos os direitos e implicam uma combinação de deveres negativos e positivos. Enquanto instrumento de Direitos Humanos, a Carta Africana não é estranha a estes conceitos e a ordem pela qual são aqui abordados é escolhida por conveniência, não devendo de modo algum subentender que lhes é dada qualquer prioridade. Cada nível de obrigação é igualmente relevante para os direitos em questão (CADHP, 2001, Parágrafo 44).

A Carta Africana não contempla o direito à privacidade, mas todas as constituições africanas dispõem sobre ele. Além disso, ela é o único instrumento vinculativo no mundo que reconhece explicitamente o direito ao desenvolvimento.

O direito ao desenvolvimento no âmbito da União Africana

Em 1986, a Declaração das Nações Unidas sobre o Direito ao Desenvolvimento reconheceu que o

(...) desenvolvimento é um processo econômico, social, cultural e político abrangente, o qual visa ao constante incremento do bem-estar de toda a população e de todos os indivíduos com base em sua participação ativa, livre e significativa no desenvolvimento e na distribuição justa dos benefícios daí resultantes (preâmbulo, § 2).

Com efeito, salutar a compreensão de que a referida Declaração não haja sido aprovada por decisão unânime – foram 146 votos a favor, um contra (Estados Unidos) e seis abstenções. Sua aprovação por larga maioria dos votos favoráveis demonstra um grande avanço no tocante ao desenvolvimento como direito que deve ser garantido a todas as pessoas indistintamente.

Nesse sentido, infere-se que a necessidade de reafirmar o direito ao desenvolvimento resulta de uma aparente contradição, uma vez que iniciativas de desenvolvimento têm violado os direitos humanos, quando seu objetivo principal deveria ser criar “um ambiente propício no qual as capacidades das pessoas possam ser refor-

çadas e o leque de escolhas expandido^{vii} (UNDP, 2000:23).

Nesta linha de raciocínio, Amartya Sen (1999; 2010) vem trazer relevante contribuição para a discussão acerca do desenvolvimento ao caracterizar o desenvolvimento como processo de expansão da liberdade e, ainda, apontar os direitos humanos como parte integrante do desenvolvimento. De fato, vê-se que iniciativas de desenvolvimento, quando, em vez de promoverem o bem-estar, violam os direitos humanos, não podem de modo algum ser consideradas desenvolvimento. Ao contrário, há de se compreender que as iniciativas de desenvolvimento devem permitir que as pessoas tenham condições de expandir suas capacidades para “conduzir uma vida que valorizem^{viii}” (Sen, 1999, P.18). Ademais, Daniel Bradlow acrescenta à presente discussão a proposta de que as iniciativas de desenvolvimento não podem ser separadas dos aspectos social, político, ambiental e cultural, senão devem integrar-se a eles (Bradlow, 2005).

No Relatório sobre a implementação das recomendações do Grupo de Trabalho sobre o Direito ao Desenvolvimento, Green e Randolph (2010) enfatizam três tipos de responsabilidades do Estado: proteger contra abusos de terceiros aos direitos humanos, respeitar e reparar (Green e Randolph, 2010, Para.140). Além do quê, vê-se que uma vez que os Estados possuem responsabilidades para a promoção e defesa dos direitos humanos em geral, a necessidade de uma abor-

dagem com base nos direitos humanos tem sido defendida para a tomada de iniciativas de desenvolvimento. Dessa maneira, é importante salientar que essas iniciativas devem ser guiadas pelos princípios da universalidade e inalienabilidade; interdependência e interrelação; equidade e não discriminação; participação e inclusão; responsabilidade e legalidade (UNDP, 2006:2).

No contexto africano, o sistema de proteção dos direitos humanos incorpora uma série de instrumentos que abordam o tema do direito ao desenvolvimento. Um dos instrumentos de destaque é a Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, adotado em junho de 1981 pela União Africana. Já em seu preâmbulo, a Carta Africana afirma os estados estarem “(...)Convencidos de que, de futuro, é essencial dedicar uma particular atenção ao direito ao desenvolvimento; (...)” e elabora obrigações aos estados a esse respeito em seus vários artigos. Em seu texto, dispõe sobre o direito ao desenvolvimento nos artigos 20, 22 e 24:

O artigo 20 da Carta Africana dispõe que:

1. Todos os povos têm direito à existência. Todos os povos têm um direito imprescritível e inalienável à autodeterminação. Os povos determinam livremente o seu estatuto político e asseguram o seu desenvolvimento econômico e social segundo as políticas livremente escolheram.

O artigo 22 estabelece que:

1. Todos os povos devem ter direito ao seu desenvolvimento econômico, social

e cultural com respeito à sua liberdade e identidade e em igual gozo da herança comum da humanidade.

2. Os Estados devem ter o dever, individualmente ou coletivamente, de assegurar o exercício do direito ao desenvolvimento .^{viii}

Além disso, o artigo 24 afirma que “todos os povos devem ter direito a um ambiente satisfatório favorável ao seu desenvolvimento”^{ix}.

Outros documentos do sistema africano dos direitos humanos também tratam do tema. O Protocolo da Carta Africana de Direitos do Homem e dos Povos relativo aos Direitos da Mulher em África (2003) também reitera o compromisso africano com os diversos instrumentos internacionais sobre desenvolvimento. Em especial, enfatiza a necessidade de “garantir a plena participação das mulheres africanas no desenvolvimento de África, como parceiras em pé de igualdade” (preâmbulo, §8). O artigo 19 estabelece o direito a um desenvolvimento sustentável e impõe obrigações aos estados-membros quanto à participação das mulheres no desenho e implementação de iniciativas de desenvolvimento assim como a observância das questões de gênero.

O tema do desenvolvimento também aparece na Convenção Africana para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (2003) e na Convenção da União Africana para a Prevenção e Luta contra a Corrupção (2003), que

tem como um de seus objetivos “Promover o desenvolvimento por meio da remoção de obstáculos ao usufruto dos direitos econômicos, sociais e culturais, bem como dos direitos civis e políticos” (art. 2, §4).

As conferências ministeriais da OUA sobre Direitos Humanos em vários momentos abordaram o tema do desenvolvimento. Destaque-se a Declaração e Plano de Ação de Grand Bay (Maurícias) (1999), que afirma que a perspectiva dos direitos humanos “constitui uma das importantes bases em que devem assentar os esforços de desenvolvimento” (preâmbulo, §7) e para a Declaração de Kigali (2003)^x, que em seu parágrafo 3 “Reitera o direito ao desenvolvimento e apela à comunidade internacional para apoiar os Estados-Membros nos seus esforços com vista a concretizar este direito;”.

Da mesma forma, a Declaração Solene da Conferência sobre a Segurança, Estabilidade, Desenvolvimento e Cooperação em África (CSSDCA) (2000) afirma o Princípio do Desenvolvimento:

12. Salientando que o alcance da autonomia, do crescimento duradouro e do desenvolvimento econômico será facilitado pela promoção da cooperação e da integração econômica, que a diversificação efetiva da base de recursos e de produção é vital para uma rápida transformação social e econômica; que a participação popular, a igualdade de oportunidades, a transparência na políticas públicas e a parceria entre o governo e os povos são necessários para o alcance do desenvolvimento.

Em seu plano de ação inclui objetivos específicos para a promoção do desenvolvimento. Também mencionam o direito ao desenvolvimento a Declaração Solene sobre a Igualdade de Gêneros em África (2004), e o documento sobre a Visão e Missão da Comissão da União Africana (2004).

A Atuação da Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos

A Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, doravante denominada Comissão Africana, é um órgão quasi-judicial, uma vez que suas decisões não possuem efeito vinculante, com sede em Banjul, na Gâmbia. Seus membros são eleitos pelos estados-membros, que atuam em sua capacidade individual.

A Comissão Africana possui mandato para receber comunicações individuais e interestatais bem como examinar relatórios dos estados. Existem ainda mecanismos especiais relacionados aos direitos das mulheres, liberdade de expressão e HIV. As sessões podem ser acompanhadas por organizações não governamentais que possuam status de observador.

Para submeter um caso à Comissão Africana, não é necessário que a própria vítima o faça. Ela permite a utilização do sistema de proteção por outras partes interessadas, ainda que não tenham sido diretamente afetadas, a partir do conceito de *actio popularis* (ação popular).

O artigo 56 da Carta Africana dispõe sobre a admissibilidade dos casos. O caso deve

trazer evidências dos fatos atribuídos como violações de direitos humanos e dos povos constantes na Carta Africana ou outros instrumentos da União Africana bem como ter sido trazido primeiramente à Comissão (*res judicata*).

A Comissão Africana, por várias oportunidades, analisou o direito ao desenvolvimento. No caso promovido pelo Centro de Ação em Direitos Sociais e Econômicos contra a Nigéria (*Social and Economic Rights Action Centre (SERAC) and Another v Nigeria*), referido adiante como caso Ogoni, examinou o direito ao desenvolvimento, dentre outros direitos constantes da Carta Africana que estariam sendo afetados por projetos em nome do desenvolvimento.

O caso Ogoni refere-se às consequências para o povo indígena Ogoni das ações implementadas pela empresa Shell em parceria com o governo nigeriano. Nesse caso, a Comissão Africana teve a oportunidade de examinar as obrigações do Estado, inclusive por ações de agentes privados, quanto à realização dos direitos humanos previstos na Carta Africana. As organizações autoras demandavam a condenação do estado da Nigéria por violação aos artigos 16 (direito à saúde) e 24 (direito a um meio ambiente satisfatório, de um modo geral, e favorável ao seu desenvolvimento.').

Relembrando as obrigações do Estado, de respeitar, proteger e promover os direitos humanos, a Comissão Africana ressaltou que dentre as mencionadas obrigações inclui-se a

obrigação de não tolerar, apoiar ou permitir que terceiros promovam atividades que violem a integridade do indivíduo.

Segundo a Comissão Africana, o Estado, além de promover estudos prévios de impacto socioambiental e monitorar as atividades de desenvolvimento, deve também

(...) prover informação àquelas comunidades expostas a atividades e matérias prejudiciais à saúde e prover oportunidades significantes para indivíduos serem ouvidos e participarem nas decisões de desenvolvimento que afetam suas comunidades.^{xi} (CADHP, 2001, Parágrafo 53) (grifos nossos).

A Comissão Africana ressalta ainda a violação ao artigo 21 da Carta Africana, em razão da exploração predatória dos recursos naturais do povo Ogoni. Para a Comissão:

A origem desta disposição vem dos tempos do colonialismo, durante o qual os recursos humanos e materiais da África foram grandemente explorados para benefício de poderes externos, criando uma tragédia para os próprios africanos ao privá-los do seu direito de nascerem e ao aliená-los da terra. Em resultado da exploração colonial, os preciosos recursos de África e os povos permaneceram vulneráveis à depredação estrangeira. Os redactores da Carta queriam obviamente lembrar aos governos africanos o doloroso legado do continente e restaurar o desenvolvimento cooperativo económico no seu lugar tradicional no coração da sociedade africana (CADHP, 2001, Parágrafo .56) .

A parte autora argumentou que da junção dos artigos 4 (direito à vida), 16 (direito à saúde) e 22 (direito ao desenvolvimento económico, social e cultural) poderia ser depreendido o direito à alimentação (CADHP, 2001, Para.64) .

Sem manifestar-se claramente a favor ou contra o argumento, a Comissão Africana ressalta que:

O carácter único da situação africana e as qualidades especiais da Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos impõem à Comissão Africana uma importante tarefa. O Direito Internacional e os Direitos Humanos deverão dar resposta às circunstâncias Africanas. É evidente que os direitos colectivos, os direitos ambientais e os direitos económicos e sociais são elementos essenciais dos Direitos Humanos em África. A Comissão Africana aplicará qualquer dos vários direitos consagrados na Carta Africana. A Comissão regozija-se com esta oportunidade de esclarecer que não há um único direito na Carta Africana que não possa ser efectivado. Conforme indicado nos parágrafos anteriores, o governo nigeriano não cumpriu as expectativas mínimas da Carta Africana (CADHP, 2001, Parágrafo 68).

Dessa forma, a Comissão Africana condenou o estado nigeriano por violação aos artigos 2, 4, 14, 16, 18(1), 21 e 24 da Carta Africana e determinou investigação dos fatos e devida compensação.

No caso promovido pelo Centro pelo Desenvolvimento dos Direitos das Minorias e Grupo Internacional dos Direitos das Minorias (Centre for Minority Rights Development and Minority Rights Group International) em prol do Conselho de Bem-Estar dos Endorois (Endorois Welfare Council) contra o Quênia, referido adiante como Endorois contra Quênia, a Comissão Africana reconheceu o direito ao controle das próprias terras, incluindo água, solo, dentre outros recursos naturais (CADHP, 2009, Parágrafo 129). Também reconheceu que a falha em garan-

tir a participação efetiva do povo Endorois nas iniciativas de desenvolvimento relacionadas a ele assim como a falta de garantia de uma repartição equitativa dos benefícios proporcionados constituem violação ao direito ao desenvolvimento (CADHP, 2009, Parágrafo 228).

Além disso, a decisão afirma que:

A Comissão Africana é da opinião de que o direito ao desenvolvimento é um teste de duas vertentes, ambas constitutiva e instrumental ou útil ambas como meio e fim. A violação de qualquer elemento processual ou material constitui uma violação ao direito ao desenvolvimento. Cumprindo apenas um dos dois não satisfaz o direito ao desenvolvimento. A Comissão Africana observa o argumento dos autores da denúncia de que o reconhecimento do direito ao desenvolvimento requer cumprir cinco critérios principais: deve ser justo, não discriminatório, participativo, responsável e transparente, com equidade e escolhas como temas impulsionadores importantes para o direito ao desenvolvimento^{xii} (CADHP, 2009, Parágrafo 277).

Dessa forma, em ambos casos a Comissão Africana encontrou violação do direito ao desenvolvimento, haja vista que as comunidades não estavam adequadamente envolvidas no processo de promoção do desenvolvimento e também porque não chegaram a se beneficiar das iniciativas implementadas pelo governo.

Diante das desocupações forçadas de povos indígenas de suas terras que ocorrem em nome do desenvolvimento, em Endorois contra Quênia, a Comissão Africana destacou a importância do vínculo entre esses povos e sua terra ancestral, cujo efeito seria equivalente a um títu-

lo de propriedade (CADHP, 2009, Para. 209). E, ao passo que algumas práticas culturais estão intimamente relacionadas à terra, outros direitos humanos também encontram-se potencialmente ameaçados por iniciativas que restringem o uso de povos indígenas de sua terra ancestral. No caso em questão, a Comissão Africana também encontrou violação do direito à vida cultural, compartilhando a visão de que "a restrição de direitos culturais não pode ser justificada, especialmente porque não foi oferecida à comunidade alguma alternativa apropriada" (CADHP, 2009, Para. 249).

Percebe-se, dessa forma, que ao reconhecer os direitos que são potencialmente vulnerados durante processos de desenvolvimento, incluindo o próprio direito ao desenvolvimento, o sistema africano proporciona ferramentas importantes não somente às comunidades afetadas, mas também às organizações de defesa dos direitos humanos da África e, analogamente, de outras regiões.

Considerações Finais

A atuação dos estados africanos na criação de mecanismos de integração regional, de dentro para fora, ou seja, de iniciativa legitimamente africana e que reflitam seus interesses, constitui um passo importante para avanços substantivos nos países africanos. Para isso, as dificuldades e incapacidades similares que devem ser superadas podem ser uma oportunidade para consubstanciação da coesão africana, aos moldes

do que Agyeman (2000) observou quanto à criação da União Europeia.

O sistema africano de proteção dos direitos humanos, em especial, o proporcionado pela União Africana, é um exemplo de tentativa de concretização de valores comuns aos países africanos. Para isso, os países africanos podem inspirar os demais países do mundo no reconhecimento do direito ao desenvolvimento, contribuindo para o debate no âmbito de outros mecanismos, sejam internacionais, regionais ou nacionais.

Os instrumentos e práticas do sistema africano de proteção dos direitos humanos corroboram como pensamento de que o desenvolvimento é um processo interno às sociedades, não podendo ser prescrito desde seu exterior e sim apoiado (RÉPUBLIQUE FRANÇAISE, 2002, P.4).

Dessa forma, a singularidade da evolução da teoria dos direitos humanos no continente africano é contribuição extremamente relevante para seu avanço em outros contextos. Dá-se prova, assim, de que os direitos humanos não estão restritos às perspectivas ocidentais e a África presta importante contribuição.

Referências

AGYEMAN, O. Pan-Africanist Federalism. Center for Economic Research on Africa. School of Business Montclair State University, New Jersey. version September 2000, pp.1-30.

BRADLOW, Daniel. Differing Conceptions of Development and the Content of International Development Law, South African Journal on Human Rights, Vol. 21, No. 1,

2005, 5-9 and 18-24. Disponível em: http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=788070. Acesso em 05 de junho de 2012.

BRODIN, C. Le NEPAD, une initiative politique de l'Afrique penser son développement au XXIe siècle. In: Annuaire Française de Relations Internationales. Volume V. 2004. P. 364-375.

COBBAH, J. 'African Values and the Human Rights Debate: An African Perspective', 9(3) Human Rights Quarterly (1987) 309-331.

GREEN, M.; RANDOLPH, S. Consultant Report - Right to Development Criteria and Corresponding Operational Sub-criteria, A/HRC/15/WG.2/TF/CRP.5 14 January 2010, especially page 5-26, disponível em http://www2.ohchr.org/english/issues/development/right/docs/A-HRC-15-WG-2-TF-CRP-5_en.pdf

MURRAY, R. The African Commission on Human and Peoples' Rights and International Law, Hart Publishing, 2000.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE. Les Priorités de la Coopération pour l'Afrique Subsaharienne et le Nouveau Partenariat pour le Développement de l'Afrique (NEPAD). Premier Ministre. Haut Conseil de la Coopération Internationale. A Jacques Bugnicourt, en hommage à son rôle en Afrique Rapport, Avril 2002, pp1-45.

SEN, B.R. 'Ch. 1 Human Rights and Development', Andreassen and Marks (eds.) Development as a Human Rights: Legal, Political and Economic Dimensions (2nd ed.), Antwepr, Intersentia (2010) 3-12.

_____. "Ch. 1 The Perspective of Freedom", "Ch. 2 The Ends and Means of Development", Development as Freedom, Oxford University Press (1999) 13-53.

UN. Declaration on the Right to Development, UN General Assembly Resolution 42/128 of 4 December 1986.

UNDP, "Chapter 1 Human Rights and Human Development", Human Development Report 2000. Disponível em: http://hdr.undp.org/en/media/hdr_2000_ch1.pdf

VILJOEN, F. International human rights law in Africa, Oxford university Press, 2007.

WA MUTUA, M, 'The Banjul Charter and the African Cultural Fingerprint: an Evaluation of the Language of Duties', 35 Va. J. Int'l L. (1995) 339-80.

Jurisprudência

CADHP. Centre for Minority Rights Development (Kenya) and Minority Rights Group International on behalf of Endorois Welfare Council v Kenya. Communication 276/2003, 27th Activity Report (2009).

_____. Social and Economic Rights Action Centre (SERAC) and Another v Nigeria (2001) AHRLR 60 (ACHPR 2001).

ⁱ Doutoranda em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Direito pela Universidade de Brasília, especialização em Direitos Humanos e Processos de Demorização pela Universidade do Chile, Mestrado em Direito Internacional dos Direitos Humanos e Direito Humanitário pela Universidade de Essex, Reino Unido.

ⁱⁱ Reconhece-se que o processo colonizador não trouxe apenas mazelas ao continente africano mas possibilitou a introdução da educação formal e de estratégias importantes de garantia da saúde, como a vacinação.

ⁱⁱⁱ Tradução livre do original: “shift from seeing the importance of integration not in terms of the more or less efficient utilization of existing resources it may bring about, but on the basis of the stimulus it can give to economic growth by way of a large market that boosts the development of manufacturing industries, entails a necessary and corresponding strategic shift from functionalism to federalism.” (AGYEMAN, 2002, p.11)

^{iv} “Nós, Chefes de Estado e de Governo Africanos, reunidos em Adis Abeba, Etiópia, Convencidos de que os povos têm o direito inalienável de determinar o seu próprio destino; conscientes do facto de que a liberdade, a igualdade, a justiça e a dignidade são objectivos essenciais para a realização das aspirações legítimas dos povos africanos; (...) Guiados por uma vontade comum de reforçar a compreensão entre os nossos povos e a cooperação entre os nossos Estados, a fim de responder às aspirações das nossas populações quanto à consolidação de uma fraternidade e de uma solidariedade integradas no seio de uma unidade mais vasta que transcenda as diferenças étnicas e nacionais; (...) Firmemente decididos a salvaguardar e a consolidar a independência e a soberania duramente conquistadas, assim como a integridade territorial dos nossos Estados e a combater o neo-colonialismo sob todas as suas formas; Devotados ao progresso geral de África; (...) desejosos de ver todos os Estados Africanos unirem-se, doravante, para poderem assegurar o progresso e o bem-estar dos seus povos; Decididos a reforçar os laços entre os nossos Estados através da criação de instituições comuns e do seu reforço; (...)”.

^v Tradução livre do original “Les dirigeants et peuples africains doivent redevenir les principaux acteurs de leur histoire.”

^{vi} Tradução livre.

^{vii} Tradução livre.

^{viii} Tradução livre.

^{ix} Tradução livre.

^x Adoptada pela Conferência Ministerial dos Direitos Humanos em África, Maio de 2003 em Kigali, no Ruanda.

^{xi} Tradução livre.

^{xii} Tradução livre do original: “The African Commission is of the view that the right to development is a two-pronged test, that it is both constitutive and instrumental, or useful as both a means and an end. A violation of either the procedural or substantive element constitutes a violation of the

right to development. Fulfilling only one of the two prongs will not satisfy the right to development. The African Commission notes the Complainants’ arguments that recognising the right to development requires fulfilling five main criteria: it must be equitable, non-discriminatory, participatory, accountable, and transparent, with equity and choice as important, over-arching themes in the right to development.”



Entre o pan-africanismo e o *African Renaissance*: A busca pelo desenvolvimento em um mundo em transformação

Anselmo Otávio¹ • Novembro de 2013

Resumo:

O artigo em referência objetiva analisar os dois principais programas voltados ao desenvolvimento surgidos no continente africano, no caso, o Lagos Plan Action, e a New Partnership for Africa's Development. Feito isso, buscaremos concluir que as divergências existentes nestas iniciativas simbolizam a passagem do pan-africanismo para o African Renaissance.

Palavras-chave: Desenvolvimento - Lagos Plan Action - New Partnership for Africa's Development.

Abstract:

The reference article aims to analyze the two main programs for African development, in case the Lagos Action Plan, and the New Partnership for Africa's Development. That done, we will try to conclude that the differences in these initiatives symbolize the passage from Pan-Africanism to African Renaissance.

Keywords: Development - Lagos Plan Action - New Partnership for Africa's Development.

O fim do subdesenvolvimento e de todas as suas mazelas pode ser considerado como um dos principais desafios ao continente africano¹. De fato, desde a década de 1960 até os dias atuais, o anseio em alcançar o desenvolvimento vem representando “uma interrogação para os pesquisadores, observadores políticos, jornalistas e sociedade civil” (Diallo, 2011). Reflexo desta preocupação encontra-se nas duas principais soluções africanas voltadas a esta questão, no caso o Lagos plan of action for the economic development of Africa 1980-2000 – comumente apresentado como Lagos Plan Action (LPA) - e a New Economic Partnership for Africa’s Development (NEPAD). Surgido em 1981, e focado na busca em acabar com a dependência existente entre os países africanos e as potências ocidentais, o LPA trazia como diagnóstico a crença de que o fracasso africano em garantir o desenvolvimento era fruto de um passado marcado pela colonização, pela escravidão, pelo racismo, pela exploração, entre outras características do imperialismo europeu na

¹ De modo geral é possível encontrarmos diversos autores que buscaram debater acerca do conceito de subdesenvolvimento. Para o propósito deste artigo, considera-se países subdesenvolvidos aqueles cuja situação econômica, em geral, caracteriza-se por “baixa renda per capita, grande dependência da exportação de um número reduzido de produtos primários, altos índices de desemprego e subemprego, subconsumo acentuado, índice de poupança reduzido e concentrado e altas taxas de natalidade e mortalidade” (Sandroni, 1999, p. 443).

África. Embora não discordando do impacto que o imperialismo europeu gerou na economia africana, a NEPAD acredita que o fim do subdesenvolvimento encontra-se relacionada a uma possível parceria, na qual os países africanos se adequariam a globalização e seus condicionantes, e, como resposta a tal aceitação, os países industrializados aceitariam investir e garantir o acesso de produtos advindos da África em seus mercados.

Nesse sentido, mesmo pautados na busca em levar o continente africano ao desenvolvimento, tanto um quanto o outro programa se diferem acerca dos meios para alcançar tal fim. É baseado nestas disparidades que o artigo em questão objetiva analisar as principais características de cada iniciativa, buscando concluir que as divergências existentes nas dinâmicas entre a LPA e a NEPAD com os países desenvolvidos, em verdade, simbolizam a passagem do Pan-africanismo para o African Renaissance.

O Pós-2 Guerra Mundial e a expansão do Pan-africanismo no continente africano: o desenvolvimento pela contestação

O fim da 2ª Guerra Mundial apresentou ao mundo uma Europa destruída. Tanto os países derrotados, como Itália e Alemanha, quanto os vitoriosos, no caso, Inglaterra e França, entravam na segunda metade do século XX enfraquecidos e em declínio (Kennedy, 1989). De modo geral, o surgimento do mundo dividido entre

Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), somado à falta de capacidade por parte das grandes potências europeias em se manterem fortalecidas no pós-2ª Guerra Mundial (Hobsbawm, 1995), tornavam-se fatores importantes no processo de desintegração dos antigos impérios europeus no continente asiático e, com destaque neste trabalho, no africano.

Se por um lado, as conseqüências da 2ª Guerra Mundial simbolizavam o declínio das potências do velho mundo e, conseqüentemente, a fragilidade destas em manter seus impérios na África, por outro, o avanço do pan-africanismo pelo continente africano passava a ser um fator dinamizador nos processos de independência. Surgido no continente americano entre os séculos XVIII e XIX e, inicialmente voltado ao fim da escravidão, o movimento pan-africanista tornou-se cada vez mais relevante na África a partir da primeira metade do século XX (Chanaiwa & Kodjo, 2010). Conforme análise desenvolvida por Chanaiwa e Asante (2010), é possível compreendermos o pan-africanismo em três fases distintas no continente africano.

A primeira refere-se ao período de 1935 até 1957, quando grande parte do território africano ainda pertencia às potências europeias. É durante esta fase que ocorre o quinto congresso pan-africanista, este sediado na cidade de Manchester, Inglaterra, cuja notoriedade não apenas encontra-se relacionada à preponderância no número de representantes africanos participan-

tes, mas também porque em sua realização foram estabelecidos pontos como a luta pela revogação de leis racistas e discriminatórias, a abolição do trabalho forçado, a garantia do direito ao voto – bem como da igualdade de salários e da assistência médica a todos os cidadãos – e a emancipação e total independência das colônias existentes no continente (Chanaiwa & Kodjo, 2010).

Tais pontos foram relevantes ao nortear a atuação dos movimentos de libertação durante a segunda fase indicada por Chanaiwa e Asante (2010), na qual o pan-africanismo esteve atrelado à intensificação dos processos de independência existentes no continente. Reflexo disso pode ser encontrado durante a primeira metade da década de 1960, em que a África passou de 26 em 1960, para 33 países independentes, em 1964. Inclusive, foi durante este período que a busca em criar uma estrutura política voltada a romper com qualquer forma de dominação herdada do imperialismo europeu passou a ser debatida.

Em linhas gerais, este debate foi marcado por duas vertentes existentes no movimento pan-africanista acerca do modelo que esta estrutura deveria seguir. A primeira refere-se ao chamado Grupo de Casablanca, este formado por países como Guiné, Egito, Mali, Marrocos, Líbia, o governo exilado da Argélia, Gana, entre outros membros que concordavam com a idéia de construir o chamado Estados Unidos da África, com foco na planificação e centralização do

desenvolvimento econômico e na criação de um sistema de segurança voltado para o continente². Diferentemente desta perspectiva, o Grupo de Monróvia, este composto por Nigéria, Etiópia, Libéria, Serra Leoa, entre outros, acreditava em um modelo cuja soberania, integridade territorial, gerência dos assuntos internos e independência dos Estados se tornavam pontos que não deveriam ser alterados, ou seja, essa estrutura não deveria ser pautada na criação dos Estados Unidos da África, e sim em uma espécie de confederação entre Estados (Chanaiwa & Asante, 2010). De modo geral, durante a Cúpula de chefes de Estados africanos ocorrida em 1963, na cidade de Addis-Abeba, Etiópia, pode-se considerar que a visão defendida pelo Grupo de Monróvia foi preponderante, esta consubstanciada com a aprovação da Organization of African Unity Charter (OAU Charter), documento que criava a Organização da Unidade Africana (OUA), esta voltada à continuidade na luta pela libertação completa das últimas colônias existentes no con-

² De acordo com Chanaiwa e Kodjo (2010, p.900), “Na história do pan- africano, como movimento de libertação, o período entre 1950- 1965 foi dominado pela figura de Kwame Nkrumah. Através de suas declarações, da sua ação e do seu exemplo, Nkrumah mobilizou, em favor da causa pan- africana, os dirigentes africanos dos movimentos de libertação e dos Estados independentes. Segundo ele, como declarou na noite da conquista da soberania pelo seu país, a independência de Gana não tinha sentido senão na perspectiva de uma libertação completa do continente africano.”

tinente, mas que ressaltava a autodeterminação dos povos, os ideais de liberdade, justiça e igualdade, o respeito aos direitos humanos e a preservação e o respeito à soberania dos Estados³.

Por fim, a última fase indicada por Chanaiwa e Asante (2010) acerca do pan-africanismo, teve início durante a década de 1970 e trazia como objetivo encontrar soluções que levassem a África ao desenvolvimento. De certo modo, ao acompanharmos a década de 1960, enquanto havia o aumento do número de países independentes no continente, este mesmo período foi marcado pela dificuldade destes em romper com o subdesenvolvimento. Discutindo acerca disso, Bujra (2004) indica que o período entre 1960 e 1975 foi marcado pelo baixo crescimento no setor agrícola, média de 1,6%, no setor manufatureiro, 6%, e nas exportações em gerais, cuja média foi de 2,8%. Complementando este contexto econômico, ao longo da década de 1970, a África apresentou baixos índices na produtividade e no crescimento industrial, e, referente a dívida externa dos países subsaaria-

³ “Os seguintes trinta Estados estavam nela representados (as denominações são aquelas da época): Argélia, Burundi, Camarões, Congo-Brazzaville, Congo-Leopoldville [atual República Democrática do Congo], Costa do Marfim, Dahomey [atual Benin], Etiópia, Gabão, Gana, Guiné, Alto-Volta [atual Benin], Libéria, Líbia, Madagascar, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Uganda, República Árabe Unida [composto por Egito e Líbia], República Centro-Africana, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Somália, Sudão, Tanganyika [atual Tanzânia], Tchade, Tunísia.” (Chanaiwa & Kodjo, 2010, p.903)

nos, o que se viu foi o aumento de 6 para 32 bilhões de dólares entre 1970 e 1979 (Chanaiwa & Asante, 2010).

Na interpretação pan-africanista, os índices acima indicados refletiam a relação de dependência e desequilíbrio existente entre os países africanos - cujas exportações eram marcadas pelo predomínio dos produtos primários e as importações de bens manufaturados - e os países ocidentais, estes que eram os principais consumidores de tais produtos e exportadores destes bens (Chinweizu, 2010). Portanto, este terceiro momento do pan-africanismo objetivava dar continuidade ao processo de independência dos países africanos, agora não apenas restrito ao âmbito político, mas também voltado à necessidade em romper com esta dependência econômica.

É baseado nesta finalidade que em 1980 o Lagos Plan Action (LPA) foi criado. Dividido em capítulos que abarcam assuntos relacionados à agricultura, indústria, recursos naturais, ciência e tecnologia, transportes e comunicações, comércio e finanças, meio-ambiente, entre outros (LPA, 1980), o LPA pode ser considerado como a consubstanciação dos anseios e das interpretações desta terceira fase do pan-africanismo indicada por Chanaiwa e Asante (2010). Tal constatação ocorre visto que se por um lado o mau-desempenho africano no âmbito econômico era interpretado como fruto do imperialismo europeu no continente, por outro, a melhora destes

índices passava pela crença no rompimento com a dependência econômica existente entre os países africanos e os ocidentais (LPA, 1980). De modo geral, as propostas indicadas pela LPA para alcançar a independência econômica, encontravam-se relacionadas a seguintes motivações destacadas por Bujra (2004, p.6)

1. Auto confiança como a base do desenvolvimento – no nível nacional, sub regional e regionais;
2. Equidade na distribuição de riqueza no nível nacional como objetivo fundamental do desenvolvimento;
3. Expansão do setor Público vista como essencial para desenvolvimento;
4. Como uma necessidade inevitável, capital de fora era para ser direcionado para aquelas áreas onde capital africano está faltante ou inadequado – como mineração, energia e projetos de larga escala;
5. Cooperação e integração econômica interafricana, sendo essencial, era para ser efetuada o mais rápido possível;
6. Mudança na ordem econômica internacional para favorecer África e o Terceiro Mundo sendo essencial, a África deveria lutar por uma Nova Ordem Econômica Internacional⁴ (BUJRA, 2004, p.6)

⁴ Tradução livre do original “Self reliance as the basis of development – at the national, sub regional and regional levels; 2. Equity in the distribution of wealth at the national level as a fundamental objective of development; 3. Expansion of the Public sector viewed as essential for development; 4. As an unavoidable necessity, outside capital was to be directed to those areas where African capital is lacking or inadequate – such as mining, energy and large scale projects; 5. Inter-African economic cooperation and integration, being essential, was to be effected as soon as possible; 6. Change in the international economic order to favour Africa and Third World countries being essential, Africa should continue to fight for a NIEO (New International Economic Order).” (BUJRA, 2004, p.6)

Nesse sentido, além de considerar a colonização africana e suas conseqüências como principais condicionantes do subdesenvolvimento da África, a partir da análise desenvolvida acima por Bujra (2004), é possível encontrarmos duas outras características do LPA. A primeira refere-se ao papel que os Estados deveriam exercer, seja pela dedicação em tornar o continente africano mais integrado, seja pela participação no desenvolvimento econômico (Ezeoha & Uche, 2005). Já a segunda, diz respeito à busca deste programa em fazer com que os países africanos se voltassem à criação de uma ordem econômica internacional favorável ao continente (LPA, 1980; Bujra, 2004).

Em linhas gerais, as soluções africanas indicadas anteriormente pela LPA caminhavam na contramão do que passava a ser preponderante no contexto econômico mundial, no caso, o avanço do modelo neoliberal, este que, dentre as suas diversas características, pauta-se na diminuição do papel estatal no desenvolvimento econômico. Reflexo desta divergência pode ser encontrado no chamado Relatório Berg – nome dado ao Accelerated Development in Sub-Saharan Africa: An Agenda for Action, este criado pelo Banco Mundial em 1981 - que representava um contraponto às soluções propostas pelo LPA.

De fato, enquanto o LPA destacava a atuação estatal como forma de garantir tanto a integração continental como também o desenvolvimento econômico, o Relatório Berg reco-

mendava a aceitação do neoliberalismo, através da diminuição do papel do Estado, por meio de privatizações, liberalização e valorização do setor privado (Ezeoha & Uche, 2005). Inclusive, o documento aconselhava a África não priorizar a integração continental, esta considerada pelo pan-africanismo como necessária a redução da dependência dos países africanos (Chanaiwa & Asante, 2010), mas que para o Relatório Berg, era interpretada como um obstáculo à adequação do continente as regras do mercado mundial (Ezeoha & Uche, 2005)⁵.

Em suma, ao acompanharmos a década de 1980 e os anos iniciais de 1990, é possível indicar que o LPA não obteve o sucesso esperado, visto que a África manteve-se com baixas taxas de crescimento econômico, com diminuta participação no mercado internacional e marcada

⁵ Discutindo acerca do neoliberalismo, Maldonado Filho (1998, p.23) expõe que, “segundo os economistas neoliberais, a modernização e o desenvolvimento econômico dos países [dependeriam] apenas da capacidade dos governos de reformarem as estruturas econômicas de seus países com vistas a adaptá-los ao mundo globalizado, ou seja, [era] imprescindível realizar as seguintes reformas econômicas: abrir a economia à concorrência internacional, propiciar ampla liberdade de movimento ao capital, desregular os mercados internos, em especial o mercado de trabalho, e realizar uma ampla privatização das empresas estatais. Em outras palavras, as reformas econômicas [deveriam] ser feitas de forma a permitir a maior liberdade possível ao capital em sua busca do lucro máximo. Se isso [fosse] feito, o resultado [seria] o de elevar o crescimento econômico, reduzir o desemprego, eliminar os desequilíbrios no comércio internacional, estabilizar os preços e o próprio sistema econômico – ou seja, criaremos as condições básicas para termos uma economia próspera e eficiente.”

pela pobreza excessiva (Funke & Nsouli, 2003). Somado a estes transtornos no âmbito econômico, este mesmo período foi marcado pela instabilidade política existente em alguns países, fruto de guerras civis e do colapso de alguns Estados (Bujra, 2004). Nesse sentido, a África encerrava a década de 1980 concentrando o maior número de países pobres existentes no mundo (Penha, 2011), e entrava na última década do século XX caracterizada pela marginalização na globalização econômica e por diversos transtornos internos a serem resolvidos, ambos que se tornavam desafios ao desenvolvimento.

O mundo Pós-guerra Fria e o *African Renaissance*: a busca pelo desenvolvimento por meio da responsabilidade mútua

O término da Guerra Fria constituiu uma fase de transformações tanto no âmbito político quanto no econômico mundial. De fato, se por um lado a democracia passava a ser o modelo que os países deveriam adotar, por outro lado, a vitória do capitalismo sobre o socialismo criava um cenário propício à disseminação do neoliberalismo e de seus condicionantes, tais como o fim de possíveis barreiras à globalização financeira, a diminuição da participação do Estado na economia, à intensificação nos processos de privatizações de empresas estatais, e a valorização do livre-mercado e do livre-comércio (Maldonado Filho, 1998).

Paralelo a este contexto, o continente africano também entrava em um ciclo de transformações internas. Discutindo acerca destas, Nyang'oro e Shaw (2000), indicam que no decorrer da década de 1990 diversos países entraram em uma fase de crescimento econômico, e em um processo de “financeirização” da economia, esta refletida através da criação de bolsas de valores⁶. Além destes fatores econômicos, o continente também passava a ser palco de transformações políticas, como o fim do apartheid na África do Sul, a diminuição, o isolamento ou o fim de ditaduras (Gilley, 2010), e o surgimento de eleições democráticas multipartidárias, (Nyang'oro & Shaw 2000). Portanto, diferentemente dos anos iniciais da década de 1990, quando o mundo passava por transformações e a África era vista como estática, imbuída nos desafios anteriormente indicados, e distante da globalização econômica, no final deste período o que se via era um continente entrando em uma fase de renascimento, mas comumente conhecido, como African Renaissance.

De acordo com a análise desenvolvida por Hlophe e Landsberg (1999), é possível des-

⁶ Discutindo acerca da financeirização da economia, Nyang'oro e Shaw (2010, pp.18-19) indicam que “[s]uch stock markets symbolise and facilitate the privatisation of the economy, as ex-parastatals can be floated and traded and building societies demutualised. Moreover, private mutual and pension funds, as well as mortgage and finance companies can invest their holdings more readily, while conglomerates can be more easily unbundled.”

tacarmos duas características do African Renaissance. A primeira diz respeito à relação entre este renascimento e o termo ganense “Sankofa”, que significa mover o continente africano em direção a um futuro próspero, prosperidade esta que seria alcançada através da valorização e do resgate ao passado africano anterior a invasão européia. Já a segunda refere-se à importância da interação entre a democracia e o desenvolvimento econômico, relação que criaria um cenário estável e favorável ao crescimento econômico, garantindo a África o acesso à globalização econômica.

Em linhas gerais, segundo o *The African Renaissance, South Africa and the World*, discurso realizado por Thabo Mbeki na United Nations University, em 1998, onde o African Renaissance é apresentado ao mundo, o regresso a um passado pré-colonial, objetivava construir um contrapeso à imagem amplamente divulgada da África como um continente incapaz de combater suas mazelas e passivo ao surgimento de governos ditatoriais⁷. Além deste objetivo, a valorização de um passado marcado pela riqueza artística, pela diversidade cultural e pelo surgimento de grandes obras arquitetônicas e de importantes civilizações, também se relaciona a reconstrução da dignidade africana, sentimento considerado importante para romper com os flagelos existentes no continente através da união entre todos os povos africanos.

Todavia, se por um lado é possível encontrarmos certa semelhança entre o pan-africanismo e o African Renaissance, visto que para ambos a importância da integração continental encontra-se relacionada à busca em romper com a pobreza excessiva, com o subdesenvolvimento e outros desafios africanos. Por outro, diferentemente deste movimento, o *The African Renaissance, South Africa and the World*, incentiva os países africanos a aceitarem o mundo globalizado e seus condicionantes, a relacionarem democracia com desenvolvimento econômico e a forjarem parcerias com os países industrializados. Em certa medida, o fortalecimento dos laços econômicos com os países industrializados representava a busca por parte do continente africano em garantir o aumento de investimentos advindo destes países. Assim, enquanto Estados Unidos, França, Inglaterra e, principalmente, China, vêem a África como um território possuidor de “cerca de 66% do diamante do mundo, 58% do ouro, 45% do cobalto, 17% do manganês, 15% da bauxita, 15% do zinco e 10 a 15% do petróleo” (Saraiva 2008, 122), o African Renaissance compreende que tal procura pode ser revertida em benefícios ao continente.

De modo geral, o sucesso ou o fracasso na continuidade do African Renaissance encontra-se atrelado as transformações pelas quais os países africanos deveriam passar, e os investimentos por parte dos países industrializados. De acordo com Landsberg (2005), tais investimen-

⁷ No ano de 1999, Thabo Mbeki assumiria a presidência da África do Sul no lugar de Nelson Mandela.

tos, contudo, não são sinônimos de humanitarismo ou de alguma forma de relação paternalista entre os países africanos e os industrializados. Em verdade, o autor indica que estes investimentos são partes de uma relação que, diferentemente da interação conflituosa existente entre os países africanos e os industrializados durante a Guerra Fria, busca a parceria entre as partes, em que, além destes investimentos, os países industrializados perdoam as dívidas externas dos países africanos, garantem o acesso dos produtos africanos a seus mercados, e auxiliam, financeiramente, as operações de paz existentes no continente. Em contrapartida, os países africanos acatam a democracia e buscam garantir a paz e a estabilidade no continente.

Em certa medida, esta dinâmica marcada pela parceria, ou nas palavras de Landsberg (2005, p.740), pela “mutual accountability” ou “mutual responsibility”, também busca romper com as relações conflituosas existentes entre a África e o Ocidente no que se refere aos motivos pelos quais afastam o continente africano do desenvolvimento. De certo modo, enquanto um considerava o subdesenvolvimento como resultado direto da exploração e domínio exercido pelas grandes potências, o outro, indicava que o fracasso africano em tornar-se desenvolvido estaria condicionado a fatores internos, como a “corrupção, guerra civil, guerra, contrabando, que tratam de substâncias ilegais, violência comunitária

e imperativos políticos clientelistas”⁸ (CHABAL, 2002, p. 454).

Ao acompanharmos os anos finais da década de 1990 e os iniciais do século XXI, é possível compreender que alguns países africanos buscaram desenvolver projetos voltados ao desenvolvimento que refletiam esta outra forma de interação indicada anteriormente. Uma primeira iniciativa diz respeito ao Millennium Partnership for Africa’s Recovery Programme (MAP), este resultado da cooperação entre a África do Sul, a Nigéria e a Argélia, que, além de objetivar entender os motivos e encontrar soluções que liquidassem com a dívida externa dos países africanos, também trazia como característica a defesa dos ideais pregados pelo African Renaissance (De Waal, 2002).

Paralelo ao MAP, outro plano relacionado ao desenvolvimento africano era criado e defendido pelo então presidente do Senegal, Abdoulaye Wade. Intitulado de Omega Plan, tal iniciativa considerava necessário à priorização por parte dos países africanos em quatro setores prioritários, no caso, a agricultura, educação, saúde e infraestrutura (Ross, 2002). Conforme comparação encontrada no Compact for African Recovery de 2001, documento criado pela UN Economic Commission for Africa (UNECA),

⁸ Tradução livre do original “corruption, civil strife, war, smuggling, dealing in illegal substances, violence, communitarian and clientelistic political imperatives” (Chabal, 2002, p. 454).

tanto o MAP quanto o Omega Plan trazem em comum a compreensão de que o sucesso africano em alcançar o desenvolvimento sustentável, encontra-se atrelado a atuação dos países africanos em cumprirem com os objetivos traçados nestas iniciativas.

A semelhança existente entre tais iniciativas levou a junção de ambas no ano de 2001, criando, inicialmente a chamada New African Initiative (NAI), esta que, posteriormente, foi transformada em New Partnership for Africa's Development (NEPAD). Baseado em pontos relacionados à "Peace, Security, Democracy and Political Governance; Economic and Corporate Governance; Bridging the Infrastructure Gap; Human Resources Development; Agriculture; Environment; Culture; Science and Technology Platforms; Capital Flows, Market Access" entre outros que fazem parte deste programa (NEPAD, 2001, iii-iv), pode-se considerar que a NEPAD é a consubstanciação da dinâmica proposta pelo African Renaissance⁹.

Diferentemente da LPA, plano amplamente criticado pelo Ocidente uma vez que discordava das propostas neoliberais encontradas no Relatório Berg, a NEPAD, em contrapartida, foi

recebida com entusiasmo por parte das potências ocidentais (Bujra, 2004) visto que aceita a globalização, o neoliberalismo e todos seus condicionantes, e indica a democracia e a prevenção de conflitos como precondições para o desenvolvimento do continente africano (NEPAD, 2001; Chabal, 2002; Funke & Nsouli, 2003)¹⁰.

Portanto, ainda que a NEPAD faça ressalvas acerca das conseqüências do imperialismo no continente, sua proposta destoa da LPA, visto que enquanto esta iniciativa atrela o fim do subdesenvolvimento ao surgimento de uma ordem internacional favorável ao fim da dependência existente entre os países africanos e os industrializados, a NEPAD considera ser possível alcançar o desenvolvimento adequando-se aos condicionantes surgidos no Pós-guerra Fria, por meio da interação entre os interesses africanos e dos países industrializados.

Para acompanhar e monitorar a aceitação por parte dos países-africanos dos objetivos traçados pelo programa, a NEPAD vem utilizando o African Peer Review Mechanism (APRM). Segundo Déme (2005, p. 15), "A revisão por pares é quando as partes (governos, da sociedade

⁹ Como indicado no documento, "In proposing the partnership, Africa recognises that it holds the key to its own development. We affirm that the *New Partnership for Africa's Development* offers an historic opportunity for the developed countries of the world to enter into a genuine partnership with Africa, based on mutual interest, shared commitments and binding." (NEPAD, 2001, p.59)

¹⁰ "The new phase of globalisation coincided with the reshaping of international relations in the aftermath of the Cold War. This is associated with the emergence of new concepts of security and self-interest, which encompass the right to development and the eradication of poverty. Democracy and state legitimacy have been redefined to include accountable government, a culture of human rights and popular participation as central elements." (NEPAD, 2001, p.9)

ou outros) concordam em trocar suas experiências com base em um terreno intelectual e moral comum e identificar princípios consensuais e valores compartilhados”¹¹. No caso da NEPAD, pode-se indicar a existência de duas funções do APRM. A primeira refere-se à própria essência do Peer Review, isto é, de fazer com que exista o acompanhamento de uma parte pela outra buscando demonstrar os avanços, retrocessos e desafios que o país analisado vem encontrando. Logo, o APRM se destacaria servindo como meio de fazer com que os países trabalhassem juntos e compartilhassem experiências e soluções que levassem ao avanço da good governance (Dème, 2005).

Já a segunda função do APRM é demonstrar à Comunidade Internacional, principalmente aos países industrializados do Ocidente, a seriedade dos países-membros em assumirem os compromissos firmados na NEPAD (Masterson, 2004; Dème, 2005). Nesse sentido, se por um lado este mecanismo serve como um meio de intensificação da interação entre os países, uma vez que a revisão de pares, conseqüentemente, leva a maior aproximação. Por outro, sua adoção se torna importante pois indica que os países estão empenhados em realizar as mu-

danças necessárias e, assim, aptos a receber investimentos advindos dos países desenvolvidos.

Ao acompanharmos desde a sua criação em 2001 até os dias atuais, é possível constatar-mos duas realizações da NEPAD. A primeira refere-se ao incentivo em tornar os países africanos cada vez mais integrados. Reflexo disso pode ser encontrado no aumento dos investimentos externos diretos (IED) advindos da África do Sul direcionados ao continente africano. De fato, desde pequenos investimentos realizados por empresas como Checkers, Game an Makro, Protea Hotels, Debonairs, Nandos and Steers, Truworths and Weoolworths, Standard Bank/Stanbic and Multichoice, a mega investimentos advindos da MTN, Vodacom, Transnet, Eskom, AngloGold Ashanti, Randgold Resources, Sasol e PetroSA, tornaram-se cada vez mais constantes no continente africano (Connimos & Daniel & Lutchman, 2007).

Já a segunda realização da NEPAD refere-se à busca em elevar o fluxo de IED advindo dos países industrializados destinados ao continente. De modo geral, também é possível indicar o sucesso desta iniciativa, visto que tais investimentos passaram de US\$ 9 bilhões em 2000, para US\$ 18 bilhões no ano de 2004, chegando em 2008, à taxa de US\$ 88 bilhões. Reflexo deste aumento pode ser encontrado na entrada de IED advindo da Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), que

¹¹ Tradução livre do original “Peer review is when parties (governments, society or others) agree to exchange their experiences on the basis of a common intellectual and moral ground and to identify consensual principles and shared values”. (DÉME, 2005, p. 15)

passou de US\$ 4 bilhões em 2002 para US\$ 32 bilhões em 2008.

Todavia, paralelo a tais realizações, é possível indicar o surgimento de dois desafios a NEPAD. O primeiro refere-se à entrada de IED advindo dos países industrializados, visto que, se por um lado houve o aumento do fluxo deste tipo de investimento no continente, por outro, é possível perceber o desequilíbrio na distribuição destes e sua concentração em determinados setores, notoriamente, aqueles relacionados a recursos energéticos e minerais. De fato, do total de IED direcionado para a África em 2008, quase 90% se concentrou nas regiões, Norte, Sul e na região da África Ocidental, enquanto a região central e Oriental do continente, ficaram, respectivamente, com 4 e 6 bilhões de dólares (OECD, 2010). Junto a este desafio, o outro diz respeito à dificuldade deste programa em elevar a participação africana no comércio mundial. Reflexo disso pode ser encontrado na fatia do mercado mundial conquistado com a exportação de manufaturas advindas da África, que entre os anos de 2000 a 2008, passou de 1% para 1,3% (UNCTAD, 2011).

Considerações Finais

A análise desenvolvida durante este artigo expôs as diferenças entre o LPA e a NEPAD no que se refere aos caminhos para o desenvolvimento africano. Como foi demonstrado, a primeira iniciativa atrelava o subdesenvolvi-

to ao imperialismo, logo, a criação de uma Nova Ordem Econômica Internacional favorável ao continente africano tornava-se necessária. Já a segunda não ignora o impacto gerado pela colonização europeia no continente, entretanto, compreende a possibilidade em romper com o subdesenvolvimento por meio da parceria, na qual os países africanos aderem à globalização econômica e seus condicionantes, e, como resposta a tal aceitação, os países industrializados aceitam investir e garantir o acesso dos produtos advindos da África em seus mercados.

De modo geral, estas duas soluções africanas ao subdesenvolvimento, refletem respostas diferentes a momentos históricos específicos. De fato, enquanto a LPA é a consubstanciação do pan-africanismo e corresponde ao mundo pós-2ª Guerra Mundial, em que o continente africano voltava-se ao rompimento com qualquer forma de dominação herdada do imperialismo europeu, logo a busca pela independência não se restringia apenas ao âmbito político, mas também econômico. A NEPAD é fruto do African Renaissance, movimento que não se detém a tal objetivo. Nesse sentido, ainda que mantenham a mesma finalidade, ambos se diferem nos meios para acabar com o subdesenvolvimento e todas as suas mazelas, visto que a primeira iniciativa compreendia a viabilidade do desenvolvimento a partir da contestação do que se tornava vigente, no caso, o neoliberalismo; enquanto a segunda acre-

dita na responsabilidade mútua como a melhor estratégia para tal fim.

Referências

BUJRA. Abdalla. Pan-African Political and Economic Visions of Development From the OAU to the AU: From the Lagos Plan of Action (LPA) to the New Partnership for African Development (NEPAD). 2004. Disponível em: <[http://www.bujra.com/documents/Pan-](http://www.bujra.com/documents/Pan-Afri-)

[can%20Political%20and%20Economic%20Visions%20of%20Development.pdf](http://www.bujra.com/documents/Pan-African%20Political%20and%20Economic%20Visions%20of%20Development.pdf)> Acesso em: 22/04/2012

CHABAL. Patrick. The quest for good government and development in África: is NEPAD the answer?, 2002, Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/3095884>>. Acesso em: 22/03/2012

CHANAIWA. David. ASANTE.S.K.B. O Pan-africanismo e a Integração Regional. In MAZRUI. Ali A. WONDJI. C.(org.) História Geral da África – VIII: África desde 1935, Brasília: UNESCO, 2010. pp. 873-896.

CHANAIWA. David. KODJO. Edem. Pan-africanismo e libertação In MAZRUI. Ali A. WONDJI. C.(org.) História Geral da África – VIII: África desde 1935, Brasília: UNESCO, 2010 pp. 897-924

CHINWEIZU. A África e os países capitalistas. In MAZRUI. Ali A. WONDJI. C.(org.) História Geral da África – VIII: África desde 1935, Brasília: UNESCO, 2010 pp. 927-963

COMNIMOS. Alex. DANIEL. John. LUTCHMAN. Jessica. South Africa in Africa: trends and forecasts in a changing African political economy. In LUTCHMAN. Jessica. DANIEL. John. SOUTHALL. Roger. BUHLUNGU. Sakhela (orgs.). STATE OF THE NATION: SOUTH AFRICA. HSRS Press. Cape Town, South Africa. 2007

De WAAL. Alex. What's new in the "New Partnership for Africa's Development?", 2002, Disponível em: <www.sarpn.org.za/NEPAD/dewaal/dewaal.pdf>. Acesso em: 23/11/2012

DEMÉ. Ousmane. Between Hope and Scepticism: Civil Society and the African Peer Review Mechanism. Ed. Partnership Africa Canada. 2005

DIALLO. Alfa Oumar. (2011) Renascimento Africano e Desenvolvimento. In Conjuntura Austral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/20575>>. Acesso em: 08/07/2012

EZEOHA. Abel. UCHE. Chibuiké. South Africa, NEPAD and the African Renaissance. 2005. Disponível em: <www.ascleiden.nl/Pdf/workingpaper64.pdf>. Acesso em: 05/01/2013

FUNKE. Norbert, NSOULI. Salah M. (2003) The NEPAD: Opportunities and Challenges. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2003/wp0369.pdf>>. Acesso em: 05/01/2013

GILLEY. Bruce. (2010) The End of the African Renaissance, Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0163660X.2010.516612>>. Acesso em: 05/01/2013

HLOPHE. Dumisani, LANDSBERG. Chris. (1999) The African Renaissance as a modern South African Foreign Policy Strategy, Disponível em: <www.cerisciencespo.com/archive/octo99/artcl.pdf>. Acesso em: 05/07/2013

HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos (1914-1991) – o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KENNEDY. P. Ascensão e Queda das Grandes Potências. Ed. Campus, 1989.

LAGOS PLAN OF ACTION FOR THE ECONOMIC DEVELOPMENT OF AFRICA 1980-2000. Disponível em:

<http://www.nepadst.org/doclibrary/pdfs/lagos_plan.pdf>. Acesso em: 22/06/2013

LANDSBERG. Chris. 2005. Toward a Developmental Foreign Policy? Challenges for South Africa's Diplomacy in the Second Decade of Liberation. In. Social Research. Vol. 72. Nº 3, 2005

MALDONADO FILHO. Eduardo, Globalização e neoliberalismo: o surgimento do novo ou a volta ao passado? In

CARRION, Raul K.M. e VISENTINI, Paulo G. Fagundes (orgs). Globalização, neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo? 2ªed, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998

MASTERSON, Grant Edward Thomas. Governance Quality and Government Commitment to the NEPAD African Peer Review Mechanism. Ed. EISA. Johannesburg, South Africa. 2004

MBEKI, Thabo. Speech by Deputy President Thabo Mbeki at the United Nations University THE AFRICAN RENAISSANCE, SOUTH AFRICA AND THE WORLD, United Nations University. 1998. Disponível em: <<http://www.dfa.gov.za/docs/speeches/1998/mbek0409.htm>>. Acesso em: 14/05/2013

NEPAD. (2001). The New Partnership for Africa's Development. Disponível em: <http://www.nepad.org/system/files/framework_0.pdf>, Acesso em: 16/09/2012

NYANG'ORO, Julius E. SHAW, Timothy M. African Renaissance in the New Millennium? From Anarchy to Emerging Markets?. In African Journal of Political Science. Vol. 5. No. 1, pp. 14-28. 2000

OECD. (2010). FDI in Africa. Policy brief no.4 - October 2010. Disponível em: <http://www.un.org/africa/osaa/reports/2010_FDIbrief.pdf>. Acesso em: 15/09/2012

PENHA, Eli Alves. Relações Brasil-África. Editora: EDUFBA, Salvador, 2011.

ROSS, Herbert. Implementing NEPAD: A Critical Assessment, 2002, Disponível em: <www.nsi-ins.ca/english/pdf/herbert.pdf>. Acesso em: 18/03/2013

SANDRONI, Paulo. Dicionário de economia. São Paulo: Ed. Best Seller, 1999

SARAIVA, José Flávio Sombra. A África na ordem internacional do século XXI: mudanças epidérmicas ou ensaios de autonomia decisória?. In. Revista Brasileira de Política Internacional. Vol.51. Nº. 1, pp.87-104. 2008

UNECA. COMPACT FOR AFRICAN RECOVERY. 2001. Disponível em <

http://213.55.79.31/2002/compact_for_african_recovery.htm>. Acesso em: 13/07/2013

UNCTAD. (2011). Economic Development in Africa: Fostering Industrial Development in Africa in the New Global Environment. Disponível em: <http://www.unctad.org/en/docs/aldcafrica2011_en.pdf>. Acesso em: 15/09/2012

ⁱ Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Marília) e Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail para contato: anselmo_otavio@yahoo.com.br



CRISE E DESENVOLVIMENTO:

O Banco Interamericano de Desenvolvimento como um ator intelectual orgânico regional do capital.

Pedro Henrique Neves¹ • Dezembro de 2013

Resumo:

O presente artigo oferta uma leitura crítica neogramsciana sobre a temática do desenvolvimento econômico e social em termos teóricos e práticos. Especificamente, compõe-se uma leitura acerca da intelectualidade orgânica do Banco Interamericano de Desenvolvimento, a qual ofertaria indícios acerca das bases superestruturais pelo desenvolvimento no contexto latino-americano. A imagem construída indica, por meio de uma lente gramsciana, o encapsulamento de ideias a forjar um amplo consenso, reproduzido e atualizado em um bloco histórico, acerca desse mesmo amplo tema.

Palavras-chave: *Intelectual orgânico, banco inter-americano de desenvolvimento, bloco histórico.*

Abstract:

This article offer a neo-Gramscian critical reading on the subject of economic and social development in theoretical and practical terms. Specifically, composed one reading about the organic intellectuality of the Inter-American Development Bank (IDB), which would offer clues about the super-structural bases for development in the Latin American context. The constructed image indicates, through a Gramscian lens, the encapsulation of ideas to forge a broad consensus, reproduced and updated on a historic block, about that same broad topic.

Key words: *Organic intellectual, inter-American development bank, historical bloc.*

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) direcionou 1.127,9 milhões de dólares para 14 projetos em fontes de energia. Aos transportes foram atribuídos 1.603,0 milhões de dólares em 17 projetos (BID, 2000). Tais números são distribuídos entre os países-membro do Banco e aplicados por meio de uma forte construção de idéias, importações de expertise, experiências e construções políticas. Nesse recorte, abre-se a possibilidade para pensarmos como as ideias permeiam as vias operacionais, a estrutura e as ações diretas de financiamento da organização.

Em face de esta preocupação, o presente ensaio expõe o posicionamento do Banco como indício de uma face, desde sua fundação no ano de 1959, de um ator intelectual orgânico regional, o qual atende as demandas sociais do espaço de ação, contudo reforça e atua em proximidade às grandes Instituições Financeiras Internacionais (IFI's). A incipiência de abordagens sobre o BID no modelo pensado implica a construção dessa relação, a qual se funda nas abordagens conceituais do teórico italiano Antonio Gramsci, a compreender a construção do conceito do Intelectual Orgânico e da construção do Bloco Histórico para as Relações Internacionais. Posteriormente, apresentado o BID, faz-se considerações em torno da criação de uma agenda conjunta, pós-Consenso de Washington, a qual cumpriria a

apresentação das reformas de segunda geração com participação do Banco.

O Papel das Organizações

O desenvolvimento tem sido, desde o final da segunda grande guerra, uma interseção no diálogo entre estados, organizações internacionais e a sociedade civil. Segundo Santos (2005) a construção acerca do desenvolvimento é profunda, a indicar bases de pensamento adunadas ao evolucionismo, ao organicismo e à idéia de progresso. A história acerca da temática guia à identificação distinta de fatores limitadores do desenvolvimento (ora endógenos, ora exógenos) aos estados, aludindo as suas condições sócio-econômicas nas relações internacionais¹ Nesses termos, há algumas décadas o debate baseado no desenvolvimento tem trilhado experiências e aplicações heterogêneas e com referenciáveis ramificações. Todavia permanece em aberto e há pouca clareza sobre qual será o próximo passo no embate à pobreza.

Assim, o Banco Interamericano de Desenvolvimento é um ator relevante em tal embate. Porém, conforme Woods (2006), as instituições financeiras internacionais, como o Banco, não são apenas ideias e construções de agendas acerca

¹ Cardoso e Falleto (1974) indicam o atraso dos pobres em função da exploração histórica pelos ricos; em uma linha diferente, Klasen e Lehmann (2009) apontariam como vírus do desenvolvimento a desigualdade social, reproduzida e aprofundada internamente aos estados.

do desenvolvimento. Estas têm capacidade de ação e aplicam, no espaço, as pesquisas e os pensamentos produzidos pelo seu staff. Tal colocação considera que a “instituição se refere a um padrão geral ou categorização da atividade ou de um arranjo particular humano construído, formalmente ou informalmente organizado” (KEOHANE, 1988, p.383). Nesses termos, há a prescrição do comportamento dos atores a moldar expectativas dos mesmos. Assim, a organização apresentaria a capacidade de ação, pois comporta um corpo técnico, sede, burocracias e outras características que reforçam seu papel e imagem. Segundo Elster (2007), as organizações se diferenciariam como atores coletivos, com capacidade de organizar as relações, além de ser fundada num marco histórico. Todavia, as instituições pensadas se aproximam das colocações de Keohane (1988), além de tratadas como modos pelos quais agimos e que podem ser aplicados pela organização. Nesses termos, a prescrição ou direção pode ser pensada, sem serem conscientemente construídas (ELSTER, 2007)².

Dentre as diversas ações possíveis de uma organização é destaque o treinamento e formação do staff, como também, a construção de alianças políticas nos países a aplicação específica das idéias e valores nos mesmos. Woods (2006) re-

² Nesses termos o BID, em face das considerações colocadas, pode ser visto como um ator interessado no campo do desenvolvimento, a aludir suas construções de idéias no combate à pobreza, como também na aplicação destas nos Estados.

força como as ações do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional impactaram no acesso ao desenvolvimento nos continentes latino-americano, africano e asiático. Assim, alguns elementos ganham força, como a importação de expertise, o conluio político, o embate e a cooperação com atores sociais internos, etc. Tais apontamentos defrontam Barnett e Finnemore (2004), que apontam as construções do staff das IFI's conforme a agenda de trabalho de economistas e não de antropólogos. Nesses termos, as políticas econômicas pelo desenvolvimento cairiam num quadro de tentativa e erro, prescrito e ligado a agendas macroeconômicas, a qual apontaria para uma via de isenção nas ações dos atores³.

Todavia, os autores reconhecem que às ações do FMI não apenas regulariam as ações dos Estados, mas fariam parte da construção das mesmas por meio de dois elementos de suma importância que são as condicionalidades e a assistência técnica (expertise)⁴. Ainda, esses mesmos não se dariam apenas na demanda dos Estados, mas em um viés de expansão do controle da economia doméstica a constituir um regime econômico regulamentado (BARNETT e FINNEMORE, 2004). Por fim, postadas algumas

³ Nas palavras dos autores, “o FMI é composto por economistas e não por antropólogos ou cientistas sociais” (p.47).

⁴ Ambos tidos como garantia ou tentativa de se obter êxito na aplicação das mudanças econômicas.

considerações acerca da relevância das IFI's, passa-se a preocupações sobre a construção intelectual. Nessa linha, o conceito do intelectual orgânico, pontuado por Antônio Gramsci, ganha espaço.

Intelectual: a definição

Apesar de argumentar a possibilidade de existência de diversos tipos de intelectuais, o ator italiano destaca a existência dos intelectuais orgânicos e dos intelectuais tradicionais. A primeira ordem corresponderia a um grupo ligado a uma classe, vide que os grupos sociais “nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político” (GRAMSCI, 2010, p.15)⁵. Por outro lado, a segunda ordem é anterior, seria preexistente, a indicar “uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas” (Idem, p.16). O clero e militares, que ilustram esse último, traduzem no “espírito de grupo sua ininterrupta continuidade histórica e sua qualificação, eles se põem a si mesmo como autônomos e independentes do grupo social dominante” (Idem, p.17).

⁵ Segundo Semenario (2006), o autor italiano deixa de considerar os intelectuais de forma neutra, aquém da sociedade.

O intelectual orgânico alude à ideia do bloco histórico, a qual pressupõe a existência dos intelectuais na realização de uma função para perpetuar tal bloco (RAMOS, 2005). Nesses termos, o bloco histórico apresentaria a ordem presente não apenas na reprodução material da sociedade, mas também na construção e reprodução das ideias. Assim, “as ideias devem ser entendidas na sua relação com as circunstâncias materiais, que incluem tanto as relações sociais quanto os meios de produção” (idem, p.34). Logo, “ideias e economia estão colocadas juntas. É a superestrutura formada, com multi-influências entre as mesmas” (idem, p.56) e um bloco histórico não poderia existir sem uma classe social hegemônica, pois é ela que dissemina seus ideais que, somados a características econômicas, formam a superestrutura. Ainda, há dois grandes planos que comportam a construção da hegemonia: a sociedade civil e o estado⁶, como “planos que correspondem, respectivamente, à função da hegemonia que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e a aquela de ‘domínio direto’ ou de comando, que se expressa no Estado e no governo ‘jurídico’” (GRAMSCI, 2010, p.21). Quanto ao papel do intelectual, “os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo domi-

⁶ Quanto à sociedade civil, esta é o campo de batalha das ideologias, de formação de identidades, das atividades intelectuais e onde a formação da hegemonia toma lugar, e quanto à sociedade política, esta é tida como instituições que regulam a sociedade, civil. Seria o Estado e todo seu aparato regulatório coercitivo. (AUGELLI; MURPHY, 1994).

nante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político” (Idem) o que indica importância deste grupo na construção do consenso frente às multidões, além da fundação do aparelho coercitivo do estado, que mantém em vias legais a constância daqueles que não consentem com a ordem. Os intelectuais desempenhariam, conforme as colocações do Bloco Histórico, um papel fundamental para o próprio bloco⁷, não como uma parte social realçada da sociedade, aquém dos seus acontecimentos, mas organicamente atrelados à classe dominante mantendo-a através da sustentação ideológica, tecnológica e organizacional (COX, 1994).

Intelectualidade e Instituição

A temática do intelectual, em perspectivas gramscianas, é um construto que não deve perder o foco na função e papel desempenhados por tal ator social e político. A aplicação do conceito deve seguir um rigor metodológico, por mais que se reconheça que o vocabulário do autor italiano ganhe força quando tocado o objeto em análise (COX, 1994). Frente a presente ressalva, uma importante ferramenta do intelectual é a sua produção material, numa mescla variada entre jornais políticos, revistas de todos os tipos (científico-literárias), filosóficas, periódicos diversos e

até os “boletins paroquiais”. Pereira (2010) avança dentro dessas ressalvas no que diz respeito ao papel político, financeiro e intelectual do Banco Mundial. Considera que ações ligadas a alterações no staff do banco estariam circunscritas aos ditames políticos de poder nos Estados Unidos da América. Nesse sentido, as alterações na presidência do banco (ex: de MacNamara para Wolfowitz) não aludiria apenas às alterações de praxe da organização, mas também às construções políticas conforme a estabilidade/instabilidade hegemônica dos EUA no mundo. Assim, as produções técnicas e o conhecimento acerca do desenvolvimento alteraram, por exemplo, as ações em apoio à revolução verde e a substituição de importações para a defesa e aplicação concisa da agenda neoliberal pós 1980 através da desregulamentação e da financeirização da economia mundial, a elencar o mercado como mecanismo central para o “desenvolvimento” (PEREIRA, 2010)⁸.

Nesse sentido, importa reforçar que “uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica. Pelo contrário, o programa de reforma econômica é exatamente a maneira concreta pela qual toda reforma intelectual e moral se apresenta” (GRAMSCI apud SEMERARO, 2006, p.378).

⁷ Cabe entender o bloco histórico como um acontecimento internacional, o qual representaria o desenvolvimento e alcance de uma “forma particular de relações sociais de produção” (RAMOS, 2000).

⁸ *Pontos estes, recuperados de Gowan (2003), apontariam o processo de construção da hegemônica norte-americana após 1970*

O Banco Interamericano de Desenvolvimento

O Banco Interamericano de Desenvolvimento é forjado na conjuntura política do pós-Segunda Guerra Mundial com o esforço dos países “americanos” pelo desenvolvimento (SCHERMA, 2007). Nesse momento, uma nova incursão econômico-produtiva guiou os Estados Unidos a movimentar grandes somas de recursos para a Europa. Essa recuperação era necessária frente aos objetivos de mercado dos EUA na Era de Ouro do Capital no século XX (HOBBS-BAWM, 1995). Tal era representou a reformulação do capitalismo no mundo, com um avanço profundo na globalização e internacionalização econômica, pontos esses associados com a intervenção do Estado na economia.

Todavia, em meio às alterações dos tempos de glória do pleno emprego, a América Latina estava às sombras e pouca importância era dada para região, até a Revolução Cubana (AYERBE, 2000). Assim, se acumulavam insatisfações em função do “esquecimento” frente à recuperação do continente europeu. “Um dos maiores anseios brasileiros, e também latino-americanos, era a criação de um Banco Multilateral Americano” (SCHERMA, 2007, p.44), que contemplasse as ações do Banco Mundial e dos auxílios estadunidenses para outras regiões. Nessa linha, passos regionais foram dados através da

Operação Pan-Americana desenvolvida pelo Governo JK – Brasil e com os postulados da Comissão Econômica para a América Latina.

Assim, o BID começa a ser desenhado com um fundo de reclamações e de soluções para a América Latina “na necessidade de forjar uma nova instituição na qual suas vozes coletivas prevalecessem” (ODI, 1991, p.2). Em 1959, ao dia 30 de dezembro, entrara em vigor o Convênio Constitutivo do Banco, o qual referencia o objetivo de “contribuir para acelerar o processo de desenvolvimento econômico e social, individual e coletivo, dos países membros regionais em vias de desenvolvimento” (BID, 1959, p.5). Dentre suas atividades, destaca-se a promoção da inversão de capitais públicos e privados; uso do próprio capital para financiar o desenvolvimento dos países membros; cooperar e orientar as políticas dos membros; e prestar assistência técnica e executar planos em áreas específicas⁹.

A partir dos processos neoliberalizantes da década de 1980/1990, alguns princípios se tornaram claros no contexto da América Latina. Há a “minimalização” do Estado, em função dos gastos públicos e da ineficiência com um engate, a partir de então, do desenvolvimento nas condi-

⁹ Quanto à força dos estados-membro, os EUA, detêm 30,007% das ações (com poder voto). Somados, Argentina, Brasil, México e Venezuela pontuam 34,177% das ações. Mas, para o convênio destacado há como condição para ser membro regional do Banco, estar antes vinculado a OEA, que, por sua vez, pontua um membro extraregional o pré-requisito de ser membro do FMI (SCHERMA, 2007).

ções do mercado, ou seja, no mercado aberto, nas privatizações e na desregulamentação econômica. Nesses termos, fontes privadas de capital passariam a ditar o ritmo e a alocação do dinheiro nos países pobres (BORON, 2011) e, desde o governo Reagan (1981-89), o BID também orquestrou princípios consentidos com tal modelo de desenvolvimento, como ênfase no capital privado e a promoção da liberalização (OID, 1991). Assim, a aplicação de idéias “consentidas” durante a década de 1980 deixou um grande déficit social nos últimos 20 anos do século XX, e a crença na capacidade de alocação de recursos através do Mercado com a redução do Estado se mostrou falaciosa (CHANG, 1999). Indicadores acerca do aumento da desigualdade e da violência na região, no período em destaque, reforçam a falácia (ORTIZ, et al., 2011).

O modelo de ação da organização nos anos 1990 ancorou a estabilidade macroeconômica com reformas orientadas para o mercado, restringendo o papel do antigo estado desenvolvimentista (SCHERMAN, 2007). E posterior à década de 1990, dá-se uma reformulação nas ações para a região e, assim, faz-se passar

(...) de uma autoridade central para uma descentralizada; considerar o BID como uma organização que ensina, mas que também aprende com os mutuários; passar da cultura de aprovações de empréstimo para uma cultura de resultados efetivos destes, e; necessidade de trabalhar mais de perto com instituições não soberanas governos subnacionais, setor privado e instituições civis (Idem, 2007, p.161).

Tais condições indicam o “retorno” do estado no processo de desenvolvimento econômico e social, como também a ampliação do diálogo para outros atores interessados, inclusive governos subnacionais. Segundo Ortiz e outros (2011), este novo papel do estado, conjugando os atores subnacionais, indicam pontuações claras na política pelo desenvolvimento.

O Informe Anual, lançado em 2000, retrata como a crise de 1998/2001 aprofundou os problemas sociais nas Américas. As alterações no mercado de capitais foram sentidas em toda região da América Latina e o estado se firma no aumento dos esforços na promoção da proteção frente às flutuações externas. Todavia, “as dificuldades macroeconômicas dos anos recentes têm convencidos certos países da necessidade de arranjos institucionais para estabilizar o sistema de proteção fiscal e a manutenção da disciplina fiscal” (IABID, 2000, p.13). Ora, ao mesmo momento que se compreende as falhas do “mercado” é mantido um discurso de estabilidade fiscal. Segundo Bresser-Pereira e Gala (2010), Boschi e Gaitán (2008), após a crise da teoria e prática neoliberal funda-se um momento diferente, que indica elementos do nacional desenvolvimentismo e do neoliberalismo. Todavia, as ações da atual conjuntura não recupera o passado, mas atualiza-o. Assim, no ano em destaque, as principais ações do Banco se centraram na redução da pobreza e no crescimento econômico

da região, através de cooperações técnicas, financiamento de projetos infraestruturais e com empréstimos para a modernização do estado, em prioridade elevada (BID, 2000). Dentre variadas considerações, outro ponto de suma importância foi a aproximação dos governos locais na participação de projetos de planejamento sendo direcionados 50 milhões de dólares como empréstimos através do Programa para Lutar contra a pobreza para reforçar a capacidade de atuação local (Idem, p.51)¹⁰.

Quanto ao ano de 2005, algumas áreas se mantêm na agenda do banco, como a redução da pobreza e a modernização do Estado. Todavia, considerações faltantes em 2000, como questões acerca do meio ambiente e da eficácia do desenvolvimento são lançados. Quanto a este último, aludindo à idéia de *ownership*¹¹, o banco busca a

garantia da aplicação da ajuda conforme a construção e adoção de estratégias eficazes, “e uma cultura institucional e práticas de gestão orientada a resultados” (BID, 2005, p.26). Por último, o Informe Anual de 2010 aprofunda ainda mais sobre essa última temática. Ainda, o presidente do Banco, Sr. Luis Alberto Moreno anunciou, em abril/2011, pontua uma nova plataforma para o desenvolvimento envolvendo as cidades (de tamanho médio) da América Latina e Caribe. O Presidente afirma a alteração na disposição das pessoas no mundo indicando o aumento das cidades em todos os continentes. Ressalta que, as cidades de médio porte, presentes na maioria dos países em desenvolvimento, são uma grande oportunidade para os Estados, pois são cidades emergentes, com crescimento econômico relevante. Além destas referências, alerta o presidente que, as grandes cidades nos países em desenvolvimento tendem a perder espaço, haja vista o crescimento mais acelerado das cidades de médio porte e, nesses termos, o foco no município para prover o melhor desenvolvimento é uma nova plataforma solicitada.

Um composto global pelo desenvolvimento?

Em uma nova conjuntura, a Organização para a Cooperação e desenvolvimento Econômico (OCDE) desenha uma nova agenda para o

esses que internalizaria prescrições com ações dos Estados receptores de ajuda, na dispensa de tutela.

¹⁰ Outro programa defendido pelo Banco fora aplicado no Chile, o *Improving the Efficiency and Management*

of Regional Investment, com empréstimos de \$300 milhões, a envolver a educação, capacitação técnica, construção de estradas e outros mais, a ajudar os municípios num arranjo descentralizado.

¹¹ A definição do termo aponta para a propriedade de algo, todavia, sua aplicação no contexto do desenvolvimento tem sido tratada no bojo da condicionalidade. Logo, “*ownership* está ligado à eficácia da ajuda baseada em políticas no apoio ao desenvolvimento numa forma multidimensional. Na sua forma mais simples, *ownership* é identificado como um determinante fundamental do grau de compromisso para uma certa direção de política” (CASTEL-BRANCO, 2011, p.09); conceito traz a idéia de que “a população deveria se identificar com os programas e projetos e caberia aos governos dirigi-los, se necessário com a assistência externa” (PEREIRA, 2010, p.285), pontos

desenvolvimento com considerações para os países em desenvolvimento, como também para os fornecedores de recursos¹². Logo, três importantes documentos seguem essas mudanças: Declaração de Paris sobre a Eficácia da Ajuda ao desenvolvimento (02/03/2005); Agenda para Ação de Acra (04/09/2011); e a Declaração sobre a Efetividade da Ajuda, Busan (01/12/2011).

Em face da necessidade do cumprimento de metas dos Objetivos do Milênio, Paris (2005) reuniu ministros dos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Como objetivo, o aumento da eficácia da ajuda por meio do reforço das estratégias nacionais como também da responsabilidade mútua dos atores em uma divisão internacional da ajuda (OCDE, 2005). Além dessa chamada, pontuou-se que os países parceiros deveriam se comprometer com “as reformas necessárias para assegurar que os sistemas, instituições e procedimentos nacionais para a gestão da ajuda e outros recursos de desenvolvimento sejam eficazes, responsáveis e transparentes” (OCDE, 2005, p.6). Avançando sobre a eficácia da ajuda, o texto de Acra (2008) traz a necessidade dos países em desenvolvimento assumirem e liderarem as políticas para se desenvolver (ownership) em conjunto com as instâncias internas. Logo, a agenda postula o equilíbrio entre os objetivos e ações através de indicadores comuns, instituições simi-

lares e participação diversificada na ajuda para o desenvolvimento. Além, cabe ressaltar a explícita relação de esforços entre governos dos estados com governanças subnacionais, “na preparação, implementação e monitorização de políticas e planos nacionais de desenvolvimento. Estabelecerão também colaboração com organizações da sociedade civil” (OCDE, 2008, p.3).

A Declaração de Busan (2011) se aproxima dos pontos anteriores e, ainda, são defendidas as alianças entre variados atores, como privados, governos subnacionais, instituições de pesquisa/conhecimento entre outros em função da diversificação dos esforços e fundos para o desenvolvimento. A ajuda para o desenvolvimento, sustentável e inclusivo, exigiria um esforço conjunto no qual há a inclusão da

Taxação e mobilização de fontes domésticas, investimentos privados, aporte para o comércio, a filantropia, os fundos públicos nãoconcessionais e o financiamento para as mudanças climáticas. Ao mesmo tempo em que, novos instrumentos financeiros, opções de investimento, compartilhamento de tecnologia e conhecimento, e pedidos das parcerias público-privado (OCDE, 2011, p.2).

Além dessa abertura, a OCDE reconhece a relevância da cooperação Sul-Sul como fonte de desenvolvimento para além da histórica relação Norte-Sul. Assim, o estado volta a ser reconhecido como ator participante na agenda do desenvolvimento e importaria “fazer um grande uso dos arranjos de coordenação dos estados, incluindo a divisão do trabalho, como também a

¹² Segundo Pereira (2010), nesse período há uma reciclagem do programa neoliberal, a tratar das reformas de segunda geração, as quais buscam restaurar o projeto neoliberal.

abordagem de baseadas em programas, programação conjunta e cooperação delegada” (Idem, p.7), pontos que seriam atrelados por instituições e políticas na soma do estado com demais atores, nacionais e internacionais. Nesses termos, a eficácia da ajuda é defendida como um novo arranjo em favor do desenvolvimento dentro do sistema capitalista internacional, arranjo este que indica a recuperação da prática e da teoria neoliberal por meio de uma ortodoxia controlada, em espaço regional e internacional.

Das condicionalidades e apontamentos finais

A nova agenda do desenvolvimento aponta uma “estória” intrigante acerca do papel das condicionalidades e as ações das IFI’s com os seus membros¹³. Ao longo de décadas o FMI se tornou a principal organização ligada a tal construção. As suas aplicações “substituíram os colaterais de operação de empréstimo com o objetivo de disciplinar o comportamento dos países devedores” (BUENO, 2006, p.30). Nessa linha, com o tempo e com as crises as condicionalidades cambiaram e a baila entre as versões macro/micro esteve ligada às alterações na econômica política internacional¹⁴. Nesses termos, a ow-

nership adentra a mesma perspectiva, tanto por meio do FMI, quanto por meio das construções do BID e da OCDE após a crise e prática neoliberal. Os informes anuais do BID e a agenda em construção da OCDE ilustram a amplitude das políticas da temática¹⁵. Logo, assim se recupera a possibilidade de engenho de um regimento político e econômico internacional, o qual para alguns autores como Gilpin(1987), Gowan (2003), Fiori (2004), justificaria as condições superestruturais de um bloco através do reformulação/restauração de práticas que importariam para o continuum de um domínio.

Nessa linha, o presente escrito vislumbra a possibilidade de uma organização, em um amplo rol de ações possíveis (dentre estas a publicação, produção técnica e expertise, como também desenvolvimento de projetos sociais e repasse de recursos financeiros), corresponder a um papel/função no cenário internacional¹⁶. Dessa ampla agenda, a Eficácia da Ajuda, vinculada a condicionalidade da ownership e ao enquadramento dos governos subnacionais, seria um engenho em construção em um caráter conjuntural

¹³ Para mais sobre a criação das condicionalidades, ver Barnett e Finnemore (2004).

¹⁴ Macrocondicionalidades = External Fund Facility (EFF); Microcondicionalidades = Structural Adjustment Facility – SAF e Enhanced Structural Adjustment Facility – ESAF, correspondendo às décadas de 1980 e 1990. Para mais, ver Bueno (2006).

¹⁵ Segundo Bueno (2006) importa destacar sobre o conceito o fato das condicionalidades serem tratadas como ferramentas de peso para aplicação, ou internalização dos interesses aos Estados em busca de ajuste.

¹⁶ Segundo Cox (1994), as OIS comportariam um arranjo de defesa e desenvolvimento da hegemonia através das aplicações de idéias e normas, na cooptação de elites dos países periféricos e também na absorção de movimentos contra-hegemônicos. Uma organização chave, segundo o autor é a OCDE, a qual atua através das suas objetivas recomendações.

de crise da teoria e prática neoliberal na América Latina, a qual é reforçada e aplicada em âmbitos tanto globais, quanto regionais.

Gramsci destaca que toda alteração de cunho intelectual está diretamente ligada a alterações estruturais na sociedade. Tal ponto indica uma preocupação material histórica, visto que oferta ferramentas para compreendermos as alterações da agenda de trabalho e as publicações das OFI pós-Consenso de Washington. Nesses termos, o BID pode ser analisado e lido como um ator intelectual a desempenhar um papel preponderante no acesso ao desenvolvimento. Tais pontos remetem um pensar cauteloso em face da defesa de trabalhos ligados às boas práticas para o desenvolvimento. Chang (2003) questiona o advento dessas ideias, haja vista que os países ricos, na história, formularam, mas não seguiram os bons intentos e as recomendações.

A conjuntura atual pelo desenvolvimento, por fim, dialoga com o bloco histórico formado após a 2ª Guerra Mundial, o mesmo reestruturado a partir dos 1970 em um viés neoliberal (GOWAN, 2003). Nesse sentido, O BID, apesar de nascer em clamores locais, tem suas ideias e ações próximas às atualizações econômicas internacionais. Nessa linha, Pereira (2010, p.330) destaca que a construção intelectual do Banco Mundial “servia de orientação para as agências bilaterais de assistência ao desenvolvimento e os demais bancos multilaterais (BID, BAD e BAfD)” . Todavia, reconhece-se sua importância

para região, principalmente como ator financeiro, fomentando projetos sociais e com publicações que pontuam o entendimento das crises e o impacto no âmbito regional¹⁷. Por fim, outras variáveis para além do internacional importam para compreender o caminho pensado. Nesse sentido, a compreensão da ideia de sociedade civil amplia o debate podendo tanto contribuir para a identificação da organização como um ator orgânico em comunhão com a pressuposição e práticas de um neoliberalismo reconstruído, ou a refutação dessa mesma. Entretanto, a face atual da organização, em proximidade às novas agendas internacionais pelo desenvolvimento, indica uma divisão internacional do trabalho na qual o Banco cumpre sua “função” financeira, como também intelectual do capital.

Referências

- AUGELLI, E. e MURPHY, C.N, Gramsci and international relations: a general perspective with examples from recent US policy toward the Third World, in: GILL, Stephen (org), Gramsci, Historical Materialism and International Relations. Cambridge University Press. 1994.
- BARNET, M e FINNEMORE, M. Rules dor the World. Cornell University Press, 2004.
- BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento. Disponível em <http://www.iadb.org/pt/>. Acesso em 08 de julho de 2011.
- ____ Informe Anual, Disponível em <http://www.iadb.org/pt/sobre-o-bid/relatorio-anual-6293.html> , 2000. Acesso em 13 de julho de 2011.
- ____ Informe Anual. Disponível em <http://www.iadb.org/pt/sobre-o-bid/relatorio-anual-6293.html> , 2005. Acesso em 13 de julho de 2011.

¹⁷ Para mais ver, Izquierdo e Talvi (2011)

- ____ Informe Anual, disponível em <http://www.iadb.org/pt/sobre-o-bid/relatorio-anual-6293.html>, 2010. Acesso em 13 de julho de 2011.
- ____ Convênio Constitutivo, disponível em <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=736581>, 1959. Acesso em 15 de julho de 2011.
- ____; Izquierdo, A. e Talvi, E. (coord) One region, two speeds? : Challenges of the new global economic order for Latin America and the Caribbean. Disponível em www.iadb.org/document.cfm?id=35816781 , Acesso em 28 de julho de 2011.
- BOSCHI, Renato e GAITÁN, Flavio, *Gobiernos Progresistas, Agendas Neodesarrollistas y Capacidades Estatales: La experiencia reciente en Argentina, Brasil y Chile*. In: LIMA, M.R.S. et.al. (org). *Desempenho de Governos Progressistas no Cone Sul: Agendas Alternativas ao Neoliberalismo*. 1. ed. rio de janeiro: Edições IUPERJ, 2008. v. 1.
- BORON, Atilio. *Latin American Thinking on the State and Development: From Statelessness to Statelessness*. In: S.Moyo e P. Yeors (orgs), *Reclaiming the Nation*, Londres: Pluto Press, 2011.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos e GALA, Paulo. *Macroeconomia estruturalista do desenvolvimento*, *Revista de Economia Política*, v. 30, n. 4 (120), p. 663-686. 2010.
- BUENO, F. M. *As condicionalidades do Fundo Monetário Internacional*. *Economia Política Internacional*, v. 9, p. 29-39, 2006.
- CARDOSO, F.H. e E. FALETTO. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaios de Interpretação Sociológica*, RJ, *Civilização Brasileira*, 2004.
- CASTEL-BRANCO, C.N. *Dependência de Ajuda Externa, Acumulação e Ownership*. *Cadernos Instituto de Estudos Sociais e Econômicos* n. 7, 2011.
- CERVO, A. L.; BUENO, C. . *História da política exterior do Brasil*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v.1, 2011.
- COX, Robert W. Gramsci, hegemony and international relations: an essay in method, in: GILL, Stephen (org), *Gramsci, Historical Materialismo and International Relations*. Cambridge University Press, p. 49-67, 1994.
- CHANG, Há-Joon. *The economic Theory of Development State*, in M, Woo e Cumings (org), *The Development State*, Ithaca, NY: Cornell UP, p.182-199, 1999.
- ____. *Chutando a Escada: estratégia de desenvolvimento em perspectiva histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- ELSTER, J. *Explaining Social Behavior*. Cambridge, CUP 2007.
- FIORI, José Luís. *O poder americano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GOWAN, Peter. *A Roleta Global: Uma aposta faustiana de Washington para a dominação do Mundo*. São Paulo: Record, 2003.
- GILPIN, R. *The political economy of Internacional Relations*, Princenton University Press, Princenton, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, v.2, 2010.
- HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KEOHANE, Robert. *International Institutions: Two Approaches*, *International Studies Quarterly*, v. 32, n.4, 1988.
- KLASEN, S e LEHMANN, N. *Poverty, inequality, and policy in Latin America*, The MIT Press Cambridge, Massachusetts, 2009.
- OCDE, *Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico*, disponível em <http://www.oecd.org/home>. Acesso em 22 de julho de 2011.
- ____ Declaração de Paris, disponível em <http://www.oecd.org/dataoecd/56/41/38604403.pdf>, 2005. Acesso em 24 de julho de 2011.
- ____ Agenda para Ação, Acra. Disponível em <http://www.oecd.org/dataoecd/58/59/41202060.pdf> , 2008. Acesso em 24 de julho de 2011.
- ____ First draft outcome document for the fourth high-level forum on aid effectiveness, Busan, Korea. Disponível em http://www.dochas.ie/Shared/Files/4/First_Draft_Outcome__Doc_HLF4.pdf, 2011. Acesso em 25 de julho de 2011.
- ODI, Overseas Development Institute. *The Inter-American development Bank and Changing Policies for Latin America*. Briefing Papper, 1991.
- ORTÍZ, et al., *A post-Washington consensus approach to local economic development in Latin America? An example from Medellín, Colombia*. Overseas Development Institute, 2011.
- PEREIRA, J.M., *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro: 1944-2008*. Rio de Janeiro, *Civilização Brasileira*, 2010.
- RAMOS, Leonardo C.S.. *A Sociedade Civil em Tempos de Globalização: Uma Perspectiva Neogramsciana*. 2005. 219p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.
- ____. *Materialismo Histórico e Estudos Internacionais*. Disponível em <<http://www.acesa.com/gramsci>>. Acesso em 15 de novembro de 2011.
- SANTOS, F. Onofre. *O Fogo de Prometeu nas Mãos de Midas: Desenvolvimento e Mudança Social*, in CAMPOS, Taiane L.C. (org), *Desenvolvimento, Desigualdades e*

Relações Internacionais, Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, 2005.

SCHERMA, M.A, A Atuação do Banco Interamericano de Desenvolvimento no Brasil (1959-2006), 2007, Dissertação. Programa de Mestrado "San Tiago Dantas" Unesp, Unicamp, Puc-SP, São Paulo, SP, 2007.

SEMERARO, G. Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade.. Cadernos do CEDES (UNICAMP), v. 26, p. 373-391, 2006.

WOODS, N. The Globalizers: the IMF, the World Bank and their Borrowers. Cornell University Press, 2006.

¹ Professor de Relações Internacionais do Centro Universitário de Belo Horizonte - Uni-BH

Chamada de Artigos

Entrega de artigos

O Boletim Conjuntura Internacional opera em fluxo contínuo. Os artigos serão analisados conforme ordem de chegada.

Normas de Produção

O artigo deve ser entregue em formato .doc pelo e-mail do Boletim Conjuntura Internacional: ci@pucminas.br, contendo ainda um arquivo informando o nome completo do autor, informações pessoais e e-mail de contato. A submissão também pode ser feita online, a partir do Sistema de Periódicos Online da PUC Minas – <http://periodicos.pucminas.br>

O Boletim Conjuntura Internacional atenta ainda para as seguintes considerações:

- 1 – O autor deve possuir diploma de ensino superior em áreas correlatas à temática central da publicação;
- 2- Os artigos enviados devem ser inéditos;
- 3- Todo e qualquer artigo enviado ao Boletim Conjuntura Internacional será submetido ao Conselho Editorial, a quem cabe a decisão soberana acerca do mérito da proposta;
- 4- Os artigos devem ser formatados com espaçamento duplo, Times New Roman e corpo 12. Devem conter, obrigatoriamente, entre 30.000 e 50.000 caracteres (incluindo espaços; notas; referências; e palavras e caracteres de quadros, gráficos e tabelas). Além disso, devem ser acompanhados por abstracts, resumos de 500 a 800 caracteres em português e em inglês, com quatro a seis palavras-chave, em que fique clara uma síntese de propósitos, dos métodos utilizados e das principais conclusões alcançadas;
- 5- Os quadros e gráficos deve ser apresentados em folhas separadas do texto corrido, numerados e titulados, com indicação das unidades em que se expressam os valores e fontes correspondentes. Os gráficos e tabelas devem se apresentar, sempre que possível, confeccionados para sua reprodução direta;
- 6- As notas devem ser de natureza substantiva, restringindo-se a comentários adicionais do texto. Devem ser alocadas ao final da página, iniciar-se com a chamada numérica recebida no texto, em corpo 10, usando-se espaçamento simples entre linhas e espaçamento duplo entre notas;
- 7- Citações, quando necessárias, devem seguir a regra: se menores de três linhas, são inseridas diretamente no texto, entre aspas; se maiores de três linhas, devem constituir parágrafos independentes com espaçamento simples e margem esquerda de 4 cm. Em sequência a cada citação, devem aparecer o sobrenome do autor, o ano da publicação e o número de página;

8- As referências devem vir ao final do texto, em ordem alfabética, com título do livro ou periódico em itálico. A referência deve conter, na ordem, sobrenome do autor, nome do autor, título, edição local, editora, data. No caso de periódico, é necessário incluir o nome do mesmo após o título do trabalho;

9- Qualquer dúvida quanto às normas aqui citadas ou a outros modelos de publicação, pede-se seguir as normas da ABNT (para mais informações, verificar http://www.pucminas.br/documentos/normalizacao_artigos.pdf);

10- O Boletim Conjuntura Internacional se reserva o direito de alterar os originais, a fim de adequá-los às regras acima descritas;

11- No caso da publicação do artigo, o autor será notificado de sua publicação;

12- Os trabalhos e artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, de forma que o Boletim Conjuntura Internacional e seus conselheiros não assumem a responsabilidade pelas opiniões expressas.

Telefones para contato: (31) 3319-4257 e (31) 3319-4935

Para mais informações, favor enviar e-mail para ci@pucminas.br

Atenciosamente,

Conselho Executivo do Boletim Conjuntura Internacional.

Prof. Leonardo César Souza Ramos

Profa. Geraldine Marcelle Moreira Braga Rosas Duarte